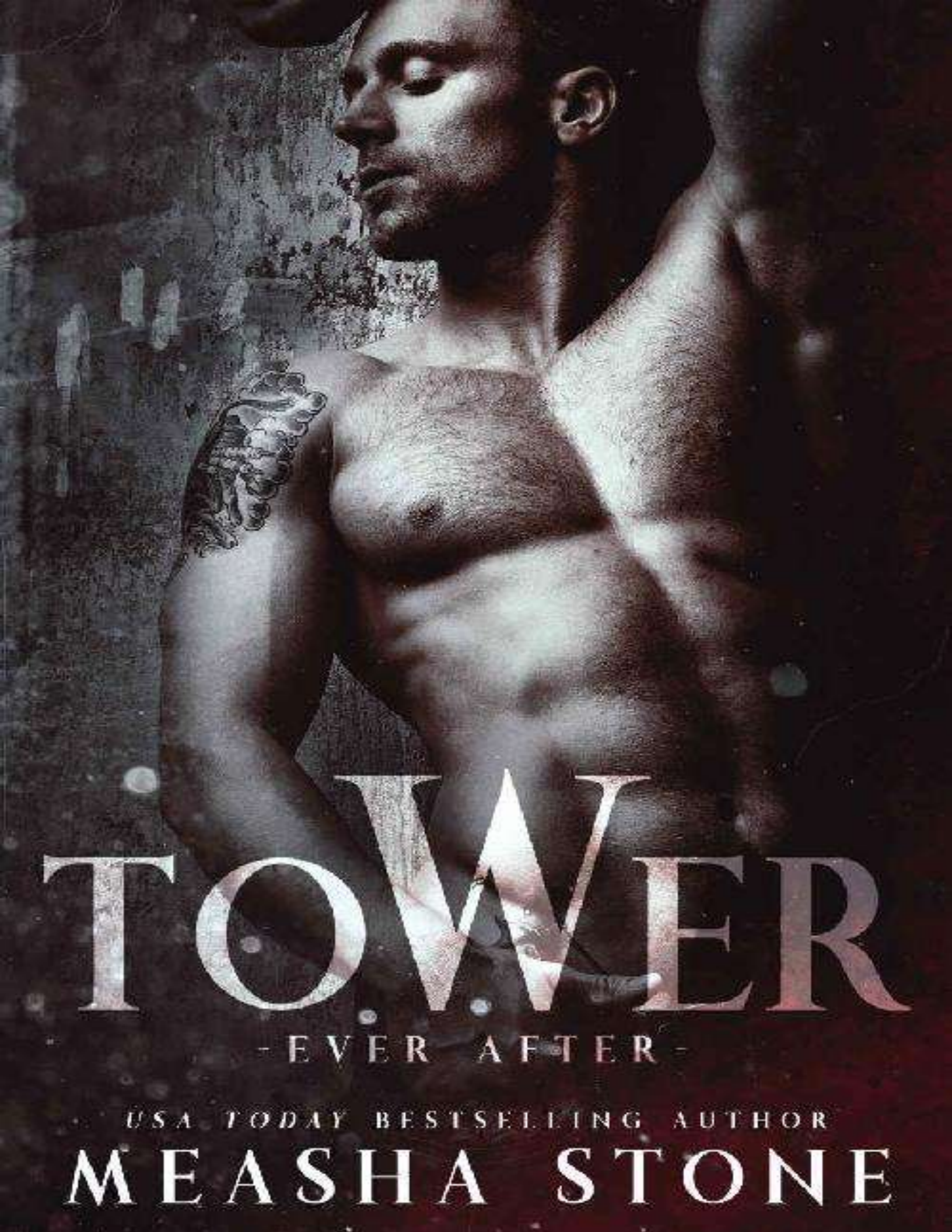


TOWER

-EVER AFTER-

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

MEASHA STONE



TRADUÇÃO : LUIZA NERD

REVISÃO: LUIZA NERD

LEITURA FINAL: KALI NERD

NOVEMBRO/ 2018

Quando Azalea conheceu Peter Titon, ela tinha certeza de que foi um encontro casual.

Mas quando sua mãe super protetora sai para uma viagem de trabalho, e os homens deixados para protegê-la falham, ela é levada por Peter no escuro da noite, sem nenhuma explicação.

Peter não é do tipo que explica seus motivos, e pegar Azalea não é uma exceção. Ele pega o que ele quer. Quando ele vê Azalea em seu mais novo clube, Tower, seu fogo e coragem o atraíram para ela. Mais tarde, quando ele a encontra trancada em seu quarto, ele decide que é melhor tê-la trancada com ele.

Mas há mais em jogo aqui do que apenas algumas noites de diversão com uma mulher atraente. E enquanto os dois balançam nas ondas sensuais, velhas mágoas e verdades há muito esquecidas dançam perigosamente perto.

Azalea e Peter terão que decidir onde sua lealdade e corações realmente estão, e o que eles estão dispostos a arriscar para encontrar a verdade.

CAPÍTULO UM

As luzes iluminavam a rua ao ponto de parecer luz do dia. Azalea Gothel dobrou a esquina para a Main Street, o que a levaria ao local escolhido. Levantou o capuz para bloquear o reconhecimento, só tinha algumas horas. Mais do que isso, e seria descoberta.

Ela passou por uma loja estreita vendendo bebidas alcoólicas e emoções baratas, principalmente jogando no que as luzes de néon piscando anunciavam, e dirigiu-se para o clube maior, mais sofisticado. O edifício se destacava do resto da faixa, elevando-se sobre todos eles e decorado em um esquema muito mais escuro que o resto.

O clube lembrava uma mansão renascentista, com uma arquitetura sinistra e duas grandes gárgulas empoleiradas em pódios com vista para a entrada. Duas torres subiam para um segundo andar com um terceiro subindo dois andares acima dos outros.

O proprietário havia apropriadamente nomeado o clube Tower[1], ou talvez ele tivesse construído o clube em torno do nome.

[1] Torre.

Não importava, e ela tinha preocupações muito maiores no momento. Sua curiosidade a levou às ruas da cidade, fora do conforto de sua suíte, onde morava com a mãe. Mas ela tinha apenas algumas horas. Se não voltasse para casa antes da meia-noite, sua ausência seria descoberta.

Foi irritante crescer tendo uma mãe super protetora. Agora, causava um desespero que Azalea nunca sentiu antes.

"Olá linda." Uma voz atrás dela deslizou por cima do ombro. Ela acelerou seus passos. O dono da voz amaldiçoou-a, mas não a seguiu.

Tower podia atender a clientela do alto escalão, mas trazia as bestas decadentes também. Não era completamente ingênua; sabia melhor do que pensar que seria capaz de andar na rua sem pelo menos os olhos de um homem nela. Era o cabelo dela. As tranças douradas facilmente atraíam a atenção.

Puxou o capuz para mais perto do rosto e foi até a entrada do clube. Respirando fundo, pegou sua pequena bolsa e pegou a nota.

"Você está sozinha?" O segurança olhou para trás dela. Em uma hora tão tardia, a noite já estava a todo vapor, mas não havia uma fila.

"Sim," disse ela e acenou as notas em sua direção. "Cinquenta dólares, certo?" Empurrou o dinheiro para ele novamente quando não aceitou.

"Tire esse casaco," ele ordenou.

Ela soltou um suspiro. Dificilmente esconderia armas em um sobretudo tão frágil, mas se isso fizesse com que o imenso guarda pegasse seu dinheiro e a tirasse na rua, ela iria jogar junto.

Tirando o casaco, jogou-o sobre o braço e empurrou as notas para ele novamente. "OK?"

Ele olhou para ela. Um sorriso cresceu em seus lábios quando seu olhar alcançou seu peito, e se iluminou enquanto viajava para baixo.

Pegando o dinheiro, assentiu. "Sim, mas se fosse você, ficaria perto do bar e não andaria por aí. Menos probabilidade de ser pega."

Ela não se incomodou em perguntar o que queria dizer, já que ele tinha falado as palavras diretamente para os seios dela, e entrou.

Música com batidas baixas e profundas soava, atraindo-a para o clube. Parou no revestimento para deixar o casaco e enfiou o bilhete na bolsa.

Quando entrou na sala principal, a vida do clube entrou em erupção diante dela. A música ficou mais intensa, ou talvez se sentisse assim com todas as cenas acontecendo ao seu redor. O clube atendia as paixões mais sombrias, do tipo que ela esteve lendo, fantasiando. Foi como encontrou o clube. Não tendo muito para preencher seus dias além de seus projetos de design gráfico, ela mergulhou em todas as imagens que o Google tinha a oferecer sobre os assuntos desobedientes.

O nevoeiro rodou pelo chão. Ela caminhou em direção ao bar, lembrando-se do que o porteiro lhe dissera. Tomaria uma bebida, olharia a atmosfera, e então faria suas rondas. Tanto para ver, tanto para absorver.

O estalo afiado de um chicote descarrilou sua missão, e ela seguiu o som em seu lugar. Ao longo das bordas de cada sala, cenas se desenrolaram. Algumas eram simples - uma mulher de joelhos sendo acariciada pelo homem que se elevava sobre ela - enquanto outras eram mais intrincadas. Uma mulher pendurada no teto, envolta em corda de tal maneira que parecia mais uma obra de arte do que um brinquedo sexual. Azalea levou um momento para admirar o nó e o desenho da corda ao redor do tronco e das pernas da mulher antes que um segundo estalo fizesse seus pés se moverem novamente.

Ela fez o seu caminho através da multidão, sentindo homens olhando para ela e ouvindo um murmúrio rudimentar, mas não lhes deu atenção. Examinando o quarto, percebeu que era a única mulher andando livremente pela sala sem uma escolta. Como não tinha percebido isso?

Mas sua visão muitas vezes ficava encoberta quando tinha a mente fixada. Era uma das falhas que sua mãe havia trabalhado arduamente ao longo dos anos para aliviá-la sem qualquer sucesso.

Chegou à cena principal, o grande palco posicionado na parte de trás do clube, e abriu caminho até a frente da multidão. Um homem, um chicote pendurado na mão, estava a vários metros de distância da mulher amarrada diante dele. As mãos da vítima ruiva estavam amarradas sobre a cabeça no poste de chicotadas, as pernas estendidas por uma barra de ferro algemada aos tornozelos. Ela não tinha escolha. Nada para fazer a não ser aceitar os açoites do homem segurando o chicote trançado.

Azalea se concentrou nele. Usava apenas um par de calças pretas. Ela teria esperado couro. Seu peito estava completamente exposto ao público, exceto pelas grandes tatuagens que cobriam seus braços e peitorais. Ele poderia ter sido uma das estátuas esculpidas decorando o clube, com suas

feições e corpo esculpidos. Tudo nele parecia duro. Inflexível.

E a tenda em suas calças provava isso.

"É melhor que acabe em breve." Um sussurro veio de trás dela. "Eu preciso te levar para cima ou vou gozar em minhas calças."

Azalea olhou por cima do ombro para o homem que falou. Seus olhos encontraram os dela brevemente, e ele sorriu, pressionando um beijo na testa da mulher ao lado dele. Ela parecia tão excitada quanto seu parceiro com os olhos dilatados e os dentes mordendo o lábio inferior.

Quando Azalea olhou de volta para a cena, seus olhos ficaram presos no olhar do homem com o chicote. Sua respiração ficou presa, e ela engoliu um suspiro surpreso. Ele olhou diretamente para ela, um profundo vinco crescendo em sua testa.

Tal poder, e centrava-se nela. Sua respiração ficou mais fácil quando ele se virou para a mulher no poste.

Seis vergões vermelhos cruzavam as costas esbeltas da mulher. Sua testa descansou no poste de madeira, seus músculos tensos e esperando o próximo açoite.

O homem circulou-a, observando-a com seu olhar sombrio; sua testa franzida. Azalea mordeu o lábio enquanto ele estava diante da mulher açoitada e beliscava seus mamilos. Um gemido sedutor atravessou o palco e a plateia.

"Mais uma para a minha menina," anunciou ele e soltou seus seios.

Azálea cobriu a boca quando ele retomou sua posição e puxou a mão para trás. Ela se forçou a não desviar o olhar. Seus músculos ondulavam com seu movimento, seus olhos permaneciam focados em seu alvo e o chicote pousou com precisão. Outra marca vermelha floresceu na carne cremosa, e a mulher gritou, jogando a cabeça de lado a lado.

Pendurou o chicote no pescoço e foi até ela, traçando levemente cada marca com os dedos antes de lhe dar um beijo suave. A multidão se dispersou, voltando para os jogos que jogavam por conta própria em busca de mais prazer ou indo para o bar. Azálea ficou. Ela assistiu, hipnotizada pelo cuidado carinhoso que ele deu a sua presa torturada.

O homem que a chicoteava com tal poder, tal precisão, a tirou do mastro e envolveu um cobertor em volta dela. Azalea pegou o pequeno estremecimento que ela deu ao ter suas costas tocadas, mas também notou

o olhar saciado em seu lindo rosto. O homem que empunhara o chicote a escoltou para o lado do palco e a entregou a outro homem que conduziu a mulher atrás das cortinas.

Algo tão intenso, tão bárbaro na natureza não tinha sido nada cruel. Azalea suspirou para si mesma. Se tivesse chegado antes, poderia ter visto mais, mas já era difícil sair sem ser notada. Se tivesse saído mais cedo, sua mãe teria sido informada. Os guardas a teriam visto sair e iriam averiguar imediatamente.

Uma vez que o homem com as tatuagens desapareceu, Azalea foi para o bar. Uma bebida e uma pequena quantidade de voyeurismo, e ela voltaria para casa. Se sua mãe a pegasse, demoraria meses para poder revisitar o clube.

Correu os dedos pelos longos cabelos e os puxou para frente por cima do ombro, cobrindo a maior parte do peito com o cabelo dourado.

"O que posso pegar para você?" o barman, um homem jovem com uma caveira preta tatuada em sua garganta perguntou.

"Uma taça de vinho? Branco, Por favor?” Abriu caminho entre dois

casais e encontrou um banquinho. As cenas ao longo da parede nas alcovas mudaram. A mulher amarrada foi libertada de seus laços e outro casal se mudou para a área para começar uma nova cena.

"Fantástico, não é?" O barman perguntou quando deslizou seu vinho para ela. "Você nunca esteve aqui antes."

"Não." Balançou a cabeça e entregou dinheiro pelo bar.

Ele balançou sua cabeça. "Sem custo." Sorriu e apontou para o palco principal. "Mas Peter quer uma palavra."

"Peter?" ela perguntou, olhando para onde ele havia apontado. O homem que tinha usado o chicote estava no centro do palco, olhando para ela sobre as cabeças da multidão. "Por quê?"

"Provavelmente porque você não é permitida aqui." O bartender riu, bateu no bar com os dedos e seguiu em frente. “Termine sua bebida. Você precisará disso.”

Azalea puxou o decote do vestido que usava, subitamente consciente dos olhos que a atacavam. Ela só foi capaz de pegar algo em seu armário, e o vestido roxo profundo tinha sido o único que parecia apropriado para o

clube. E o único vestido que se encaixava, mesmo mal. Embora o decote fosse profundo, tudo estava coberto. A saia do vestido passou muito além dos joelhos. No geral, ela não era muito para olhar. Não em comparação com as mulheres bonitas da Tower.

Decidiu não ter medo. Ela chegou tão longe; não ia deixar um pequeno olhar do outro lado da sala incendiar sua determinação.

Mesmo se isso acontecesse.

Bebendo seu vinho, se afastou da figura escura pairando sobre a multidão. Se queria falar com ela, poderia muito bem descer de seu holofote e fazê-lo. Ela não teria medo. tinha todo o direito de estar lá.

A menos que ele conhecesse a mãe dela.

Se conhecesse sua mãe, ela estar lá em seu clube poderia ser mais perigoso do que esperava quando descesse a escadaria de sua casa.

Raiva familiar fermentou dentro dela. Quando iria ter uma chance? Estava cansada de ser puxada e levada em qualquer direção que sua mãe quisesse. E agora parecia que ela tinha homens por toda a cidade esperando que cometesse um erro.

Bem, já era o suficiente. Colocou o copo vazio no balcão e virou-se com a intenção de marchar pela multidão e dizer a Peter, qualquer que fosse o nome dele, ir para o inferno.

Só que quando se virou bateu nele. Peter. O homem de peito nu e carrancudo havia atravessado a multidão e ido até ela, ao mesmo tempo que o sentia.

"Droga" Esfregou o nariz que havia sido esmagado na colisão.

"Você não deveria estar aqui." Sua voz profunda vibrava através do barulho. “Se quer trabalhar no meu clube, entra pela entrada dos fundos e é designada para um manipulador.”

Trabalhar em seu clube?

"Do que você está falando?" Ela tentou se retirar, mas a multidão manteve-a presa contra ele. "Eu não sou, oh meu deus, você acha que sou uma das garotas?" Cobriu a boca para esconder o riso nervoso começando a entrar em erupção. Seu mais irritante defeito, a risadinha estúpida. "Eu não sou. Só queria ver o clube. Não estou trabalhando - para ninguém.”

Ele estreitou seu olhar enquanto viajava pelo comprimento de seu

corpo. Ela puxou o decote novamente, não que isso adiantava algo.

"Você está sozinha?" A acusação de ser solteira veio mais do que a acusação de ser uma garota do trabalho em seu clube.

"Sim." Ela assentiu, levantando o queixo. Não se esconderia. Não mais.

Peter afastou o olhar dela para o barman. “Duas bebidas no máximo. Coloque na guia da casa - disse ele, levantando dois dedos.

"Você está tentando ditar o quanto tenho que beber?" Ela não se incomodou em tentar esconder seu aborrecimento com sua arrogância.

"Não." Fixou seu olhar escuro nela. “Não estou *tentando* fazer nada. Estou fazendo isso. Duas bebidas, só isso. E se alguém se aproximar de você que você não queira, você sinaliza aquele cara ali.” Peter virou-se para apontar para um guarda de segurança parado no final do bar.

"Posso me defender perfeitamente bem." Enrolou os dedos dos pés em seus sapatos. Se essa fosse a verdade, ela não estaria em sua situação atual.

O lado direito dos lábios dele se curvou. Não um sorriso verdadeiro,

mas pelo menos sua expressão se iluminou.

"Tenho certeza de que é verdade - uh, qual é o seu nome?" Ele se inclinou para mais perto para ouvi-la, mas ao fazê-lo trouxe seu perfume masculino com ele. Ela inalou profundamente, apreciando o cheiro de almíscar e couro.

"Azalea," ela disse suavemente.

Ele se afastou com uma sobrancelha enrugada. "Que incomum."

"É uma flor. Minha mãe gosta de flores," explicou ela.

"Hmm." Ele apertou os lábios juntos. "Bem, Azalea, você já tomou uma bebida. Pode ter mais uma para a noite."

"Você não pode ir mandando em garotas que nem conhece," ela rosnou. Já tinha planejado ter talvez mais um copo de vinho no máximo, mas não podia permitir que sua arrogância fosse desmarcada.

Arqueou uma sobrancelha negra para ela, fazendo seu olhar mais cedo parecer uma agradável saudação. "Este é o meu clube. Se eu disser duas bebidas, então são duas bebidas. Eu não iria dizer mais nada. Isso deixaria a

mensagem mais clara?”

Ela endireitou os ombros para encontrá-lo de frente. Nunca mais o veria depois disso. Por que não empurrar o limite apenas um pouco? Por que não ter um pouco de diversão antes que se encontrasse trancada novamente?

“E se eu quiser mais? Poderia facilmente conseguir que um desses homens me comprasse uma bebida.” Ela acenou com a mão, apontando para a multidão. Obviamente, uma mulher solteira no clube era uma coisa rara, então era fácil apostar que os homens cairiam a seus pés se pedisse.

Seus olhos se estreitaram uma fração, ele colocou as mãos na barra atrás dela, prendendo-a com um olhar de aço.

"Não acho que você queira saber qual seria a consequência da desobediência."

Ela deu uma olhada intencional no palco vazio. "Acho que posso ter uma ideia.”

Seus lábios se curvaram em um sorriso largo, como se sua declaração lhe agradasse quase tanto quanto sua desobediência o incomodava.

“O que você viu foi brincadeira. Um pequeno show para o clube.”

Azalea sentiu a escuridão nele, na forma como seu sorriso torceu e sua sobrancelha se curvou quando lhe deu a ameaça velada. Uma parte dela deveria ter ficado desconfiada, assustada até, mas se viu querendo entrar nisso com ele. Ser devorada mesmo que por um breve momento, pela escuridão nele.

“Duas bebidas. Nem um gole a mais. É para sua segurança Azalea, não porque sou um idiota.” Ele bateu a ponta do nariz com o dedo e se afastou, dando-lhe mais ar para respirar, mais espaço para se perder.

"E você coloca a segurança acima dos lucros para todos os seus clientes?" ela o pressionou.

"Apenas aqueles dignos,” brincou e gesticulou para o barman. “Ela está cortada depois de mais um copo de vinho. Se você servir a ela, ou a qualquer homem que lhe der uma bebida, será demitido no local, sem nenhuma referência.”

Azalea ofegou e olhou para o barman para avaliar sua resposta.

Para sua surpresa, ele apenas assentiu. "Entendo. Mais um copo de

vinho, depois nada.”

"Isso não é justo. Como ele poderia saber se alguém está comprando uma bebida para mim?” Exigiu de Peter.

Ele mudou seu olhar negro de volta para ela e levantou um ombro em um encolher de ombros fácil. "A vida é sempre assim, princesa."

Ela não podia argumentar logicamente. Já conhecia bem essa lição.

"Talvez você seja um idiota, afinal,” ela retrucou, e ele riu, uma risada suave, mas iluminou suas feições.

“Nunca disse que não era. Só disse que não era a razão pela qual estou cortando você.”

O homem era impossível e estava perdendo todo o seu tempo. Ela não tinha muito tempo antes de precisar voltar para casa.

"Tanto faz." Revirou os olhos e virou as costas para ele, sinalizando para o barman que gostaria de ter o último copo de vinho. Realmente não queria isso. Mas não ia deixar o macaco enorme atrás dela pensar que ele realmente tinha uma opinião sobre o que ela fez ou não fez.

"Acho que alguém realmente quer uma surra hoje à noite." Seu profundo sussurro correu ao longo de sua orelha. “Você não tem que ser tão impertinente. Se quiser jogar, venha ao meu escritório. O guarda vai deixar você entrar e vou te dar todas as palmadas que quiser. Mas se você continuar sendo tão ruim, não serei capaz de fazer você se sentir bem.”

Ela congelou. Cada músculo em seu corpo se recusou a se mover. Como diabos deveria responder a isso. Obviamente, ela não podia.

Certo?

Não, ela não podia.

Não tinha tempo.

E especialmente não com ele.

Muito arrogante.

Tão bonito.

Muito dominador.

"Talvez, se eu tiver tempo." Tentou soar desdenhosa, mas podia sentir

o tremor em sua voz. Esperançosamente, o som foi perdido no ruído de fundo.

"Bem, espero que você faça."

Ela pegou seu copo de vinho e se virou para ele. Mas ele foi embora. O viu no meio da multidão; o mar de pessoas simplesmente se separou para ele enquanto passava. Subiu os degraus perto do palco e parou para falar com o guarda. Ela notou que apontava na direção dela, e suas bochechas se aqueceram. Ele realmente queria que ela fosse ao seu escritório?

Por uma surra?

A pequena taça pendurada no pulso dela vibrava.

"Merda," murmurou, colocou o copo de volta, intocado, e olhou o relógio. O alarme dela a lembrou da hora e da urgência com que precisava para se mexer.

Meia hora. Tempo suficiente para pegar o casaco e chegar em casa antes que a reunião da mãe terminasse.

Esquecendo o copo de vinho, abriu caminho pela multidão e foi para a

saída.

CAPÍTULO DOIS

As janelas tremeram do trovão lá fora. Uma tempestade se formou, e Peter desejou que fosse apenas o tempo que significava a tempestade vindo em sua direção.

Sabia que abrir seu clube poderia ser visto como uma fuga do Anexo, pelo menos por membros da cidade que não compreendiam bem o conceito completo de lealdade. Ter sua própria parte da vida noturna não o distraiu de sua família. Sua lealdade sempre permaneceria com a família Titon. Mas deu-lhe um lugar onde ele reinava absolutamente. Ninguém para responder, ninguém para administrar as coisas, tudo em seus termos e dentro de seu controle. Exatamente do jeito que gostava.

Peter andou até as janelas com vista para a cidade abaixo. Convidou uma mulher para o seu escritório. Uma mulher que não conhecia, mas fora atraído desde a primeira vez que a olhara no meio da multidão.

Ela jogou muito bem, mas ele tinha visto o nervosismo zumbindo sob seu falso olhar. Quanto mais ela empurrava o queixo para cima, mais visível

o medo. O pequeno tremor em sua voz cimentou a conclusão dele. Era uma inocente. Inferno, poderia ser uma maldita virgem com a maneira como seus olhos se arregalaram nas visões diante dela. Mas quando ele levou o chicote em Cassandra durante seu pequeno show para o clube, Azalea tinha mergulhado totalmente.

Ele tinha planejado levar Cassandra para cima em sua oferta de jantar depois da demonstração dele/dela, mas mudou de ideia quando pegou o olhar de Azalea. Sua roupa a abraçava com muita aderência, apresentando mais de seu corpo do que devia para alguém que não queria oferecer uma amostra, mas ela disse que não estava trabalhando.

Peter suspirou e balançou a cabeça. Ela provavelmente não estaria chegando. E ele deveria estar voltando ao anexo. Com Ash longe em sua lua de mel, tinha o dever duplo de ter certeza de que as meninas estavam seguras e permanecendo dentro de seus limites. Mesmo as mulheres adultas que sabiam muito bem as consequências de quebrar as regras de segurança da casa jogavam mais duro quando o chefe estava fora.

Fazendo o seu caminho através das escadas de trás, ligou para o atendente de garagem e disse-lhe para ter seu carro pronto. A parede de

espelho de duas faces que ele colocou deu-lhe a oportunidade de ignorar a dança e observar o clube. Examinou a multidão em busca do cabelo louro-acinzentado de Azalea, mas não conseguiu nada. Talvez a tivesse assustado, e talvez fosse melhor que ela fosse embora. Uma inocente como ela seria devorada.

"A chuva está começando a cair com força." Sam deixou a porta aberta para o Challenger preto de Peter para deixá-lo deslizar para o banco do motorista.

"Eu vou ficar bem," Peter assegurou-lhe com um sorriso. Poderia lidar com qualquer carro em qualquer clima. A chuva tornaria o tráfego mais chato e não mais perigoso.

"Vejo você amanhã, então." Sam acenou e voltou para o seu posto nos portões.

Puxando para fora, Peter acionou os limpadores e fez o seu caminho através do tráfego para a Main Street. A chuva bagunçou as ruas já superlotadas e rapidamente o levou a uma parada. Quando se recostou em seu assento, suspirando novamente com a exaustão que sentia em seus músculos, se virou para observar as pessoas na calçada. Ele construiu o The

Tower o mais longe possível dos clubes. Infelizmente, isso significava uma parte menos exclusiva da cidade. Embora o crime de rua tenha sido bem administrado em torno de seu clube, percebeu que não gostava da vizinhança.

Um flash de branco chamou sua atenção, e ele avançou para frente, abaixando a cabeça para ter uma visão melhor. O capuz escuro voou de uma mulher correndo em direção ao seu carro, e todo o cabelo loiro escondido por baixo caiu. Ela agarrou o capuz enquanto tentava correr pela multidão, mas não estava encontrando muito sucesso.

"O que diabos ela está fazendo?" Ele já estava a vários quarteirões de distância do Tower, longe do alcance de qualquer um dos guardas de segurança ou da presença policial extra que ele exigia. O vento chicoteou o cabelo dela na frente dela, e ela o puxou embora, ainda presa atrás de um grupo de pessoas que não entendiam a ideia de que ela parecia estar com pressa.

Peter encontrou uma entrada no beco e tocou a buzina enquanto se misturava ao tráfego para chegar até ela. Entrou no beco, cortando o grupo no cruzamento. Alguns homens na multidão o dispensaram e xingaram, mas

assim que ele saiu do carro, recuaram, deram a volta pelos fundos do Challenger e seguiram em frente.

Azalea ainda lutava com o casaco e o vento forte e não pareceu tê-lo visto. Peter se aproximou dela e agarrou seus braços.

Ela gritou e olhou para ele, o medo selvagem dançando em seus olhos.

"Sou eu, Peter - da Tower," disse ele, puxando-a para mais perto do carro. "Você não tem uma carona?"

Ela piscou algumas vezes, o cabelo tão molhado que ficou preso na testa.

"Não, ia pegar o ônibus, mas..."

Ele balançou sua cabeça. "vou te levar. Entre."

Ela olhou para o carro e voltou para a estrada. "O ônibus..."

"Parou de passar cinco minutos atrás. Você não verificou o horário?" Uma das muitas coisas que ele odiava sobre o transporte público. Com todos os novos serviços de táxi e carro, os ônibus paravam de funcionar antes que a maioria dos clubes diminuísse o ritmo a noite.

Um trovão cortou sua resposta e ele balançou a cabeça. “Diga-me no carro. Você não está andando, ou melhor, correndo nisso.” Seu manto abriu-se um pouco, e seu vestido já muito apertado se agarrou a ela como uma segunda pele, e gotas de água brilhavam em seu decote exposto. Porra, seu pau reagiu muito rapidamente para ela.

Ela abriu a boca, provavelmente para tentar protestar novamente, mas fechou-a quando um relâmpago iluminou o céu noturno. Com um aceno de cabeça, andou para frente e deixou-o levá-la para o lado do passageiro.

Uma vez de volta ao carro, ele se recuperou. Encharcado, olhou para ela. "Aperte o cinto,” lembrou quando ela não se moveu para pegar o cinto.

"A hora está correta?" ela perguntou apontando para o relógio digital no painel, que mostrava 23h45.

"Sim, por quê?"

Ela agarrou o cinto e o segurou. “Moro a seis quilômetros na Main Street. Corner of Main e 3º.” Ela apontou para o beco. "Acho que se você passar por aqui e pegar estradas de volta, será mais rápido do que virar na Main." Olhou para trás, para fora da janela traseira. "O trânsito parece

ruim."

A escutou e desconfiou que não era por medo dele, mas sim pelo pânico com o tempo. Sua resposta ao convite dele foi: *Se eu tiver tempo.*

"Você tem um toque de recolher ou algo assim?" perguntou, jogando o carro na direção e fazendo com que eles se movessem.

"O que? Não, eu só... Realmente preciso ir para casa."

Mesmo com sua aura inocente, não parecia menor de idade. E o porteiro dele não a deixaria entrar na Tower se não tivesse pelo menos idade para beber. Já que ele já tinha chegado à conclusão de que era uma garota de programa em seu clube sem ser convidada, não estava querendo ofendê-la novamente exigindo ver sua identidade.

Peter conhecia bem a cidade para ficar longe das ruas superlotadas.

"Você não esteve na Tower por muito tempo," disse ele, aumentando a velocidade dos limpadores. A chuva atingiu o carro enquanto se dirigia para a casa dela.

"Eu subestimei quanto tempo levaria para chegar lá." olhou para ele e

se virou para olhar pela janela. "Vi o suficiente, eu acho."

"Cassandra. É a mulher com quem estava trabalhando no palco. Ela está bem. Não está ferida." Ele nunca explicou seu tipo de brincadeira com ninguém, mas, novamente, não conseguia se lembrar da última vez que encontrou alguém que não entendia.

"Eu sei." Azalea puxou o cabelo para trás e passou os dedos pelas tranças longas. "Ela parecia feliz."

Peter sorriu. Cassandra teria ficado mais feliz se tivesse dado a ela meia dúzia de açoites com o chicote, mas ele sabia quando era o suficiente. As endorfinas às vezes confundiam a verdade do que uma submissa podia aceitar.

"Eu sabia o que veria no clube. Então, se está preocupado que tenha me assustado ou algo assim, não fique." Ela se inclinou para frente em seu assento. "Estou deixando seu carro todo molhado."

Peter fez uma curva à direita e sacudiu as aberturas para soprar mais do lado dela do carro. "O que você estava fazendo, tentando correr para casa?"

"Isso realmente não é da sua conta," disse, colocando as mãos na frente do ar quente que soprava para ela.

"Você sabe que tipo de pessoas ficam na esquina que você estava caminhando?"

"Se a área é tão ruim, por que colocar o seu clube lá?" ela respondeu.

Ele deixou a pergunta passar. Poderia entrar em um longo discurso sobre querer reviver a área. Traze-la para um padrão melhor para aqueles que vivem e trabalham nela. As mulheres que faziam sexo na rua precisavam de locais mais seguros para trabalhar.

Não que se considerasse o salvador das mulheres, ou qualquer um para esse assunto. Inferno, ele não seria acusado por ninguém de ter um coração de ouro. Mas as pessoas mereciam melhor.

"Então, não há dinheiro de táxi?" Empurrou o assunto novamente.

Ela não respondeu, apenas bufou e coçou o pescoço. A chuva a deixou ensopada em sua roupa encharcada enquanto caminhava pela cidade. Ela olhou para o relógio digital uma e outra vez, seus dedos torcendo juntos toda vez que outro minuto se passava.

“Vá pelo beco. É mais rápido." apontou para a abertura estreita que estava do seu lado direito.

Ele ligou o sinal e deu a volta.

“Agora à esquerda. Estou bem na esquina,” disse ela, já recolhendo seus pertences e segurando o trinco.

“Espere, Azalea. Não pule para fora.” Ele encontrou um lugar aberto para entrar e parar, grato que a chuva tinha se transformado em uma névoa irritante e correu para o lado dela.

"Eu poderia ter feito isso." Saiu do carro e apertou mais o manto em volta do corpo.

"Acho que as palavras que você quis dizer foram obrigada,” ele repreendeu em um tom baixo, dando um passo em direção a ela. Era uma coisa ela ficar irritada depois que ele a acusou de ser uma prostituta, mas ser rude pelo motivo de ser rude não voava com ele.

A impediu de se afastar do carro e se elevou sobre ela. Ela soltou um suspiro e deixou cair os ombros.

"Obrigado. Pelo o vinho. Pelos insultos. E pelo o passeio.” Olhou para ele, os olhos inocentes que ele foi atraído desde o clube estreitaram, e seus lábios pressionaram juntos. "Realmente preciso ir." Um tremor subjugou sua voz. Ela não estava irritada com ele, estava em pânico.

"Da próxima vez que te ver, nós podemos ter uma longa conversa sobre boas maneiras e a maneira correta de me agradecer." Ele empurrou os lábios em um sorriso e saiu do seu caminho, seguindo-a enquanto ela se aproximava da escada de arenito.

Ela parou no primeiro degrau e se virou para encará-lo. “Você não precisa me acompanhar. Eu estou bem daqui.”

As cortinas de renda cobrindo a janela da frente se moveram para o lado e depois voltaram para o lugar.

Peter sentiu sua urgência, sentiu a tensão crescendo dentro dela e voltou para a calçada. Ele iria ficar para trás, mas não estava indo embora. O ar não cheirava bem, não parecia certo. Algo aqui estava errado.

"Vou esperar até você entrar,” disse categoricamente. Ela não seria capaz de convencê-lo do contrário, e esperançosamente entendeu isso pelo

tom dele.

O clique de uma fechadura sendo desfeita chamou sua atenção, e ela poupou um segundo para olhar para ele, em seguida, virou-se e subiu as escadas. Assim que a porta começou a abrir, ela correu.

Ela entrou antes que Peter pudesse ver quem a abriu, mas não antes de ouvir a voz ameaçadora a cumprimentando.

“Você mal chegou em casa. Como diabos você saiu dessa vez?” A porta se fechou na resposta de Azalea, mas Peter duvidou que suas palavras tivessem esclarecido a situação de qualquer maneira.

O que diabos ele quis dizer com como ela saiu?

A chuva veio mais rápido e mais forte, mais uma vez, mas ele permaneceu onde estava, observando as janelas. Uma luz piscou para a vida no último andar. Uma pequena lâmpada solitária queimava atrás da sombra. Era ela. podia ver sua figura; ela escovou o cabelo para fora enquanto andava na frente da janela.

Balançou a cabeça, lembrando-se, qualquer que fosse o problema dela, era dela. Ele não a conhecia e não lhe devia nada.

Ele fez a coisa certa, trouxe-a para casa. Não a deixei correr na chuva por uma parte ruim da cidade.

Então, por que, quando puxou o carro para longe do prédio, estava mais preocupado com ela agora do que quando a encontrou na rua?

CAPÍTULO TRÊS

"AZalea, você parece exausta," sua mãe advertiu na mesa do café da manhã.

"Eu não dormi bem," disse Azalea, não mentindo no mínimo. O coração dela estava se acelerando depois de deixar Peter fora de casa e correr para dentro. Sua mãe havia entrado pela porta dos fundos apenas momentos depois. Se Peter insistisse em acompanhá-la até a porta, eles teriam sido encontrados.

Ela podia sentir a mãe olhando para ela, julgando-a e avaliando-a, do seu lugar do outro lado da mesa. Seus longos dedos acariciaram a alça de sua xícara de café.

"Você estava acordada até tarde?" ela perguntou. Para quem ouvisse, poderia parecer apenas curiosidade. Afinal de contas, Azalea era adulta e não tinha hora de dormir, mas conhecia bem os tons. Estava pescando. Ela suspeitava, e Azalea sabia o que aconteceria se sua mãe descobrisse que ela conseguiu escapar de casa depois que saiu para sua reunião.

"Eu estava lendo," Azalea mentiu e deu uma mordida na torrada.

Sua mãe suspirou, mas a deixou em paz. "Você ama esses livros mais do que eu, acho."

Azálea sorriu. "Claro que não." Por mais que alguns de seus humores segurassem Azalea a certa distância, sabia que sua mãe precisava sentir seu amor. A insegurança seria profunda em qualquer um que tivesse perdido um filho e tivesse um homem simplesmente saindo de sua vida como se fosse a coisa mais fácil de se fazer. Azalea nunca conheceu ou sabia muito sobre seu pai, além de que ele descobriu que sua mãe estava grávida pela segunda vez e desapareceu.

"Bom." Ela alcançou a mesa e deu uma tapinha na mão de Azalea. "Tenho que sair da cidade para a reunião anual mais cedo do que o habitual. Estou saindo amanhã de manhã."

Sua mãe nunca explicou totalmente o que fazia nessas reuniões, ou exatamente como ela ganhava dinheiro. Mas dado o fato de que Azaléia nunca quis nada material, não insistiu no assunto.

"Quanto tempo você vai embora?" Azalea perguntou, já inventando

viagens de um dia para os museus. Não seria difícil com a mãe para ela sair durante o dia; teria que ter Santos a acompanhando. Mas também havia as noites. Quando ela deveria estar dentro da casa - para sua própria segurança - ela queria explorar a cidade. Isso seria mais difícil, mas não impossível. E ter a mãe longe tornaria tudo ainda mais fácil.

"Três semanas, talvez um pouco mais," disse a mãe. Seus dedos começaram a tamborilar na mesa. "Vou estar em casa a tempo para o seu aniversário."

Azalea observou sua expressão com cuidado. Toda vez que ela mencionou seu aniversário, seus lábios se apertaram. Era como se estivesse tentando manter a excitação, ou talvez fosse medo. Sempre alertou Azalea sobre os perigos da cidade e prometeu que quando chegasse a hora de ela finalmente sair de casa e começar sua própria vida, estaria com ela a cada passo do caminho. Chegando ao seu vigésimo terceiro aniversário, parecia que deveria estar ao virar da esquina.

"Eu estava pensando." Azalea colocou o garfo na mesa e cruzou as mãos no colo. "Quando você voltar da reunião, poderemos começar a procurar um apartamento para mim. Já me formei. Tenho o meu diploma.

Talvez seja hora de procurar um emprego, começar a ganhar meu próprio dinheiro. Quando falamos sobre isso?”

“Você tem tudo o que precisa ou pode querer aqui mesmo. Por que iria querer trabalhar para outra pessoa? Se escravizar para torná-los mais ricos enquanto você fica com um escasso pagamento?”

"Talvez você possa me ensinar sobre o que você faz."

Santos, sempre observando, sufocou uma tosse atrás dela. Obviamente, achou a ideia engraçada. Bem, ele poderia sentar e girar, por tudo que Azalea se importava. Ela não era idiota. Talvez um pouco protegida, mas tinha uma boa cabeça nos ombros. E seu maldito quase perfeito GPA apoiou-a.

Os olhos de Bellatrix se agitaram de Santos para Azalea antes que um sorriso bem praticado se empoleirasse em seus lábios. - Azaléia, não sei se a sua licenciatura em design gráfico pode - bem, ser usada no meu negócio. Mas, suponho que posso entender que você quer abrir um pouco suas asas. Você completará vinte e três no mês que vem, e lembro de querer o mesmo quando tinha a sua idade. Quando eu chegar em casa, discutiremos mais. Mas até então, não mais se preocupar com o futuro. Tudo certo?"

"Claro," Azalea respondeu no tom suave que se acostumou a usar com sua mãe. Bellatrix exigiu respeito de seus empregados e queria amor eterno de sua filha.

"Bom. O que você planejou para hoje? Estarei ocupada a maior parte do dia, mas poderíamos nos encontrar para o jantar?"

"Oh, podemos sair? Ouvi dizer que há um novo restaurante se abrindo na orla." Azalea reprimiu sua excitação com a perspectiva de sair para a vida noturna, esperando que sua mãe não visse o quanto ela realmente queria ir.

"E onde você ouviu isso?" Bellatrix perguntou e tomou um gole de café.

"Quando estava na biblioteca ontem à tarde. A bibliotecária falava sobre isso com a mulher verificando livros. Ela disse que foi a melhor refeição que teve em anos." A azálea parafraseava a verdadeira revisão da refeição feita pela bibliotecária como orgástica.

"Talvez nós iremos quando eu voltar da minha viagem." Belatrix levantou-se da mesa e correu os longos dedos sobre a cintura e depois para baixo, esticando as rugas indesejadas. "Aproveite o seu dia, querida."

apertou um beijo quente na testa de Azalea e saiu da sala de jantar.

Azalea afundou na cadeira e soltou um longo suspiro. Não importava o quanto sua mãe gostasse dela, o quanto professava amá-la, Azalea costumava ter uma escuridão persistente pairando sobre ela sempre que sua mãe estava por perto.

"Enquanto sua mãe estiver longe, você não vai me causar problemas," disse Santos em seu lugar na porta. Ainda de guarda, mas provavelmente mais para mantê-la do que para manter os outros fora.

"Eu nunca faço." Revirou os olhos e pegou sua xícara de café.

Ele riu. "Tenho negócios importantes e suas pequenas viagens de campo estão ficando irritantes."

Azalea deixou cair o guardanapo no prato e caminhou até a porta, parando diante dele. "Você a ouviu. Quando voltar, estaremos procurando um apartamento para mim. Então não terá que se incomodar comigo."

O peito de Santos roncou com uma nova risada, mais escura desta vez. Mais significante. "Ela nunca vai deixar você ir. Você é uma boba."

"Minha mãe quer o que é melhor para mim." Azalea endireitou as costas. "Isso é tudo. Ela é apenas um pouco insegura."

O sorriso de Santos desapareceu nas bordas. "Bellatrix Gothel é muitas coisas, mas insegura não é uma delas. Você faria um favor a si mesma se começasse a ver coisas que estão bem na sua frente."

O poder do aviso em seu tom a empurrou para trás um passo, seus olhos se arregalaram. Santos era um homem a ser temido, sabia disso, podia vê-lo em sua mandíbula e a maneira como sua mãe depositava grande parte de sua confiança nele para mantê-los a salvo. Mas nunca sentiu seu poder tão facilmente antes.

"Estou indo para o parque hoje."

"Vou deixar o carro pronto. Jackson irá acompanhá-la hoje. Tenho um encontro." Ele abriu a porta para a saída dela e, uma vez que saiu para o corredor, ele fechou a porta atrás dela.

Um encontro.

Todos por aqui tinham encontros, exceto ela.

Tinha que haver mais na vida do que tal isolamento e tanta dependência. Algo elétrico e vivo. Algo que dava fôlego a seus pulmões.

Como se sentiu andando no carro de Peter.

Ou como se sentiu quando o corpo dele roçou o dela, ou quando ele falou.

Oh inferno. Subiu as escadas até o quarto para pegar o casaco. Não tinha tempo para pensamentos de conto de fadas.

Tinha planos para fazer.

CAPÍTULO QUATRO

"Hey, chefe.” Daniel entrou no escritório de Ash, onde Peter estava sentado na mesa examinando os livros de negócios.

Ash tinha escolhido um ótimo tempo para ir em sua maldita lua de mel. Com o clube de Peter pegando negócios e o anexo ganhando popularidade em conjunto, havia mais papelada para dar a Peter uma dor de cabeça.

"Odeio quando você me chama assim." Peter jogou a caneta na mesa e esfregou os olhos. Ash precisava se afastar dos livros de papel e entrar em um maldito sistema de computador. Computadores que tinham cálculos automáticos embutidos e não forçariam Peter a se lembrar de habilidades matemáticas que havia esquecido há muito tempo.

Daniel fez uma pausa. "Bem, a menos que esteja me promovendo para ser sócio, é isso que você é."

Peter piscou algumas vezes e soltou um suspiro exagerado. "Você quer alguma coisa ou apenas sentiu vontade de vir aqui para me irritar?"

Daniel riu em resposta e terminou sua jornada para o balcão do bar no canto da sala. “Estou saindo em alguns minutos com Johnny e Travis. Uma visita de coleta. Queria ter certeza de que tínhamos o endereço antes de decolarmos.”

As orelhas de Peter se animaram. Fazia meses desde que tinha ido a uma visita de coleta. Desde que ele colocou sua marca na cidade com Tower, só estava colocando metade do tempo nos negócios do Titon. Incluindo suas responsabilidades de cobrança.

Seu primo Ash dera sua bênção tanto para o clube quanto para a redução de tarefas na casa e no Anexo, mas isso não diminuía o sentimento de culpa dentro de Peter. Eles eram da família. Não podia abandonar completamente Ash para depender dos outros homens; eles não eram de sangue.

"Qual é a dívida?" Peter perguntou, fechando o livro do anexo e abrindo a gaveta para desenterrar o que queria. Empréstimos pessoais ainda eram cotados, e Peter não via Ash fechar a loja tão cedo. Mas o dinheiro não entrava se os clientes não pagassem os empréstimos com uma baixa taxa de juros para cobrir o risco.

"Cem mil. Richard Santos. Ele está duas semanas atrasado.” Daniel tomou dois dedos de uísque e serviu outro.

Peter virou para a página com a dívida de Santos e passou o dedo ao longo da linha para o seu endereço. Ash precisava de uma contabilidade mais segura. Um observador casual veria o que parecia ser um livro de endereços. Nomes, endereços, números de telefone foram definidos abertamente. À primeira vista. Mas se um policial pusesse as mãos nele, descobririam facilmente que os números de telefone não eram reais. Eles perceberiam que codificavam os valores originais dos empréstimos e as porcentagens dos juros.

"Aqui está. Seiscentos North Main Street,” Peter leu em voz alta. Olhou para Daniel, em seguida, de volta para o livro. "Isso está certo?"

"Se é isso que diz." Daniel encolheu os ombros.

Quando Peter decifrou o endereço para indicar que o endereço real era 300 South Main, se recostou na cadeira e coçou o queixo.

“Richard Santos? O que ele faz?"

Daniel deu de ombros novamente. “Inferno se eu sei. Conheceu Ash na

Sampson, pediu o dinheiro e Ash deu.”

"Você precisa prestar mais atenção aos detalhes malditos, Daniel,” Peter repreendeu. "Você não pode mais ser a arma contratada."

Os olhos de Daniel se arregalaram. “Você normalmente lida com essas coisas. Estou apenas te substituindo aqui.”

"Você não está substituindo." Peter se levantou da mesa. “Está ficando no meu lugar com essa merda. Eu não posso estar cuidando de cobranças, vigiando as garotas no Anexo, e correndo meu maldito clube. Queria mais responsabilidades, lembra? E agora você as tem.” Peter abotoou a jaqueta e dirigiu-se ao bar. Um uísque parecia bom pra caralho.

"Eu queria trabalhar no anexo,” disse Daniel com alguma força.

"Bem, você não pode manter o seu pau fora das garotas, então não pode estar fazendo merda por aqui,” Peter disparou de volta com mais autoridade.

"Como se você nunca tivesse fodido nenhuma das garotas."

"Eu não tenho." Peter enfrentou seu amigo de longa data. “Mantenho

meu pau longe do anexo porque aquelas meninas dependem de mim para mantê-las seguras. Eu sou o chefe delas, Daniel. E não fodo meus empregados.”

“Eu nunca tirei vantagem das meninas.” Daniel se levantou, revirando os ombros em defesa.

“Não disse que você fez. Estou dizendo que você não pode se responsabilizar por elas se continuar fodendo-as.” Peter serviu-se de uma bebida e tomou de volta, deixando o calor deslizar pela garganta até a barriga. "Então, nesse meio tempo, você tem essa merda para lidar."

Daniel colocou o copo no bar. Sua mandíbula se apertou, mas não continuou a conversa. Daniel colocaria sua vida em risco pela a família. Era tão próximo da família quanto um estranho poderia ser, mas pensava mais com seu pau do que com a cabeça quando se tratava das garotas. E até que ele pudesse controlar isso, não estaria no comando do Anexo.

"Eu poderia usar a distração, vou junto com você." Peter deixou o copo no bar e voltou ao livro para verificar novamente o endereço. Não mencionou que conhecia o prédio. Ele tinha acabado de fazer isso, dando a Daniel uma dificuldade em misturar seus desejos carnais com negócios, e

então estava fazendo a mesma coisa.

“Não preciso da ajuda,” disse Daniel. Peter havia arrepiado suas penas.

"Eu sei. Preciso de uma pausa de todos esses números.” Peter fechou o livro e abriu a gaveta da direita, pegando a pistola ali guardada e acrescentando-a à cintura.

Daniel olhou-o lentamente, como se estivesse avaliando-o. Peter não deixou isso entrar em sua pele. Conhecia Daniel tempo suficiente para saber que ele estava se certificando de que seu chefe não estava soprando fumaça no rabo. Não que ele tivesse feito isso no passado, mas não importava quanto tempo Daniel estivesse com a família, sempre desconfiava de alguém oferecendo algo em nome da ajuda.

"Sim, ok. Vamos lá."

Peter assentiu e seguiu-o para fora. Daniel poderia assumir a liderança nisso. As intenções de Peter não tinham nada a ver com o dinheiro. Ele tinha um prêmio maior em mente.

ᘓ ᘓ ᘓ

Peter seguiu os três homens subindo as escadas até a porta da frente. Olhou para a janela familiar, procurando por sinais dela. A luz estava acesa, mas nenhuma sombra estava sendo projetada como algumas noites antes.

Daniel explicou para o idiota que abriu a porta que eles não sairiam até que falassem com Santos, e a pequena doninha de um homem empalideceu e os deixou entrar. Não havia muita proteção lá.

"Daniel." Um homem, parecendo dez anos mais velho que o cobrador entrou no saguão da frente, com os braços abertos em saudação e um largo sorriso estampado em seus lábios escuros. Seus olhos redondos se estreitaram ligeiramente, traindo sua proposta de hospitalidade.

"Você lembra de mim." Daniel ignorou os braços estendidos e ficou firme. “Então, não há nada errado com a sua memória. Bom. Você se lembra da última conversa que tivemos? Cerca de uma semana atrás, quando nos conhecemos no Sampson?”

Peter deixou o outro homem fazer sua fala, enquanto olhava para as escadas, meio esperando ver uma cabeça loira aparecer na esquina para ouvir. Contornou seus homens e se aproximou de uma porta fechada à direita.

“Eu disse que vou pegar o dinheiro e vou conseguir. Tenho quase tudo, só preciso de mais um dia ou dois,” disse Santos atrás de Peter.

Peter girou a maçaneta da porta e percebeu que estava trancada. Por fora. Olhou por cima do ombro para a cena se desenrolando. Daniel estava sob controle, então andou um pouco mais pelo corredor.

"O que ele está fazendo?" Santos perguntou.

"Não importa o que ele está fazendo,” Daniel latiu. “Você se concentra em encontrar o dinheiro que deve. Acabou o tempo."

Outra porta estava no final do corredor. Também estava trancada do outro lado. Onde estava Azalea?

“Vamos sair do corredor.” Peter gesticulou para a primeira porta trancada que encontrou. “Abra essa porta, Santos.” Ele puxou a maçaneta.

Santos engoliu em seco. "Dê-me um minuto e vou pegar a porra do dinheiro,” disse ele com uma amargura em seu tom. Como uma criança mimada que foi informada de que não poderia ter uma terceira porção de seu bolo de aniversário.

"Ótimo. Vamos esperar por você lá enquanto Travis te leva até onde você quer.” Daniel moveu sua jaqueta de volta para expor sua arma. Ele não iria retirá-la a menos que mais força fosse necessária.

Santos olhou para o quarto como se estivesse tomando uma decisão.

"Eu não estava perguntando,” disse Daniel em uma voz mais profunda, que não deixou espaço para negociação ou pergunta. Se Santos não se mexesse, seria desencadeado um inferno.

Depois de soltar uma maldição suave, Santos enfiou a mão no bolso e tirou uma chave. Peter se moveu para o lado para deixá-lo abrir a porta, mas uma vez aberta, passou por ele para entrar.

Uma sala de estar. Um pouco extravagante para o gosto de Peter com toda a tapeçaria e decoração francesa, mas ainda apenas uma sala. Então, por que diabos ela estava trancada?

"Obrigado. Vamos esperar aqui - disse Daniel. “Travis, ajude o Sr. Santos a encontrar seu dinheiro. E não hesite em ajudá-lo, se necessário.”

Travis zombou. "Você entendeu."

Assim que Santos saiu da sala com Travis, Daniel se virou para Johnny. “Espere no corredor e vigie eles. Não confio nesse idiota e não precisamos de surpresas.”

"Entendido." Johnny voltou para o corredor.

Peter inspecionou as pinturas nas paredes. Retratos. Cada um da mesma mulher em várias poses diferentes. A mulher tinha pouca semelhança com Azaléia. Em contraste com o cabelo quase branco-loiro de Azalea, esta mulher tinha cabelo grosso e escuro. Até os olhos dela eram escuros, ao contrário do azul grande de Azalea.

“Esse babaca do Santos mora aqui ou é dono desse lugar?” Peter perguntou quando finalmente encontrou uma pequena foto de Azalea. Uma menina muito mais nova quando a foto foi tirada, mas tinha um sorriso brilhante nos lábios, os olhos arregalados de alegria, enquanto a mulher sentada ao lado dela permanecia tão estóica e serena quanto as pinturas.

“Ele mora aqui, mas trabalha para uma mulher. Não sei muito sobre ela, no entanto.”

Peter olhou com mais atenção para o retrato. Uma forte familiaridade

veio com os olhos dela. A pequena ruga ao redor deles, tinha visto antes, mas não podia destravar a memória.

Desde que Ash havia abandonado os negócios em que seu pai estivera, Peter não tinha acompanhado as saídas das outras famílias da cidade. Talvez ele a tivesse visto em uma reunião ou uma festa em algum lugar ao longo da linha. Se isso fosse verdade, isso significava que ela trabalhava com uma das outras famílias controladoras, e o que ele faria poderia causar mais problemas do que Ash o perdoaria.

Mas aquela maldita porta estava trancada.

Quando Santos voltou com Travis, Santos tinha várias pilhas de dinheiro em suas mãos. "Eu estou com menos dez." Ele empurrou o dinheiro para Daniel.

"Faltando?" Daniel arqueou uma sobrancelha.

“Chequei seu quarto eu mesmo. Ele não tem isso.”

"Bem..."

"Onde está a garota?" Peter deu um passo à frente.

"Que garota?" Se ele não tivesse tensionado o queixo antes de fazer a pergunta, poderia ter conseguido escapar com sua reação inocente. Mas Peter estava observando homens mentindo a vida inteira.

“A que você trancou em algum lugar nesta maldita casa, idiota. Onde ela está?"

"Ela não é sua preocupação,” disse Santos, com calor. Ah, talvez houvesse mais nas suas obrigações de trabalho do que ser um macaco dançante para seu chefe.

“Ela é agora. Vá buscá-la." Peter cruzou os braços sobre o peito. Esperaria pacientemente por mais trinta segundos.

"Jackson,” Santos chamou, mantendo seu olhar fixo em Peter.

Outro homem, menor em estatura, mas sem atitude, apareceu na porta. De onde diabos ele veio?

"Vá buscar azalea."

"Santos." O aviso na voz de Jackson solidificou a decisão de Peter.

"Agora." Peter deu a direção a si mesmo. "Pegue ela e traga-a para

cá." Puxou a arma, segurando-a frouxamente ao seu lado. "Estou sem paciência com idiotas."

A sala ficou em silêncio enquanto Jackson desaparecia. Se Daniel desaprovou Peter entrando, guardou para si mesmo.

Uma porta do corredor clicou aberta e fechada. Tinha que ser a que ele encontrou trancada. Sua mandíbula se apertou, mas manteve seu olhar focado em Santos, cuja cor lentamente se esvaiu de seu rosto.

A porta se fechou novamente e Azalea apareceu na porta.

"O que está acontecendo?" ela perguntou. Inspecionou a sala, observando a cena diante dela. "Peter?" Ela parou olhando para ele.

“Dez mil, está certo, Santos?” Peter ignorou sua presença e se concentrou na escória em pé diante dele.

"Dez." Ele assentiu com a cabeça, seus pequenos olhos examinando Azalea e voltando para ele. "Ela não é minha."

"Eu sei." Peter guardou a arma no coldre. "Ela é minha, agora."

"Quero dizer, ela não é minha para dar,” disse Santos, desta vez

virando a cabeça para ela. "Diga a ele, Azalea."

“Eu não perguntei a opinião dela. Eu não dou a mínima para a quem ela pertencia antes, ela é minha, agora, e os dez mil são perdoados.”

"Do que você está falando?" Azalea entrou mais na sala. "Eu não vou com você."

Peter ainda não olhou para ela.

"Eu não posso deixar você levá-la." Santos avançou, mais um pedido de compreensão do que uma ameaça, mas Daniel puxou sua arma e a treinou para ele.

“Você não nos *deixa* fazer nada, seu idiota. Ela vem com a gente. Quaisquer que sejam seus problemas com isso, são seus e não dou a mínima para isso.”

Peter andou atrás de Daniel e deu um aceno para Travis e Johnny. Eles se afastariam, a menos que Daniel precisasse de ajuda, o que ele não faria.

"Eu não vou com você,” disse Azalea em uma voz exigente. Ele segurou seu cotovelo, mas ela se soltou e pulou para trás. "Eu não vou."

Peter se aproximou dela e enquanto ela recuava ele avançava, encostando-a contra a parede. Inclinando-se mais perto, ele inalou seu perfume. O aroma recém lavado e doce da mulher inocente que ele ia corromper.

"Regra um, você não me diz o que vai e não vai fazer." Ele agarrou o queixo dela, pressionando os dedos no rosto dela até que ela estremeceu. “Você vem comigo. E não vai me dar nenhum problema, ou o que você viu na Tower na outra noite será a ponta do iceberg para você quando chegarmos em casa.”

Seus olhos se arregalaram com a promessa dele.

"Você não entende," Santos disse, pânico entrelaçando suas palavras. "Não pode fodidamente levá-la."

"Muito tarde." Movendo a mão do rosto para o braço dela, Peter agarrou seu bíceps e caminhou até a porta da frente, arrastando-a junto.

"Não." Ela se afastou, mas ele não parou. Intensificou seu aperto e puxou-a ao longo do caminho. "Não! Peter! Não!" ela gritou e bateu na mão dele.

O medo incorporou suas exigências para ser liberada. Pobre garota não percebeu o quanto isso o fez querer ela.

Quando chegou ao seu carro, puxou a arma de volta e pressionou contra as costas dela até que ela parou de lutar com ele. “Entre no carro, Azalea. Se você voltar, se correr, vai se arrepender. Vou mantê-la segura, mas tem que me ouvir. Qualquer desvio das minhas instruções e você descobrirá as consequências.”

"Segura?" ela assobiou. "Você está me sequestrando!" Ela gritou para o vento gelado da noite.

Peter olhou ao redor. Nenhuma multidão havia se formado, mas se ela continuasse assim, os vizinhos iriam investigar.

“Não me faça retrair você. Entre na porra do carro.”

"Não." Ela balançou a cabeça e puxou novamente. "Foda-se você." Cuspiu nele, não atingiu o rosto dele, mas atingindo o ombro.

“Não na sua primeira noite. Mas se você for realmente boa, talvez amanhã.” Ele se afastou dela, empurrando o cano de sua arma nas costas dela. Ela se acalmou, mas não foi o suficiente. Cuspiu nele!

Ele puxou o vestido dela, uma coisa frágil de algodão, até que sua bunda estava exposta. Redonda, atrevida... fodidamente perfeita.

"Peter." Ela não gritou desta vez, provavelmente não querendo chamar atenção para eles agora que sua bunda estava em exibição para a vizinhança.

Ele trouxe a mão esquerda para trás e colocou-a na bunda dela três vezes seguidas, no mesmo local, com a mesma severidade, provocando o mesmo grito abafado dela em cada uma delas. A escuridão da noite e a calcinha de algodão que ela usava escondiam o rubor da bunda dele, mas ele sabia que estava ali. Sabia que o calor havia sido criado. Ela parou de lutar.

"Entre, Azalea, ou você precisa de mais motivação?"

"Não."

Ele não a machucou, não realmente. Ela provavelmente estava chocada por ele ter feito isso. Inferno, estava um pouco surpreso também. Meio da rua, no meio de tirá-la daquela casa enquanto seus homens ainda estavam lidando com Santos, mas precisava ser feito.

Ela estaria sentindo muito mais se não cooperasse logo.

Ele abriu a porta. “Você mantém esse vestido em seus quadris. Quero sua bunda espancada no banco,” ordenou quando ela alisou o vestido de volta para baixo.

Ela olhou para ele, atirando a raiva nele enquanto fazia o que ele dizia.

"Babaca,” atirou para ele quando ele fechou a porta.

"Você não tem idéia,” disse ele, mais para si mesmo.

"Peter." Daniel correu pelos degraus do prédio, Travis e Johnny seguindo-o. "Você tem certeza disso?" Ele perguntou, olhando para Azalea sentada no carro, os braços cruzados, os olhos voltados para a frente.

"O que você quer dizer?"

“Quero dizer, não costumamos roubar mulheres por dívidas.” disse Daniel em voz baixa. Travis e Johnny foram até o carro de Daniel sem comentar.

“Não se preocupe com o que estou fazendo. Você se preocupa em conseguir esse dinheiro logado, e quero um homem estacionado nesta

porra de casa. Quero saber no segundo que o chefe de Santos voltar.”

"Certo. O que você vai fazer com ela?” Ele apontou o polegar para o carro.

Peter não respondeu. Caminhou ao redor do capô, mantendo-a em sua visão lateral enquanto fazia seu caminho até a porta e abriu-a.

Ela permaneceu em silêncio quando ele ligou a ignição.

A pergunta de Daniel teve mérito.

O que diabos ele ia fazer com ela?

CAPÍTULO CINCO

O homem obviamente tinha alguns parafusos soltos naquela cabeça dele.

"Você não pode simplesmente me levar," disse Azalea depois de muitos momentos de silêncio estendidos entre eles.

Ele grunhiu em resposta. Um maldito grunhido. Talvez ele fosse mais animal que humano.

"Eu quero dizer isso, Peter." Lembrando que a saia de seu vestido ainda estava levantada sobre os quadris, agarrou a bainha e balançou-a de volta para baixo. Ela ficou muito surpresa com a palmada curta para lutar contra ele no momento, mas sua arma não estava mais apontada para ela, e sua bunda estava seguramente pressionada contra o assento de couro quente.

"Não" Sua pata de uma mão se moveu do volante para a dela, agarrando-a com força e arrancando-a de sua missão. "Eu quero sua bunda no assento. Quero que você deixe isso acontecer a partir desse momento,

você vai fazer o que digo ou sentir as consequências.”

Ela olhou para ele, boquiaberta, enquanto ele mantinha o foco na estrada que se estendia diante deles. *Sim. Coitado. Louco de verdade.*

"Deixe-me ir,” ela exigiu com a voz mais dura que poderia conjurar. Ele passou o polegar sobre os dedos dela antes de liberá-la.

"Deixe esse vestido do jeito que está." Ele voltou a segurar o volante com as duas mãos.

"Você é um lunático,” acusou.

Ele deu uma risada sombria. "Eu fui chamado pior."

“Santos não vai deixar você me levar. Virá por mim. Se apenas para salvar sua própria pele triste, mas ele não iria deixá-la desaparecer.” Sua mãe teria a cabeça dele.

“Eu duvido disso, Azalea. Ele é um bandido contratado. Você é filha do chefe dele, não é mesmo? Ele provavelmente já fez as malas e saiu correndo da cidade.” Peter olhou para ela. "Se ele é inteligente, é o que fez."

O carro sacudiu enquanto corria por um buraco, e ela segurou a

maçaneta da porta. Sua cabeça girou.

Antes de Jackson entrar em seu quarto exigindo que ela o seguisse escada abaixo, ela estava fazendo planos para sair da casa na noite seguinte. Agora, parecia que ela estava fora, e precisava descobrir uma maneira de voltar.

"O que você quer comigo?" perguntou, cruzando as mãos sobre o colo. Suas coxas estavam completamente nuas, com o vestido em volta da cintura. A surra não tinha doído, não realmente. Algumas palmadas para sua bunda foram o suficiente para chocá-la, mas não havia muita dor. O formigamento que enviou através de seu corpo a incomodou mais do que a breve ardência de sua mão.

Ela não deveria ter um formigamento. Não deveria ter nada além de raiva e desprezo pelo idiota que a roubava.

"Não é sua preocupação no momento," ele respondeu e saiu da estrada principal e em uma unidade de acesso.

Enquanto dirigia pela estrada sinuosa, uma mansão apareceu. Com a noite escura cobrindo o fundo, as janelas iluminadas enviaram um arrepio

através dela. Ela reconheceu a mansão, seus picos visíveis da janela do seu quarto, e havia fotos dela nos jornais de tempos em tempos. Ash Titan morava lá.

Ela ouviu murmúrios entre os homens de sua mãe sobre o que acontecia dentro das paredes do anexo. As mulheres foram leiloadas, contratadas para brincadeiras desviantes e sexo. Mulheres vendidas de um homem para outro por qualquer prazer que seus novos donos desejassem.

E Peter a levava lá.

Ele disse que a dívida tinha sido perdoada. Foi o que ele disse a Santos quando a levou. Ele ia vendê-la para pagar uma dívida? De quem é a dívida?

Ela fechou os olhos por um momento e engoliu o crescente pânico. Nada iria a fazer chorar. Ela não permitiria isso. Ela estava tão perto de ganhar alguma liberdade. Sua mãe finalmente iria deixá-la sair. Finalmente teria uma vida própria.

Assim que ele estacionou, ela entrou em ação. Abriu a fechadura e abriu a porta, saltando do carro antes que Peter pudesse agarrá-la.

"Ei!"

O ouviu gritar por ela, mas não parou. Correu pelo caminho de paralelepípedos até os portões pelos quais atravessaram. Se corresse rápido o suficiente, poderia passar antes que eles fechassem. Mas eles já estavam se movendo, o luar piscando no metal enquanto se aproximavam um do outro.

"Azalea!" Ele soou mais perto.

Ela apertou os braços e empurrou-se para se mover, para chegar lá, para sair, para fugir do Anexo e de Peter.

"Droga! Pegue ela!”

Um homem apareceu de dentro da casinha perto do portão. Ela não o tinha visto antes. Ele esteve lá?

Ela gritou e tentou sacudir em torno dele, mas estava na frente dela e suas mãos estavam sobre ela, segurando os braços apertados. Ela lutou contra ele, chutou-o, mas o maldito mamute nem se mexeu.

Com outro grito de frustração, observou os portões se juntarem. A tranca ecoou no pátio. Estava presa.

"Onde diabos você achou que estava indo?" Peter correu até ela e deu um aceno ao mamute, que ela assumiu que significava que poderia libertá-la, desde que ele o fez. Ele não saiu, porém, em vez disso, a bloqueou por trás.

"Eu não vou deixar você me vender." Ela deu um passo para trás, sentindo o perigo do guarda muito perto atrás dela. Sem lugar para ir, só poderia ganhar alguns centímetros de espaço entre ela e Peter, mas foi o suficiente para deixá-la respirar mais fácil.

Os lábios de Peter se estreitaram quando ele os pressionou juntos. Cada sopro de ar queimava suas narinas, mas ele não disse uma palavra.

Agarrou a mão dela e a puxou de volta para a entrada da garagem. Ela respirou fundo para acalmar seus pulmões, queimando da corrida, e para manter seu coração pulando fora de seu peito.

Lutar contra ele não a levaria a lugar nenhum. Não com o mamute no portão, e quem sabia que outros animais espreitavam dentro da mansão para ajudá-lo.

Ela conseguiu acompanhá-lo enquanto ele subia os degraus até a

entrada, mas quando a puxou para a grande escada dentro, ela resistiu novamente.

"Eu não vou até lá," disse ela, balançando a cabeça.

Ele suspirou e se virou para encará-la. "Você vai. Ou sobe estes degraus, ou eu jogo você por cima do meu ombro e a carrego. De qualquer forma, tudo bem para mim, mas tenho certeza de que você tem uma preferência."

Azalea cerrou os dentes. Uma observação esperta provavelmente lhe daria uma razão para tomar a decisão por ela, e ela tinha uma boa ideia de que maneira escolheria.

Ela encontrou seu olhar, forçando-se a ignorar a irritação que espreitava em seu olhar sombrio. "Eu vou andar sozinha."

Ele soltou a mão dela e se afastou, acenando-a à frente dele.

Alisando o vestido, ela levantou o queixo e subiu a escada.

"Se você correr de novo, Azalea, vou trazer o meu cinto na sua bunda antes de ir dormir. Suba mais um andar - disse ele quando chegaram ao

patamar.

Ela não respondeu à ameaça dele. Embora soubesse que era mais uma promessa - uma esperança até. Ela o viu chicoteando a mulher na Tower. Viu sua emoção quando o chicote pousou e a mulher gritou. Se corresse novamente, isso lhe daria uma razão para levar a correia de couro para ela. Uma ideia que uma vez a fez alcançar sua calcinha e aliviar a dor, mas encarando seu olhar sombrio e a mandíbula, ela não achava que a realidade combinaria com a fantasia.

Quando chegou ao andar seguinte, passou por ela e caminhou pelo corredor. Ela olhou para os degraus, mas decidiu segui-lo. Ele parou do lado de fora de uma porta e tirou uma chave do bolso.

“O andar inteiro é meu.” Colocou a chave dentro. "Você vai ficar no meu quarto por enquanto." A fechadura estalou quando destravou e abriu a porta.

Ele gesticulou para ela entrar, mas não conseguia fazer seus pés se moverem. Dentro havia uma prisão. Santos mal havia argumentado sobre ele levá-la. parecia com medo de Peter e seus homens, e ela nunca viu Santos temer qualquer coisa.

Se ela entrasse, ele poderia trancá-la. poderia vendê-la a um monstro que iria espancá-la, estuprá-la e pior. Lágrimas queimaram seus olhos, mas respirou fundo e piscou de volta. Não deixaria que visse seu medo.

“Azalea, não há decisão para fazer aqui. Entre." Sua voz era aveludada, seu toque, quando colocou a mão nas costas dela, quente e quase reconfortante.

Ela assentiu, endireitou as costas e entrou.

O que quer que estivesse vindo a seguir, lidaria com isso. Ela sempre aprendera como lidar, como administrar, e faria de novo.

Ela não seria vendida.

Ela não seria possuída.

Ela estaria livre.

ᔓ ᔓ ᔓ

PETER A DEIXOU para ficar sozinha em seu quarto. No início, o alívio tinha

corrido através dela quando ele não tinha entrado com ela antes de fechar a porta. Mas o alívio rapidamente se transformou em um estrangulamento pela incerteza.

E se ele voltasse com mais homens? E se já tivesse alguém que quisesse comprá-la? Ela ainda não havia formado um plano. Não teve tempo.

Olhou para a porta, a intricada porta de madeira entalhada que sob qualquer outra circunstância atrairia seu lado artístico, temendo e esperando que se abrisse.

"Contenha-se," ela se repreendeu, e sentou-se no baú de esperança ao pé da cama king-size de quatro colunas. Ela notou que a madeira na cama combinava com a da porta. Mas não conseguia se concentrar em coisas como padrões de designer. Precisava que seu coração parasse de tentar escapar de seu peito.

O quarto tinha uma sensação mais ameaçadora do que a parte externa da mansão. Todos os móveis de madeira escura com ângulos e bordas afiadas. Tudo muito masculino. Altos candelabros se enfileiravam na cômoda próxima, e três candelabros de velas pendiam da parede sobre a

cama.

A mobília no canto oposto à cama chamou sua atenção. Um banco de couro preto em um canto e uma cruz de cerejeira escura no canto oposto. Algemas pendiam da cruz.

Ela deixou a cama e inspecionou a cruz. tinha visto isso antes em fotos e entendido como era usado, mas nunca esteve tão perto de um. Passando a mão sobre o feixe grosso, fechou os olhos, deixando a superfície lisa correr ao longo de sua palma.

"Isso é chamado de Cruz de Santo André," anunciou a voz profunda de Peter. Ela não o ouviu entrar. Perdendo-se em uma fantasia maldita novamente, não tinha notado a abertura da porta. Soltou a mão do raio e se virou. "Eu sei o que é isso."

Ele arqueou a sobrancelha direita. "Estava esperando que alguns minutos a sós ajudassem você a se acalmar." Ele se aproximou. "Suponho que não."

"Me acalmar?" Ela fechou suas mãos em seus lados. "Você me sequestrou e vai me vender para algum monstro que fará quem sabe o que

para mim, e devo me acalmar porque me deixou sozinha em um quarto com seu equipamento de tortura?” Anos mantendo sua voz em um nível uniforme para sua mãe a impediam de gritar com ele, mas se ele levantasse a sobrancelha outro centímetro, não tinha certeza se conseguiria se conter.

"Tortura?" Ele olhou para a cruz, em seguida, fez um gesto pontudo de olhar para o banco de surra. "Eu suponho, mas é o tipo mais delicioso de tortura, lhe garanto."

Olhou para ele. Ele estava fazendo uma piada? Achava que aliviar o clima ajudaria a torná-la flexível?

"Onde você teve a ideia de que está sendo vendida?" Ele desabotoou a jaqueta com uma mão.

“Você me trouxe aqui. Este é o anexo, certo? As mulheres são vendidas aqui.” Ele achava que ela era tão ignorante para não saber onde ele a trouxera?

“Você tem coisas um pouco distorcidas. Não está aqui para ser vendida. Eu quis dizer o que disse a Santos. Você é minha agora."

"Sua?" Bufou uma risada. "Como se eu fosse algum brinquedo em uma

prateleira na loja?"

Ele tirou a jaqueta e jogou na cama, indo na direção dela.

"Por que o Santos tem seu quarto trancado?"

Levou um momento para ela registrar a mudança no tópico. Ela não percebeu que a porta estava trancada, mas não ficou surpresa. Com a mãe ausente, Santos tinha o ônus de garantir que não passeasse pela cidade, especialmente à noite.

"É uma coisa de segurança," disse ela, sem saber por que sentiu a necessidade de defender a maneira de sua mãe mantê-la segura.

"Uma coisa de segurança?" Desabotoou os punhos da camisa e enrolou cada um deles até os cotovelos, expondo a tinta escura em seus antebraços, em padrões e palavras que ela não conseguia distinguir de sua posição.

"Na outra noite, você precisava chegar em casa com pressa. Como se fosse alguma adolescente quebrando o toque de recolher. E hoje à noite, encontrei você trancada em seu quarto. O que está acontecendo lá na Main Street?" Sua mandíbula ficou tensa e seu olhar derretido quando ele

finalmente encontrou seu olhar.

“N-nada. Minha mãe é super protetora.” Ele nunca entenderia.

“Você é um pouco velha para viver com uma mãe super protetora. E isso não explica por que trancá-la é para sua segurança. Tudo o que tinha que fazer era mandar o Santos te pegar, e você foi servida. Então, diria que tem mais a ver com manter você, e menos com manter os outros fora.”

“É por isso que me sequestrou e me trancou aqui? Para me salvar de alguma versão distorcida da minha vida que você construiu em sua cabeça?”

Ele estava apenas a um passo de distância.

"Eu não tranquei a porta, Azalea." Cruzou os braços sobre o peito. Sem sua jaqueta para esconder seu físico, ela podia distinguir os músculos construídos dos ombros e do peito dele. Se perguntou se as tatuagens percorriam todo o caminho até os braços e quanto mais dele cobriam.

"O que?"

“Eu não tranquei a porta. Mas é interessante que você tenha assumido que estaria trancada.”

Claro, ela assumiu isso. Ele estava mantendo-a cativa. Por que diabos não teria trancado a maldita porta?

Fechou os olhos e respirou devagar. “Apenas... me leve para casa, Peter. Minha mãe vai pagar o dinheiro que Santos lhe deve. Você não precisa fazer isso.”

"Sua mãe. Outro tópico para discussão. Mas ainda não. Não essa noite. Esta noite você precisa descansar.” Ele não se moveu, mas podia senti-lo se intrometer nela.

"Eu quero ir para casa." Ela cerrou as mãos.

"Eu sei que você quer. Mas isso não vai acontecer.”

"Por quê?" ela exigiu. "Por que estou aqui?"

Ele deu o último passo, fechando o espaço entre eles, e agarrou seus braços. Dando-lhe uma pequena sacudida, disse: “Porque é aqui que quero que você esteja. E essa é a única resposta que vai receber hoje à noite. Você tem duas opções, Azalea. Tire a roupa e vá para a cama, ou você pode passar por cima do meu joelho por um castigo.”

"Punição?" Ela colocou as mãos contra o peito dele, estabilizando-se mais do que tentando afastá-lo. Ele tinha um aperto duro; ela não estava saindo disso.

“Desobedecendo-me. Isso é punível,” ele disse em uma voz suave. "Comece como você pretende continuar, e não permito desobediência, Azalea."

"Você me sequestrou,” disse ela. Não poderia pensar que ela simplesmente iria junto com ele. Ela precisava fugir. Precisava chegar em casa.

"Você não é uma prisioneira aqui,” disse ele, como se aquela frase esclarecesse tudo.

"Mas você vai me punir?" Sua voz falhou. Não conseguia decidir se queria rir ou chorar. O homem era desequilibrado.

"Não, se você fizer a escolha certa, apesar do que pude bater na sua bunda na rua, eu não me importaria de pegar este vestido de novo e bater na sua bunda redonda algumas vezes."

Se ele não tivesse sorrido quando disse isso, não parecia tão

fodidamente bonito, ela poderia ter pensado em uma réplica.

"Escolhas, escolhas."

"Você vai me deixar ir para casa amanhã?" Perguntou suavemente. Talvez se a esperança estivesse lá, uma pequena cenoura pendurada diante dela, poderia ceder a ele um pouco mais fácil.

Ele balançou a cabeça, apagando a luz que espreitava do fim do túnel.

“Tenho minhas razões, Azaléia, mas não vou discuti-las com você ainda. Agora, você precisa ser uma boa menina e ir para a cama.”

"Eu não estou cansada. Como posso dormir aqui?” ela exigiu.

Ele soltou os braços dela, deu um passo para trás e lambeu os lábios. "Posso ajudá-la a dormir, se é disso que precisa." Seu olhar passou por cima do corpo dela, e ela se afastou novamente, batendo na cruz.

Ele riu e balançou a cabeça. “Entre na cama, Azalea, antes que esqueça que jurei a mim mesmo que não tocaria em você hoje à noite.”

“Você disse que este é o seu quarto. Onde vai dormir?” Ela avançou ao redor dele e foi até a cama, chutando seus sapatos.

Ele a estudou em silêncio. O pequeno tique em sua mandíbula estava de volta, e suas pálpebras se estreitaram mais quanto mais a observava. Ela subiu na cama enorme, mas não deslizou sob as cobertas. De jeito nenhum ela poderia dormir ainda.

“Fique neste quarto, Azalea. Há um banheiro por aquela porta se precisar.”

Ela pegou um travesseiro e segurou-o sobre o estômago, abraçando-o para si mesma. Ele passou a língua sobre o lábio inferior, como se chegasse a um acordo com uma decisão, em seguida, voltou para a porta.

"De manhã. Nós conversaremos pela manhã.” E antes que pudesse responder ou registrar suas palavras, ele se foi. Esperou o clique familiar de uma trava deslizando no lugar.

Isso nunca veio.

CAPÍTULO SEIS

"Você não pode estar falando sério," disse Daniel com desaprovação. "Ela está aqui? Dentro da casa? Não no anexo?"

Peter abriu o laptop e ligou. "Tenho certeza que não gaguejei. Sim. Ela está aqui. No andar de cima dos meus quartos, provavelmente ainda dormindo." Pelo menos é onde estava quando ele saiu do quarto naquela manhã. Quando foi para a cama na noite anterior, ela estava dormindo, ainda abraçando aquele maldito travesseiro para seu corpo e se sentando contra a cabeceira da cama.

Peter virou o olhar para Daniel e endureceu a mandíbula. "Ela está sob minha proteção. Se algum dos homens olhar para ela por muito tempo, respondem a mim. E ela não está no catálogo."

As mulheres do Anexo tinham opções - elas podiam ficar ou sair à vontade. Elas não brincavam ou dormiam com alguém com quem não concordavam, e quando eles concordavam com um contrato, falavam

completamente sobre os termos. Nenhuma delas vivia lá à força.

"Deixa comigo. Não entendo, mas eu entendi.” Daniel esfregou a nuca. "Santos estava muito assustado depois que você saiu ontem à noite."

"Tenho certeza que estava." Peter se recostou na cadeira. "Eu não acho que seu chefe tenha gostado muito de voltar para casa e encontrar sua filha desaparecida."

"Seu chefe não está voltando para casa por mais algumas semanas."

“Você viu as pinturas naquela sala? Os retratos? Estou assumindo que eram dela. Ela parecia familiar.”

Daniel franziu a testa. “Sim, notei isso também, mas percebi que a vimos em uma reunião ou algo assim. Talvez ela trabalhe para uma das famílias.”

"Qual é o nome dela?"

"Bellatrix Gothel,” disse Daniel.

Peter jogou o nome em sua mente, mas não fez conexões. Um nome incomum. Se tivesse ouvido isso antes, certamente, ele se lembraria.

“Quero que você descubra o que puder sobre ela. Quero saber para quem ela trabalha e o que faz. Santos estava mais com medo de Azalea ser levada do que ele estava de nós vindo para o dinheiro.”

"Você não teria medo se alguém viesse tomar Ellie enquanto Ash estivesse fora?" Daniel apontou.

“Eu mataria qualquer um que tentasse, como você faria. Mas isso é diferente. Azalea não estava simplesmente em seu quarto, ela estava trancada lá. Há mais coisas acontecendo aqui e quero saber o que é. Não posso encaixa-la, mas sei que Bellatrix é uma má notícia.”

"O que você vai fazer com a garota?" Daniel perguntou com uma inclinação para os lábios.

"Isso não é sua preocupação, idiota." Peter voltou a fazer logon em seu computador. "Você se certifica de que ela não saia do terreno e que está segura quando eu não estiver com ela."

"Ela pode andar pela casa?" Daniel perguntou com alguma surpresa.

Peter olhou para ele por cima da tela. “Ela não é uma prisioneira aqui, Daniel. Ela simplesmente não pode deixar a propriedade. E se sair, quero um

homem com ela. Por sua segurança.”

Daniel ergueu as sobrancelhas, mas manteve a opinião para si mesmo, pelo que Peter ficou grato. Não tinha descoberto o que diabos fazer com ela ainda. Só sabia que precisava dela com ele na casa.

Uma batida na porta precedeu a entrada de Johnny, com um sorriso de canário nos lábios. "Sua donzela está procurando por você." Ele apontou o polegar para a porta.

"Sua donzela?" Daniel riu.

“Sim, a garota que ele pegou na noite passada. A loira.”

O estômago de Peter se contorceu. "O nome dela é Azalea,” ele disse. Eles não estavam agindo de forma diferente do que em qualquer outro dia, mas estavam falando sobre Azalea - não uma garota da rua procurando por um pagamento.

Johnny endireitou o sorriso. "Certo. Desculpa. A azalea está procurando por você. Eu a levei para a cozinha e pedi a Maria para fazer algo para ela comer e depois disse que pegaria você.”

Peter acenou para ele. "Bem. Estarei lá em um minuto. Vá encontrar outra coisa para fazer.”

"Mais uma coisa,” disse Johnny. "Aubree entrou tropeçou as duas da manhã, caindo de bêbada."

"Mesmo?" As meninas eram livres para ir e vir como quisessem. Se ela fosse e se divertisse um pouco, isso era assunto dela.

“Ela não tinha comunicado antes de sair. Ninguém sabia onde ela estava até que chegou em casa,” Johnny terminou de explicar.

Peter soltou um suspiro. Tinha o suficiente para lidar no momento, e entregar esse pequeno problema a um empregado era tentador. "Bem. Eu vou me encontrar com ela esta tarde. Deixe-a dormir.” Fechou o laptop, desistindo de fazer qualquer pesquisa. “Daniel, vá embora. Você está me irritando esta manhã.”

"Eu não fiz nada ainda."

"Exatamente. Vá procurar algum trabalho.” Peter saiu do escritório.

ლ ლ ლ

Peter encontrou Azaléia sentada na pequena mesa de café da manhã na cozinha, uma xícara fumegante de café aninhada entre suas mãos delgadas. Ela olhava para fora das grandes janelas para os jardins nas costas. Não querendo perturbá-la ainda, deu um pequeno aceno para Maria, dispensando-a da cozinha.

Maria trabalhava para a família Titon desde que ele se lembrava, e não demorou mais do que o pequeno gesto para ela se mexer. Ela deu um olhar superficial para Azalea antes de sair, deixando-o saber, à sua própria maneira, que estava preocupada com a situação. Ela podia se preocupar, mas não verbalizava suas dúvidas ou se envolvia.

Uma vez que a cozinha limpou, Peter limpou a garganta suavemente, tirando Azalea de todos os pensamentos em que se perdera. Ela se virou para ele. Seu corpo endureceu no momento em que o encarou.

"Bom dia," ele ofereceu gentilmente.

"Bom dia," respondeu e levou a xícara aos lábios. Ela penteou o cabelo antes de descer, mas ela ainda tinha o olhar de recém-acordada sobre ela. Um pequeno vinco da fronha embelezava sua bochecha esquerda.

Quando ele a encontrou sentada na noite anterior, a manobrou para debaixo das cobertas e a deixou confortável antes de entrar junto.

"Você comeu alguma coisa? Posso pedir a Maria para fazer ovos, se quiser, waffles, talvez?”

"Estou bem,” disse ela sem rodeios, tomando outro gole de café.

Peter se serviu de uma xícara e se juntou a ela na mesa. Os raios suaves da luz do sol atravessando as janelas foscas lançavam um brilho angelical em volta de Azalea.

"Dormiu bem?"

"Não."

"Você parecia muito pacífica." Ele mantinha sua irritação em cheque, mas não gostava de ser ignorado, e ela estava fazendo o melhor possível para fazê-lo se sentir abandonado.

"Você me verificou?" Seus grandes olhos subiram do café para ele.

"Eu dormi bem ao seu lado." Ah, ai estava. O pequeno flash de surpresa. "Como você acha que ficou sob as cobertas?"

"Eu..." Ela estalou a boca fechada. "Você vai me levar para casa hoje?"

“Nós cobrimos esse assunto bastante bem ontem à noite. Você não vai para casa.”

"Você disse que iríamos conversar,” ressaltou.

Ele tomou um gole de café. Maria usara o escuro.

"Eu disse isso."

"Então, converse,” ela insistiu.

"Esperava menos atitude de você esta manhã."

“Você terá que me perdoar. Sou nova em toda essa coisa de rapto.” Pegou sua xícara, derramando uma gota sobre a mesa antes de levar a caneca aos lábios.

"Conte-me sobre sua mãe." Ele decidiu ignorar a espetada dela. Se ela queria conversar, ele tinha algumas perguntas.

"O que tem ela? Ela é uma mãe?” Azalea olhou para ele.

“Que tipo de trabalho ela faz? Seu pai? Que tal ele?” Ele não se

lembrava de ter visto fotos de um homem na biblioteca de lá.

“Ela está em vendas ou algo assim. Não tenho certeza absoluta.” A voz da azalea suavizou-se. “Vai ficar muito chateada se eu não estiver lá quando chegar em casa. Você não entende.” O mesmo senso de urgência atou suas palavras como a noite em que ele a levou para casa da Torre.

"Qualquer mãe ficaria chateada"

"Não! Você não entende. Se descobrir que você me levou, se descobrir que eu não estou em casa...” Ela abaixou a cabeça.

"Ela vai te culpar?"

"Apenas me deixe ir para casa."

“Isso não está acontecendo. Me conte mais sobre ela. Por que trancar você no seu quarto?”

"Foi por segurança,” disse ela com os dentes cerrados. “Você acha que me salvou de alguma coisa? Porque você não fez. Você fez isso pior.”

“Fiz o que pior? Você está falando em círculos.” Peter se inclinou para frente, ignorando seu “café. “Eu quero uma resposta direta. Por que você

estava trancada no seu quarto?

Ela respirou fundo. “Minha mãe perdeu uma filha antes de eu nascer. Ela foi sequestrada e nunca foi encontrada. Então, minha mãe é um pouco super protetora. Com medo, que isso vai acontecer novamente.”

“Você não é criança. E sua porta estava trancada do lado de fora. Mantendo você, não as pessoas fora,” Peter apontou.

Azalea esfregou a testa. "Ela quer ter certeza de que eu não me machuque."

Ele poderia juntar a verdade disso. Azalea não queria ficar presa lá dentro, então ela sairia, e para ter certeza de que não se afastaria da casa, ela estava trancada.

"E seu pai?"

"Eu não sei. Não me lembro dele e a mãe não fala dele.”

Ele não cresceu em uma família mais tradicional, mas ele se lembrava de seus pais. Sabia a que distância um dos pais iria para proteger seu filho, mas ainda assim, não podia ver nenhum deles prendendo-o em nome da

segurança.

"E Richard Santos?"

Azalea colocou a cabeça para trás e soltou um gemido. “Ele trabalha para minha mãe, mantém a casa em segurança. Agora você me responde. Por que me levou? Se Santos deve dinheiro, minha mãe vai pagar por ele.”

“Você está aqui porque quero você aqui. Isso é tudo que precisa saber.”

“Você fala sobre minha mãe com desprezo, como se ela me manter segura é um crime impensável. Mas você é o mesmo. Não trancou a porta do quarto, mas aposto que se eu sair pela porta da frente, seus homens vão me impedir. Estou tão trancada aqui quanto estava lá. E você dirá que é para minha segurança.” Ela empurrou o copo e se levantou da cadeira.

"Tenho certeza que parece o mesmo para você, mas não é." Ele não podia oferecer mais do que isso, visto que estava agindo puramente no instinto.

"Eu quero ir para casa." Bateu a palma da mão aberta sobre a mesa, derrubando sua caneca. Um pouco café foi derramado.

Ele se levantou e caminhou ao redor da mesa até que seu peito se encostou em seu ombro. Escorregando sua mão sob seu cabelo longo, ele agarrou e puxou a cabeça para trás, provocando um grito suave.

Levando a boca ao ouvido, ele inalou o cheiro dela.

“Birras de temperamento não funcionam para mim. Limpe a bagunça que você fez.” Empurrou-a para frente até que sua boca pairou sobre o derramamento.

"Eu te odeio,” disse ela em um sussurro áspero.

“Tudo bem comigo. Agora limpe-o.”

Suas mãos se agitaram atrás dela, tentando segurá-lo, mas ele pegou a mais próxima e prendeu-a nas costas dela, forçando-a a usar a outra para se equilibrar sobre a mesa.

“Sua língua, Azalea. Limpe com sua língua.”

Ela bateu um pé, mas não fazia diferença. Ela não estaria voltando até que cada gota do café estivesse limpa e entendesse quem segurava o poder.

Depois de uma longa pausa, sua pequena língua rosa escorregou e ela

passou sobre as gotas. Levou várias lambidas para limpar a área, e no momento em que terminou, seu pau estava tão duro quanto o ladrilho de granito do chão em que eles estavam. Era para ser punição, mas ela tornou isso tão sedutor quanto uma striptease... e provavelmente nem sabia disso.

"Boa menina.” Ele a puxou de volta e usou o polegar para limpar um pouco de café do queixo.

Ela selou os lábios, mas não disse uma palavra. Não precisava, ele conhecia raiva quando via. Mas também conhecia excitação quando via, e seus olhos estavam tão dilatados quanto tinham estado na Tower quando ela o assistiu chicotear Cassandra.

“Eu não quero ouvir outra palavra sobre ir para casa. Se você levantar esse tema mais uma vez, será punida.”

"Você é um herói,” ela disse.

Ele riu e pressionou os lábios na bochecha dela. “Eu nunca reivindiquei ser um herói, mas também não sou o vilão aqui. Agora, tenho que ver alguns negócios. Solicitei que alguns vestidos fossem trazidos para o nosso quarto. Tome banho e coloque um. Ou fique no andar de cima, ou pode

explorar a propriedade. Você não pode sair. Haverá homens com você se for para fora, mas pode passear pelos jardins o quanto quiser. O anexo está fora dos limites até que eu possa lhe dar o passeio. Você acha que pode lidar com isso?”

"Sim." Ela cuspiu a palavra. Ele não sentia falta de suas mãos em punhos ou como apertava sua mandíbula, mas não ia consolá-la ainda. Quanto mais cedo ela entendesse a dinâmica, mais cedo iria relaxar em sua nova casa.

Ele soltou o cabelo e alisou antes de se afastar dela. “Eu sei que você está confusa, e quando eu estiver pronto, explicarei tudo. Por enquanto, vai ter que confiar em mim.”

"Porque até agora, você deu essa vibração confiável." Ela cruzou os braços sobre o peito, cobrindo os seios, mas também puxou o decote de seu vestido para baixo o suficiente para dar uma olhada nos montes inchados abaixo.

"Eu sugiro que você comece a controlar o sarcasmo e os comentários maliciosos, ou farei isso por você." Ele tocou a fivela do cinto e sorriu quando seus olhos se arregalaram. Se ele a tocasse, não tinha dúvida de que

a encontraria molhada e carente, mas não o faria. Ainda não. Em breve.

"Mais ameaças."

“Eu não ameaço. Quero dizer o que digo. Sempre." Ele viveu por sua palavra. Seu pai havia embutido isso nele desde tenra idade. Nunca ameace, sempre entregue e signifique tudo que você promete. Seu pai havia vivido com isso e Peter faria o mesmo.

"Você não tem trabalho para fazer?" ela perguntou, usando um pouco da mordida de seu tom.

Ele a observou em silêncio, em seguida, afastou-se dela. "Continue." Ele acenou para ela.

Observando-a sair da cozinha com as costas tensas, as mãos em punho ao lado do corpo, fez seus próprios músculos travarem, mas não iria atrás dela. A deixaria remoer por mais algum tempo. Uma vez que tivesse mais respostas, quando pudesse começar a juntar as memórias desbotadas, poderia contar tudo a ela.

Mas não até então.

Até então, ela aprenderia a seguir sua liderança. O obedeceria ou enfrentaria as consequências.

CAPÍTULO SETE

Esse maldito vestido se encaixa muito confortavelmente. Azalea puxou a barra novamente. Não gostava de usar roupas tão justas. Queria seu vestido de algodão de volta. Ou algumas calças de yoga. Qualquer coisa que cobriria mais o corpo dela.

Onde diabos ele tinha conseguido esses vestidos?

Azalea desceu a escada até o andar principal da casa. Manteve-se afastada a manhã toda e precisava sair do quarto. Quarto dele. Onde tudo cheirava como ele e a lembrava dele.

Ele dormiu com ela. Não se lembrava dele subindo na cama, mas ela também não se lembrava de ter adormecido. A última lembrança que tinha da noite anterior estava segurando o travesseiro contra ela e planejando se levantar e encontrar um caminho para fora da casa assim que passasse tempo suficiente de sua partida.

Peter disse a ela que se saísse, alguém estaria com ela, mas não viu ninguém quando pisou no patamar inferior. Nenhum homem vigiava a porta

da frente, e não conseguia ver ninguém na grande sala logo depois da escadaria.

Caminhou até a porta da frente, grata por seus sapatos de sola macia não emitirem nenhum som. Depois de outro olhar ao redor e se assegurando de que estava de fato sozinha, segurou a maçaneta e suspirou feliz quando a encontrou girando com facilidade.

A porta se abriu silenciosamente, e ela saiu através de uma pequena abertura e gentilmente a fechou atrás dela. Estava escuro quando Peter a levou até a casa na noite anterior, mas ela tinha uma boa noção de onde estava. Precisava sair dos portões e descer a colina até a cidade. Uma vez lá, poderia pegar um táxi para casa. Santos pagaria ao motorista assim que ela estivesse lá.

Mas primeiro, precisava passar pelo portão. Tudo o que podia fazer era esperar que o mamute da noite anterior não estivesse lá. A menos que ela pudesse encontrar outro caminho. Se ele estivesse lá e ela tivesse que abortar sua tentativa, pelo menos aprenderia um pouco mais sobre o layout. Estava saindo furtivamente de sua própria casa há muitos anos; poderia sair desse lugar.

Diminuiu a velocidade e tentou ver através das finas janelas da casa de segurança. Se o mamute estava lá, estava se escondendo muito bem. A próxima coisa que ela precisaria era entrar no prédio e encontrar o mecanismo, porque duvidava que os portões de ferro forjado abrissem manualmente.

Protegendo os olhos do sol da tarde, checou a casa de guarda novamente. Ainda sem movimento. Talvez tenha sido tripulado apenas enquanto Peter estava fora.

A porta da casa de guarda estava destrancada e fez um rápido trabalho de entrar. Encontrou o interruptor facilmente o suficiente e estendeu a mão para ele.

Mas antes que tocasse em alguma coisa, podia ouvir o sutil ranger do ferro em movimento.

Peter não tinha mencionado sair, mas não havia dito nada a não ser que tinha trabalho a fazer. Talvez fosse apenas um visitante. Ela ainda podia sair, fugir da casa.

Pressionando-se contra a parede, fora da vista pela janela, prendeu a

respiração, esperando o veículo passar e continuar subindo a estrada.

Nada.

Estava em marcha lenta na entrada?

Uma porta do carro bateu, e passos pesados fizeram o seu caminho para o seu esconderijo. Ela fechou os olhos e virou a cabeça para longe da porta.

Uma risada profunda explodiu no silêncio.

"Azalea."

Ela desejou que a voz fosse embora.

“Azalea, posso te ver. Fechar seus olhos não me faz realmente ir embora.” A leviandade de Peter fez seu coração parar de bater ou os cabelos na nuca pararam de ficar em pé.

Percebendo que ela se moveu até os dedos dos pés em um esforço para se achatar completamente contra a parede, se endireitou e abriu os olhos. Peter não havia entrado; estava encostado na janela aberta.

"Você estava tentando fugir novamente." Ele empurrou a porta e atravessou.

"Eu..." Não havia muito sentido em mentir, desde que ele a pegou. "O que você esperava que fizesse?" ela perguntou em seu lugar.

“Eu esperava que você ficasse no terreno como lhe disse. Esperava que você tivesse mais bom senso do que usar a entrada da frente como uma maneira de escapar.”

Ele não estava vestindo seu terno. Uma simples camisa branca abotoada metida em calças pretas presas com um cinto de couro preto grosso e desgastado. Ela podia ver algumas de suas tatuagens através do material fino de suas mangas.

"Se você não tivesse chegado em casa agora, teria funcionado." Ela empurrou o queixo para cima. Dado o escurecimento de sua carranca depois que ela falou, provavelmente não era o melhor momento para proclamar uma vitória tão pequena.

“Você honestamente acha que eu não tinha homens assistindo você? Você realmente achou que simplesmente abriria os portões e sairia daqui?”

Sua voz se aprofundou, enviando um arrepio por sua espinha. A leviandade desapareceu.

"Eu..." Ela estalou a boca fechada. Não tinha visto ninguém, mas isso não significava que eles não estivessem lá. “Então, um dos seus homens ligou para você? Pensado em mim?”

"Eu te dei a liberdade da casa, dos pátios, em todo lugar, e você ainda tenta sair?"

"Você é tão estúpido!" ela gritou. Os eventos do dia anterior foram demais. Tudo isso a havia desgastado. “Não pode sequestrar uma mulher e esperar que ela simplesmente caia na fila! Não vou parar de tentar sair. Não vou parar de tentar chegar em casa! Você não pode me manter!” Ela pulou para ele, empurrando seu peito e tentando sair pela porta.

Seu braço grosso envolveu facilmente sua garganta, puxando-a para trás até que ela bateu em seu peito enorme. A respiração não podia chegar rápido o suficiente, seus pulmões arfavam por ar.

Mas não ele.

Ele simplesmente a segurou, sua respiração suave e lenta contra seu

ouvido.

"É o bastante." Seu tenor sombrio tomou conta dela, sugando a luta dela. Baixou as mãos para os lados e deu um suspiro lento e entrecortado.

"Por favor... deixe-me ir," pediu em um sussurro.

"Nunca." Uma declaração sólida. "Agora, desde que você tem provado que não pode seguir instruções, e prometeu continuar tentando escapar, vou ter que fazer outros arranjos para você."

"O que? Não. Eu vou..." Suas palavras foram cortadas pelo grampo de sua mão sobre sua boca. Ela sugou o ar pelo nariz, lutando para conseguir o suficiente, mas ele não se mexeu.

"Não fale mais. Já disse o suficiente, Azalea." Ele a empurrou para frente, a conduziu para fora da casa de guarda. Ele não se virou para o carro, ainda parado no interior dos portões, mas a empurrou para a casa.

Ela conseguiu acompanhar o ritmo dele, não que tivesse uma escolha com o braço dele ao redor do peito e a mão dele cortando a maior parte do ar.

Quando chegaram às escadas, ele a soltou, a girou e a jogou por cima do ombro. Seu estômago revirou quando aterrissou sobre sua constituição muscular.

"Peter..."

Um forte tapa no traseiro dela a acalmou. “Eu disse que é o suficiente. Não faça isso pior.” Sua voz, embora ainda aveludada, tinha uma qualidade mais sombria.

A porta se abriu para a casa e a luz brilhante da tarde rapidamente se dissipou na escuridão. Olhando para cima o melhor que pôde, viu outro homem - um que estivera com Peter em sua casa na noite anterior - em pé na porta.

"Ninguém vem lá em cima,” Peter disse enquanto caminhava pelo foyer e subiu a escada. Cada passo a fez pular em seu ombro.

Ele estava levando-a para o seu quarto. A trancaria com certeza desta vez. Ela tentou fugir cedo demais. Deveria ter tido tempo para aprender o layout da casa, descobriu onde seus homens estavam e manobrar ao redor deles. Exatamente como em casa.

Em vez disso, viu uma oportunidade e correu com ela. Como uma idiota.

E agora ele a trancaria.

Quando chegaram a sua suíte, não parou em seu quarto. Foi para outra porta e a abriu, entrando em uma área escura. Ele se virou, fechando e trancando a porta. Sua cabeça nadou de todos os movimentos e balançar de cabeça para baixo.

Ele se inclinou para frente, trazendo-a a seus pés. Ela tirou o cabelo do rosto e deu um pequeno passo para se orientar.

"Fique nua."

O comando duro a surpreendeu.

Ela colocou as longas mechas de cabelo atrás das orelhas e olhou para ele. Tinha que estar brincando. Ele estava tentando assustá-la.

Seus olhos estreitados, mandíbula tensa e expressão severa não implicavam nenhum tipo de diversão.

"Por quê?"

"Três segundos antes de eu fazer isso por você." Levantou três dedos no ar. "1." Ele abaixou um dedo.

"Espere. Não. Tudo bem.” Ela acenou para ele e recuou para trás.

"Dois." Outro dedo se inclinou.

"Não." Ela balançou a cabeça e olhou em volta em busca de um lugar para se esconder, para colocar distância entre eles.

Alguém poderia tê-la atingido no peito, e teria sido melhor do que o choque com o que ela viu diante dela.

Uma gaiola de tamanho humano. Mais alta que ela e larga o suficiente para várias pessoas ficarem juntas. Ao lado da gaiola, outro banco de surra, como o do seu quarto. A parede estava coberta de ganchos. Implementos pendurados pela metade deles. Pás, chicotes, açoites, tiras de couro - coisas que ela tinha visto online, mas nunca na vida real. Eles pareciam muito piores na vida real.

"Três."

Ela tentou fugir, mas ele segurou seus ombros, girando-a para encará-

lo. Com um puxão no decote, rasgou o vestido dela. O vestido se dividiu no meio, e ele rasgou o material frágil até que isso pendurou em seus braços.

"Seu monstro." Ela tentou se cobrir, mas ele esticou as mãos e terminou de puxar a roupa de seu corpo, em seguida, pegou o sutiã.

"Não. Eu vou. Simplesmente pare!" Ela pulou para trás, tentando afastá-lo.

Ela manteve os olhos longe dele, não querendo ver sua raiva, e alcançou atrás dela para desabotoar seu sutiã. O algodão branco deslizou por seus braços, liberando seus seios enquanto as taças caíam. Ela jogou no chão, no vestido arruinado e descartado, empurrou a calcinha sobre os quadris e as chutou para se juntar aos outros.

Instintivamente, envolveu um dos braços sobre os seios e apertou a mão aberta contra a virilha, tentando recuperar alguma dignidade.

"Olhe para mim," ele ordenou, e não querendo dar-lhe razão para fazer qualquer outra coisa por isso, ela fez.

A raiva que ela assumiu que estaria furiosa em sua expressão não estava lá. A tempestade escura ainda permanecia, mas ele não estava fora

de controle com raiva.

Ela ficaria mais à vontade com a raiva do que sua calma desaprovação. Ele perdeu o controle?

"Solte as mãos para os lados." O próximo pedido foi dado.

Ela soltou seus seios, mas puxou o cabelo para frente, grata que as longas madeixas pudessem lhe dar alguma cobertura, em seguida, deixar os dois braços pendurados em seus lados.

Ele fez uma avaliação lenta de sua forma nua. Um sorriso passou por seus lábios quando finalmente alcançou seus olhos.

“Suba no banco, pegue as alças e ponha sua bunda no ar,” ele instruiu, pegando a fivela do cinto.

"Não." Ela balançou a cabeça. Não cederia tão facilmente.

"Não?" Ele arqueou uma sobrancelha. "Você acabou de dizer não?"

"Foi o que disse." Ela fez punhos para não tentar cobrir seu corpo novamente. Não lhe daria fraqueza. O monstro provavelmente se alimentava disso, e ela preferia vê-lo faminto.

Ele baixou as mãos, o cinto já solto e pendurado na cintura. "OK." Ele assentiu.

Seu estômago se contorceu. Não foi um bom problema. Isso foi definitivamente um, ok, *eu vou pensar em algo pior*.

Com dois grandes passos, ele agarrou seus braços, puxou-a para a gaiola. Ela lutou, puxando de volta e xingando-o - não que esperasse que nada disso funcionasse, mas não iria de bom grado para a prisão.

Ele não abriu a porta. Em vez disso, estendeu a mão e puxou um par de punhos do topo. Empurrou-a para frente até que seu corpo foi pressionado contra as longas barras pretas. Suas mãos estavam sobre a cabeça. Suas lutas não eram páreo para sua força, e ela encontrou seus pulsos amarrados nas algemas.

Sem o uso de sua parte superior do corpo, chutou com os pés.

"Não posso esquecer isso," disse ele quase despreocupadamente.

Um tornozelo, em seguida, o outro foi agarrado e puxado para fora e trancado em outro conjunto de algemas até que ela estava completamente esticada contra a gaiola.

Ela puxou com força, mas nada cedia. Completamente nua, exposta, ela estava de costas para ele.

O barulho de sua fivela lembrou-a de sua missão, e sua bunda se apertou em resposta.

"Não. Peter. Por favor," ela implorou, tentando virar a cabeça para vê-lo, implorar para ele. "Não faça isso."

"Esta foi sua decisão, Azalea. Você teria conseguido alguns golpes de meu cinto no banco, mas agora, agora você está recebendo uma verdadeira cintada."

As pontas dos dedos dele correram por suas nádegas lisas, e ela tentou empurrar para o lado, mas ele a tinha completamente presa.

O pânico se elevou em seu peito. "Me desculpe por ter tentado fugir," ela disse ao som do cinto de couro dele esfregando-se contra os laços de suas calças enquanto ele o soltava.

"Estou feliz que você esteja, mas isso não muda as consequências. Veja, lamentar-se depois e não encarar nenhuma punição não fará com que não faça isso de novo. Então, é meu trabalho garantir que você aprenda esta

lição.” Ele espalmou sua bochecha do traseiro direito. "Quero dizer realmente aprender."

“Não faça isso. Por favor." Ela puxou novamente as restrições.

“Você fez isso, Azalea. Isso tudo é por causa de suas escolhas.” Sua mão deixou sua bunda, mas apenas por um momento. Ele fez contato. A dor dura e aguda irradiava através dela uma vez duas vezes antes de ele se mover para a bochecha esquerda e repetir a ação.

Ela apertou as pálpebras quando a mão dele correu pelas omoplatas, ajeitando o cabelo e empurrando-o para frente até que suas costas estivessem completamente expostas. Os longos tentáculos alcançaram seu traseiro quando ela inclinou a cabeça para trás; pelo menos ele os tirou do caminho. Mas foi uma ação para impedir que o cabelo dela fosse puxado ou para tornar seu alvo mais acessível.

A primeira chicotada de couro cruzou sua bunda, trazendo consigo um fogo branco que ela nunca experimentou. Ela ficou sem fôlego. Sugou o ar assim que a segunda chicotada acertou seu alvo.

Ela gritou.

Outra chicotada e outra.

"Pare!" ela gritou, torcendo para evitar os golpes, mas falhando miseravelmente.

"Ainda não," ele anunciou e continuou a administrar a punição.

Ele não deixou uma polegada de sua bunda desmarcada quando trouxe o comprimento de seu cinto para baixo sobre ela de novo e de novo, movendo-se para cima e para baixo em seu traseiro. Ela gritou quando o couro caiu em suas coxas.

"Por favor! Sinto muito!" Ela chorou, as lágrimas rolando descontroladamente por suas bochechas. Dor, dor não adulterada percorreu seu traseiro enquanto ele continuava.

"Quase pronto," prometeu em uma voz suave. Como diabos poderia estar tão calmo enquanto dava uma surra tão dura?

"Eu não posso, por favor, não mais!" Ela puxou com força as algemas. Poderia levar o resto, e ela iria, mas sua mente estava se recuperando da nitidez de cada golpe.

Sua resposta foi mover suas chicotadas mais alta, para a parte carnuda de sua bunda. Ela devia ser uma bagunça vermelha brilhante.

Tudo o que tinha que fazer era ficar na propriedade. Isso foi tudo o que ele pediu. Ele lhe dera rédea livre da casa, além da única ala que ele queria acompanhá-la. Mas ela tentou fugir. Até este momento, não a machucou, não tinha feito nada para fazê-la temê-lo, mas foi contra ele de qualquer maneira.

Qualquer pessoa razoável tentaria escapar. Mas ele a avisou. Disse a ela o que aconteceria, e agora ela estava pendurada em uma gaiola, sua bunda sendo empolada pelo cinto dele.

Ele manteve sua palavra.

"Eu não vou tentar fugir de novo!" ela gritou, querendo dizer, sabendo que nunca faria outra tentativa. Não se ser pega traria este cão infernal à sua porta.

Ele fez uma pausa.

“Eu juro, Peter. Não vou,” ela bufou, sugando o ar, sentindo a queimação de sua garganta de seus gritos, a dor em seu peito por falta de

ar.

"Não é seguro para você fugir." As pontas de seus dedos correram ao longo de sua bunda, fazendo-a silvar da ternura. Ela imaginou como suas bochechas estavam inchadas, como estavam vermelhas e machucadas.

"Não é seguro para mim aqui," ela sussurrou, pressionando a testa contra as barras e deixando as lágrimas secarem em suas bochechas.

"Eu sei que você está confusa. Sei que isso é provavelmente muito assustador, mas tudo que você pode fazer é focar no que digo." Ele esmagou seu corpo contra o dela, seu comprimento duro pressionando contra seu traseiro nu.

"Como está sendo trancada aqui melhor do que ficar trancada em casa?" ela perguntou baixinho. Ela alguma vez encontraria a liberdade que procurava?

"Você não está trancada aqui, Azalea. E se seguir minhas regras, se você se comportar, não sentirá a picada do meu cinto novamente." Ele apertou seus quadris em sua bunda, fazendo-a muito consciente de seu pau empurrando contra ela.

“Quando você for uma boa menina, quando ouvir, terá muito prazer. Tanta felicidade, você vai se perguntar por que alguma vez quis fugir.” Seus lábios roçaram sua orelha.

"Você é Insano." Ela forçou uma dureza para suas palavras, mas podia admitir pelo menos para si mesma que, através da queimadura de sua bunda, ela sentiu a excitação crescente em sua barriga. Sua vagina estava molhada. Desde o primeiro chicote até o último, sentiu seu corpo respondendo a sua dureza.

Ele também sabia disso.

Dedos deslizaram entre as bochechas de sua bunda, pressionando contra seu buraco enrugado, em seguida, moveu-se para baixo até que encontrou a umidade que ela não conseguia parar.

"Ah, aí está você." Ele beijou o ponto atrás da orelha dela. “Há a Azalea que conheci na Tower. A mulher que se excitou com uma surra, a mulher lutando contra seus próprios desejos, sua própria sexualidade.” Ele rolou o dedo sobre seu clitóris sensível, agora inchado e querendo a sua punição.

"Não." Ela tentou sacudir a cabeça, negar o que disse, mas ele beijou

sua bochecha.

“Eu não gosto dessa palavra em você. Deveria proibir você de usá-la.” Ele beliscou seu clitóris, enviando uma onda de eletricidade através de seu corpo.

Toda a força dela tinha sido usada durante as chicotadas, então ela não podia parar o gemido de prazer escapando de seus lábios quando beliscou novamente.

"Imagine o quão rápido você irá gozar para mim se eu empurrar meu pau em você, ou se chupar esse seu pequeno clitóris." Ele deslizou os dedos para trás, circulando sua entrada. "Quão rápido você vai gozar para mim se eu te foder com meus dedos?"

O céu a ajudasse, se ele não parasse de falar, gozaria puramente com a voz dele.

"Mas, você foi uma garota muito malcriada, e não pode ter um orgasmo ainda." Ele se afastou, todo o toque evaporou dela, deixando-a queimando por um motivo completamente diferente.

A dor de sua bunda se tornou conhecida novamente quando a dor em

sua boceta diminuiu. Ela abaixou a cabeça, querendo chorar, pela perda de sua dignidade, pela perda de qualquer esperança de liberdade e pela perda de seu toque.

Ele soltou os tornozelos das algemas e envolveu um braço ao redor de sua cintura enquanto soltava os pulsos.

"Eu não vou te trancar aqui," disse ele, pegando-a em seus braços, mas não sendo de todo cuidadoso com a dor na bunda dela quando fez isso. "A menos que você me faça. Se você correr de novo, eu vou," ele prometeu.

Ele a levou para seu quarto novamente com os braços em volta do pescoço e a cabeça apoiada contra o peito.

Sua loção pós-barba cheirava bem. Como algo em que ela pudesse se aconchegar.

Peter a colocou na cama, com a bunda para baixo, e sorriu quando ela estremeceu com o tecido esfregando sua pele.

"Eu não vou te trancar, mas vou colocar um homem do lado de fora da porta." Ele se inclinou sobre o rosto dela, correu os dedos sobre as manchas de lágrimas secas. "Um dos meus homens irá acompanhá-la quando você

sair desta sala. Sem mais mau comportamento, Azalea!” Ele tocou a ponta do nariz dela.

"Quando isso vai acabar?" ela perguntou suavemente, observando seus lábios.

"Eu não posso te dizer isso."

"Não pode ou não vai?"

Ele permaneceu em silêncio por um longo momento, depois colocou a boca sobre a dela. Ela deveria ter lutado, virar a cabeça e negar, mas em vez disso ela afundou no calor de seu toque.

Quando a língua dele empurrou entre os lábios dela, ela dançou com isto, levando o beijo mais fundo, querendo mais que só a boca dele nela.

Ele terminou o beijo abruptamente e apertou um beijo quente em sua bochecha. "Durma por agora."

“Você vai me deixar mais roupas? Os vestidos que você trouxe são um pouco apertados,” disse ela.

Ele se levantou da cama. "Não. Nenhuma roupa.”

"O que?" Ela se sentou.

Ele abriu a porta e sorriu de volta para ela. "As mulheres nuas são menos propensas a tentar escapar."

"Mas você disse que eu poderia sair da sala, que seus homens estarão lá fora."

Ele assentiu. “E eles vão. Você é livre para vagar pela propriedade, Azalea.”

Ela jogou um travesseiro, mas a porta se fechou atrás dele antes de alcançá-lo.

Ele manteve sua palavra. Não trancou a porta. Ela estava livre para andar o quanto quisesse.

Completamente nua.

Ele ainda achava um jeito de mantê-la presa.

CAPÍTULO OITO

Peter encontrou Daniel e Johnny no anexo. Não haveria outra festa de catálogo até Ash voltar de sua lua de mel, mas ainda havia eventos diários acontecendo. As meninas tinham compromissos e clientes para entreter.

“Eu quero dois homens parados no meu andar. Um deles bem na frente do meu quarto. Quero outro na parte inferior da escada. Se Azalea descer, quero alguém com ela o tempo todo, e vou ser notificado.” Peter apontou um longo dedo para Daniel. "E quero alguém na porra do portão até que eu tenha tudo isso situado."

"O portão?" As sobrancelhas de Daniel se levantaram. “Claro, vou colocar Tommy nisso. Algo aconteceu?"

Peter passou a mão pela nuca. “Azalea estava tentando abrir os portões quando voltei do check-in na Tower. Se não tivesse voltado para casa no momento, ela estaria a meio caminho da cidade. O pequeno clarão de seus cabelos na janela a entregou na casa de guarda.” Se não estivesse se inclinando para fora do carro para digitar o código, provavelmente a teria

perdido. Ela não teria que apertar o botão para abrir os portões; ele a teria ajudado.

"Merda." Daniel se virou para Johnny. "Você não colocou um homem lá fora?"

“Sim, nos jardins. Você disse que ela tinha a liberdade da casa.”

"Não a quero fora da propriedade,” declarou Peter. Ele deveria ter informado os homens que queria mais guardas sobre ela, queria olhos nela enquanto estava no terreno. Pegá-la foi pura sorte, mas ele estaria mais preparado no futuro.

"O que está acontecendo aqui?" Peter transformou o assunto em negócios. Depois de passar a última meia hora com Azalea, seu pau precisava da distração.

“Amber e Annie têm sessões de teatro esta tarde, e Aubree está de folga até que você lide com ela,” disse Daniel.

Aubree. Certo. Peter soltou um suspiro pesado. Lidar com mulheres errantes no Anexo sempre lhe dava uma emoção. Ele gostava de seu trabalho como disciplinador da casa. Mas no momento, parecia mais uma

tarefa do que uma alegria.

"Ela vai esperar," disse Peter. "E as outras garotas? Estamos tendo uma semana lenta? Apenas duas meninas têm sessões de brincadeiras?"

"Eu acho que algumas das outras estão tirando folga. Você sabe, com Ash tendo ido... "

"O Gato está longe, então os ratos jogam, é essa merda? Certifique-se de que temos garotas suficientes para cuidar dos regulares. As outras podem decolar. Mas certifique-se de que elas realmente tirem um tempo. Quero que elas sejam listadas como de folga, não apenas recusando compromissos." Como qualquer outro local de trabalho, as férias faziam parte do pacote de benefícios, mas Peter não permitia que as meninas simplesmente tirassem dias de folga sem documentar.

"Você entendeu?" Johnny assentiu.

"E a Tower?" Daniel perguntou. "Alguma das garotas quer tirar um dia aqui?"

Peter sacudiu a cabeça. "As duas empresas permanecem separadas. Se elas quiserem, terão que vir se candidatar por conta própria. Não vou mudar

as meninas daqui para lá ou para cá.” Peter havia aberto a Tower sozinho. Não era um negócio do Titon, e permaneceria completamente independente dessa marca.

"Você vai lá hoje à noite?" Daniel perguntou.

"Ainda não tenho certeza." Peter não mencionou que dependia completamente do comportamento e da atitude da linda e safada loira do andar de cima de seu quarto. "O que você descobriu sobre Santos e Bellatrix?"

Johnny respondeu. “Santos se foi. A casa da azalea está vazia. Os outros homens que estavam lá também se foram. Acho que eles estão assustados porque a filha de sua chefe foi levada e eles não reagiram.”

“Eu tenho alguns palpites sobre Bellatrix. Até agora, ninguém está falando, mas se ela está trabalhando com alguma das famílias - e pela aparência daquela casa e com o quão assustados esses homens eram, diria que ela tem conexões em alguns lugares bem altos - nós encontraremos alguma coisa,” Daniel acrescentou.

“Quero que o Santos seja encontrado e quero que seja trazido para cá.

Tenho perguntas para ele.” A mandíbula de Peter doía da tensão que o pensamento do idiota trouxe a ele.

"Nós vamos encontrá-lo,” Daniel prometeu.

“Talvez ela tenha trabalhado com Samuel. Alguma chance de ela ser listada em um desses registros antigos?” Johnny ofereceu.

Peter sacudiu a cabeça. "Que tipo de registros precisos você acha que Samuel manteve enquanto ele estava sequestrando e vendendo mulheres?"

“Eu só estou dizendo, ele manteve alguns registros. Talvez ela esteja lá, se trabalhou com as famílias no passado. Talvez tenha trabalhado com ele.”

Não é um ponto ruim.

“Os livros antigos estão no andar de baixo. Vá até eles e deixe-me saber se encontrar alguma coisa. Mas Samuel usou códigos também, então você pode jogar super detetive por um tempo.”

"Sem problemas." Johnny sorriu. Ele provavelmente se sentiu mais poderoso sendo dado um trabalho. Todo mundo subia na hierarquia, legal

ou não, e a família Titon não era diferente. Johnny estava fazendo o seu caminho.

"Por que essa mulher é tão interessante para você, afinal?" Daniel sondou. “Eu nunca ouvi falar dela até a outra noite quando pegamos a filha dela. O que me leva à segunda pergunta. Por que nós pegamos Azalea?”

Peter estreitou o olhar. Seus motivos não estavam em discussão, e eles com certeza não estavam à altura do julgamento de seus homens.

“Minhas razões são meu negócio. Manter este lugar funcionando e seguro é o seu negócio. Agora, comece a trabalhar.” Peter virou-se e voltou para a casa principal. Ele explicaria seu raciocínio para os homens em um determinado dia, mas no momento, mesmo se quisesse, não podia. Ele não entendia suas ações mais do que eles. Só sabia que tinha que tirar Azalea daquela casa, e podia sentir em seus ossos que algo não estava certo com a mãe dela.

"Peter?" Uma voz suave chamou-o antes que alcançasse a porta.

“Aubree. Você deveria estar no seu apartamento até eu ligar para você.” Ele virou para encará-la. Ela tinha as duas mãos cruzadas na frente

dela, e seu cabelo estava esticado e colocado sobre os ombros. Com um tom rosado nas bochechas, parecia quase virginal.

"Eu sei. É só que realmente preciso da mudança extra no Sampson's ou no Delilah's, e o Daniel disse que não posso aceitar nenhum trabalho até que você tenha... bem, até termos conversado."

"Deveria ter considerado isso antes de quebrar as regras da casa," disse ele, cruzando os braços sobre o peito. Mostrar a ela qualquer empatia lhe daria falsas esperanças.

"Eu sinto Muito." Seus ombros caíram, mas seu olhar permaneceu fixo em sua bota.

"Nós conversaremos hoje à noite. Você estará de volta à lista amanhã - disse ele em voz baixa, deixando-a no corredor. Aubree não era uma mulher tímida. Ele a entrevistou pessoalmente, e era sincera e tinha uma forte determinação. Esta não seria a primeira vez que ele levava o cinto a ela por desobedecer a regra da casa. Provavelmente não seria a última também. Por que ela não sairia quando saísse para a noite? Isso surpreendia porque algumas das garotas colocavam suas bundas na linha sobre regras tão fáceis de seguir.

Mas ele já tinha uma mulher que não entendia bem, e não teve tempo de descobrir esse quebra-cabeça também. Lidaria com ela mais tarde.

Peter atravessou a sala e se dirigiu para a escada.

"Uh, seu bem... a menina está na cozinha." Jacob parou-o antes que ele subisse.

Peter olhou pelo corredor que levava à cozinha. "Azalea?"

"Sim. Ela queria algo para comer. Tommy disse que podia andar pela casa," ele classificou rapidamente.

Peter foi para a cozinha. Ela já tinha se provado teimosa, mas realmente saiu do quarto dele e andou até a cozinha nua? Quantos dos homens tinham visto?

Ele abriu a porta do balanço e invadiu a cozinha, esperando ver uma mulher de pé no centro da sala com a mão empoleirada no quadril nu.

"Eu não conseguia encontrar pão." Azálea olhou para cima da ilha da cozinha, onde rolou uma fatia de presunto. Nenhuma presunção. Sem nudez também.

Ela pegou o lençol da cama dele e fez um vestido estilo toga.

Lutando contra a elevação de seus lábios, ele caminhou até a despensa. Abriu um painel e tirou um pedaço de pão de mel.

“Oh. Não vi isso.” Ela deslizou o presunto enrolado em sua boca.

"Eu me lembro de ter lhe dito sem roupas." Ele empurrou o pão em direção a ela na ilha, dando um passo para dar uma olhada melhor nela.

Ela encolheu os ombros. “Isso não é roupa. Isto é um lençol.” Ela rolou outro pedaço de presunto, aparentemente não mais interessada em fazer um sanduíche.

Ele arrancou a carne de seus dedos, atraindo o olhar dela para ele. "Garota esperta." Ele correu o polegar sobre o queixo dela até o pescoço até chegar ao lençol.

Seu olhar não vacilou. Ela não se afastaria dele, não importasse o quanto quisesse. E ele podia ver aquela batalha nela. Ela não aprendera a mascarar tanta emoção quanto achava que tinha. Gostou do toque dele, mas lutou contra o desejo.

"Você vai me punir de novo?" A pergunta foi feita em um tom baixo e rouco.

"Você quer que eu faça?" Procurou seus olhos enquanto acariciava o nó do lençol em seu ombro. Um puxão, e ele a teria nua novamente. Só que desta vez, não estava apressado, apreciaria a vista pelo tempo que quisesse. Ele inspecionaria cada curva, cada sarda, cada centímetro dela antes que permitisse que ela se vestisse novamente.

"Você sabe o que quero." Ela pressionou os ombros para trás, tentando colocar um rosto corajoso.

"Eu sei o que você *diz* que quer." Ele colocou um dedo sob o lençol, arrastando-o do nó até o topo de seu seio.

“Não sou tão ingênua quanto pensa que sou. Sei o que você faz para viver. Sei como você e seu primo ganham todo o seu dinheiro. Você vende sexo. Vende mulheres e, quando não está fazendo isso, ataca os fracos que vêm procurando ajuda.”

Peter fez uma pausa e arrastou sua atenção de seus seios para seus olhos. Seus mamilos endurecidos não passaram despercebidos. Nem sua

tentativa de desviar o momento mudando de assunto.

“Não ingênua, mas definitivamente mal informada. E não estou discutindo negócios familiares com você.” Enfiou a mão no lençol até chegar ao mamilo dela. Tomando entre dois dedos, apertou.

Ela ofegou e tentou se afastar. Ele não soltou. Ela levantou a mão, cobrindo a dele, tentando afastá-lo dela.

"Eu não vou soltar até que queira,” disse ele, intensificando seu aperto. “Seria muito benéfico para você aprender rapidamente quem está no comando aqui, quem faz as perguntas, quem define as regras e quem permite que as pessoas entrem e saiam. Você vê, não importa o que quer, importa o que eu quero.”

Ela estremeceu, mas parou sua tentativa de pará-lo.

Ele esperou até que seus olhos brilhantes encontrassem os dele. Lágrimas, que não caíram, empoleiraram-se em suas pálpebras.

Ele a soltou. Ela rapidamente respirou fundo e apertou o braço sobre o peito. A picada duraria pouco, mas seria intensa quando o sangue voltasse ao seu mamilo.

"Se eu deslizar o dedo pelos lábios da sua buceta, vou encontrá-los molhados?" ele perguntou. Ela empurrou seu corpo mais longe dele. Ele riu. "Acho que tenho a minha resposta."

"Idiota," ela murmurou baixinho, ainda segurando o peito.

"Culpado." Ele sorriu para ela. Vendo a mistura de excitação e medo em seus olhos fez seu pau duro. Se ela estivesse de joelhos dando a ele o mesmo olhar, ele provavelmente perderia sua carga.

"Mas não vim aqui para discutir com você." Ele suspirou, empurrando o pedaço de pão mais perto dela e dando-lhe espaço andando pela ilha. "Tenho que trabalhar hoje à noite. Você virá comigo."

"Por quê?"

"Principalmente porque eu quero que venha, mas também, você não teve a chance de ver muito na Tower durante a sua última visita. Achei que poderia gostar de explorar em vez de sentar no meu quarto." E ele não a deixaria para trás na casa para bisbilhotar uma forma de fuga.

"Eu vou ficar nua?" ela atirou nele.

Ele riu novamente. Tal fogo de uma mulher que ele não tinha dúvida passou a maior parte de sua existência sendo trancada longe da vida.

"Depende de você." Ele não disse mais nada. Deixe-a descobrir o que precisava fazer para conseguir roupas. Ela não sabia que não havia nenhuma maneira que ele a deixaria andar em volta da Tower nua. Ninguém colocaria seus olhos em sua forma nua até que ele tivesse a chance de realmente vê-la.

Ninguém.

CAPÍTULO NOVE

O barulho do clube não abafou o barulho do coração de Azalea em seus ouvidos. A batida da música, a ondulação das pessoas dançando, as risadas subindo e descendo ao redor dela aumentaram sua ansiedade.

Ela esteve no meio de toda a multidão dias antes, mas desta vez, ela não conseguia acalmar o ritmo cardíaco, ou a respiração para pegar.

Talvez fosse o vestido preto justo com o decote profundo e as costas inexistentes que Peter lhe dera para usar. Ou talvez o modo como os homens lambiam os lábios quando ela atravessava a multidão, atrás de Peter. Ele dera alguma proteção - ninguém se atreveria a mexer com ele -, mas assim que ele passou pelos homens, seus olhares foram direto para ela. Agarrou a mão de Peter com mais força quando eles foram para o escritório dele.

Uma vez que estavam na parte de trás do clube, fora da multidão, ela sentiu a respiração voltar para seus pulmões. Peter fez uma pausa, voltando-se para ela com preocupação.

"Há mais pessoas do que antes," disse ela sem jeito.

"Você não gosta de multidões?" Ele perguntou, passando o polegar sobre os nós dos dedos. Não tinha soltado ele, e não estava pronta para isso.

"Eu não estou acostumado com elas. A música também não era tão alta antes." Colocou a mão livre sobre o peito, tentando recuperar o controle sobre si mesma novamente.

"Alcançamos a capacidade quase todas as noites. Talvez esta noite seja diferente por outro motivo." Ele empurrou uma mecha solta de cabelo do rosto dela.

Ela engoliu em seco e soltou a mão dele. Seus lábios se curvaram em um sorriso, mas ele não alcançou ela novamente.

"Você tem certeza que me trazer aqui foi uma boa ideia? Quero dizer, tem muita gente. Eu poderia pedir ajuda, me perder na multidão e sair para a rua." Todas as possibilidades que ela já corria pela cabeça, mas sabia que não funcionariam. Ele tinha muitos homens e ela não sabia quem ou onde eles estavam.

“Sim, provavelmente há pelo menos uma dúzia de maneiras para sair esta noite. Mas você não vai. Porque sabe que vai ser pega e sabe o que acontece quando você é pega.” Ele chegou ao redor dela e agarrou sua bunda. Ela cerrou os dentes com a dor, mas não lhe mostrou seu desconforto.

Depois que ele deu a ela o vestido junto com a ordem para se preparar para uma noite fora, ela examinou seu traseiro no espelho. Três contusões já haviam se formado em suas bochechas. Ela não estava olhando para adicionar mais a elas. Ele poderia muito bem.

"Eu acho que você gosta de bater em mulheres,” ela atirou para ele. Conseguir aquele belo sorriso confiante em seu rosto tornou-se uma prioridade. Ser atraída por ele precisava parar, e quanto mais ele lhe dava seu meio sorriso, mais aquela pequena ruga na bochecha esquerda aparecia, mais ela queria ter seus lábios nele novamente.

Ele riu da acusação dela. “Eu não as machuco. Mas gosto de disciplinar uma submissa safada. Isso as deixa a bordo, se você sabe o que quero dizer.”

"Não. Não sei o que isso significa,” ela argumentou, sabendo

exatamente do que ele estava falando. Depois de amarrá-la e colocá-la na cama, ela teve tempo de sobra para envolver sua cabeça no incidente. Quando deveria estar com raiva e tramando vingança, estava calma e excitada. A cinta machucara, e ela sentiria pelo menos pelo resto do dia, mas Peter não tinha sido excessivamente cruel. Na verdade, foi a escuridão dele que a atraiu para ele. A maneira confiante como simplesmente assumiu o controle e não lhe deu nenhuma indulgência pelo que fizera.

Mas ela não admitiria nada disso para ele. Não. Pode ter se sentido calma quando ele a amarrou, mas sabia que estava errado. Deveria querer ele morto por tocá-la. Deveria querer matá-lo pelo jeito faminto que ele continuava olhando para ela.

Ela deveria.

Mas não fez.

Peter se inclinou para mais perto dela, acariciando sua bochecha. "Uma garota tão teimosa." Ele deu um tapinha nela. "Mas sei como lidar com isso."

Ela se forçou a se afastar de seu toque, e recebeu uma risada dele por

seu esforço.

“Eu preciso ver algumas coisas. Você tem uma escolha aqui, Azalea. Você pode sentar no meu box privado à esquerda do palco principal e ouvir a música e assistir ao programa prestes a começar, ou pode se sentar no meu escritório comigo. ”

A mudança em sua voz quando ofereceu a segunda escolha a fez acreditar que vê-lo trabalhar seria exatamente isso. Sentado e assistindo. Sentada em seu box privado lhe daria a capacidade de ver o show, para ver como os outros casais no clube reagiam e jogavam. Ela conseguiria ver exatamente o que queria na primeira noite que veio.

E ele sabia disso. Podia sentir, mesmo que não admitisse isso.

"Eu vou sentar em seu box,” ela respondeu com um tom suave. Ele estava oferecendo um ramo de oliveira curto. Muito curto, considerando que ela ainda não era capaz de sair e ir para casa, mas pelo menos não estava sendo algemada a ele.

“Sergio estará de prontidão. Qualquer coisa que você precisar, basta perguntar a ele.” Peter gesticulou para o lado e um homem saiu das

sombras. O mamute da guarda do prédio.

"Eu pensei que disse que mantinha o seu negócio separado dos Titon?" ela perguntou, olhando o homem grande caminhando até eles. Se seu tamanho não afastasse as pessoas, sua feroz carranca faria o trabalho perfeitamente bem.

"Eu faço. Quando fico na casa, o Sergio vem comigo. Ele faz parte da minha equipe de segurança pessoal." Peter se virou para o homem em questão. "Ela não deve deixar o box sem escolta por qualquer motivo. Coloque uma garrafa de vinho na mesa e um prato de pão e queijo. Ela não comeu muito no jantar."

" *Ela* está bem aqui e *não* está com muita fome," disse Azalea.

"Eu vou estar no meu escritório, mas vou me juntar a ela em breve." Peter continuou a dirigir-se ao mamute.

Azalea revirou os olhos.

"Sim senhor." Sergio voltou sua atenção para Azalea. "Depois de você." Ele gesticulou para ela voltar pelo corredor que acabara de entrar.

"Azalea." O tom duro de Peter parou-a alguns passos. “Seja boa para mim. Não me faça punir você novamente hoje.”

Seu estômago se apertou e seu rosto se aqueceu, ainda mais quando percebeu que Sergio tinha ouvido.

Não confiando em sua voz para permanecer firme, optou por não responder. Virando em seus saltos, que felizmente não era muito alto, fez o seu caminho pelo corredor longe dele.

ლ ლ ლ

"Sergio diz que você não deu nenhum problema." Peter a surpreendeu com sua aparição repentina, fazendo-a estremecer. A mão dele descansou no ombro dela, acalmando-a. "Desculpe, não quis assustá-la,” ele ofereceu.

Um sorriso gentil pousou em seus lábios.

"Eu estava assistindo..." Ela encolheu os ombros, incapaz de dizer o que tinha estado tão encantada antes dele se juntar a ela.

Não tinha ideia de quanto tempo ele estava em seu escritório trabalhando, mas ela conseguiu beber três taças de vinho e comer muito do

pão crocante e queijo que ele tinha trazido para ela.

Peter olhou para o palco principal. Uma mulher permaneceu suspensa nas intrincadas tecelagens da escravidão shibari. Azalea sabia o termo porque eles tinham anunciado quando o casal começou. Peter tinha a mesma habilidade que o homem no palco?

"Eu pensei que você poderia gostar do show de hoje à noite." Ele se sentou ao lado dela. Um servidor colocou uma bebida diante dele, e Peter agradeceu-lhe antes de acenar para ele. Tudo parecia aparecer para ele quando queria.

"Eu..." Ela balançou a cabeça, decidindo não estragar o ambiente casual com mais algum sarcasmo. "Sim. Tem sido divertido. Esta é a segunda vez que ele a amarra. A primeira era como uma teia de aranha com ela no meio do casulo. Incrível e linda." Azalea tomou outro gole de seu vinho branco. "E leva muito tempo, tanta paciência."

"Sim, sim. Na parte da parte superior e inferior." Ele tirou os cabelos do ombro dela. "Se eles não estivessem fazendo isso como uma performance hoje à noite, Jerry teria seu limite mais apertado, seus seios mais proeminentes, e ele estaria tomando um chicote para ela. Ela adora

quando está amarrada sem espaço de manobra.”

Azalea se virou para ele. Embora houvesse uma ligeira inclinação em seus lábios, dando a impressão de que ele gostava do assunto, ele não estava brincando com ela.

"Um chicote para seus seios?" ela perguntou sinceramente.

"Oh, sim. E ata-los torna-os um pouco mais sensíveis. É perfeitamente seguro, Azalea,” assegurou ele.

Ela não comentou sobre isso. Mesmo depois que provou o quão idiota ele poderia ser, e depois de tudo o que ela sabia sobre a família Titon, não duvidou do que ele disse.

Ela concentrou sua atenção no casal que estava terminando sua performance. Jerry trouxe sua companheira de brincadeira para baixo da liga de suspensão com tanto cuidado e gentileza como ela tinha sido colocada neles.

"Eu estava pensando." Ele limpou a garganta antes de tomar um gole de sua bebida.

Ela deu outra olhada nele e bebeu vinho em vez disso.

Seu sorriso expressou seu conhecimento de que ela estava tentando ser civilizada. Talvez em algum momento ele retrocedesse e a deixasse ir para casa. Ou, no mínimo, explicar por que não faria isso.

“Você não me questionou sobre um celular, nem se preocupou com a sua mãe ligando para você. Por quê?" Ele terminou sua bebida. O gelo se chocou contra o vidro de cristal.

"Nunca precisei de um celular." Não há mal em dizer a verdade sobre isso; ele já sabia que sua mãe era super protetora. "Eu geralmente tinha Santos ou um de seus homens comigo se saísse de casa." O que era bem raro. E não era como se ela tivesse amigos para chamar, mesmo quando conseguisse sair de casa sem acompanhante.

Peter bateu com o dedo no queixo, parecendo considerar o que ela disse, então sorriu um pouco mais. "E agora? Quando ela ligar para casa procurando por você? Santos não está por perto, pelo que meus homens contaram. Ele fugiu."

"Claro, ele fez." Azalea não esperaria que aquela covarde ficasse por

perto para sentir a ira de sua mãe quando voltasse para casa e encontrasse sua filha sequestrada bem debaixo do nariz dele.

“Alguma idéia para onde teria corrido? Uma casa diferente? Um local de férias?” Peter a pressionou, empurrando seu copo de vinho fora de seu alcance. O zumbido quente do álcool passou por ela, mas não precisava que ele lhe dissesse quando já tinha o suficiente.

"Não. Nós não éramos exatamente amigos.” Santos desprezava ter que cuidar dela tanto quanto ela odiava tê-lo por perto.

Peter continuou com suas perguntas. "E a sua mãe? Ela vai voltar para casa quando ligar e ninguém responder?”

Ela balançou a cabeça e se levantou, dando alguns passos até o corrimão, onde olhou para o andar de baixo, onde os casais se moviam para a batida erótica da música. Ela quase podia escolher quais mulheres na multidão estavam lá para o trabalho e quais estavam apresentando fantasias prazerosas.

Seu corpo pressionou contra ela por trás, sua loção pós-barba a envolvendo.

"Você sabe como dançar?" ele perguntou.

"Eu faço." Sua mãe havia trazido instrutores para a casa uma vez por semana durante a adolescência para ensinar-lhe a arte da dança. Ela conhecia algum balé, mas na maior parte fora ensinada a dançar em reuniões sociais. Tinha sido uma das pequenas luzes cintilantes de esperança que sua mãe permitiria que ela fosse uma mulher normal e entrasse na sociedade quando tivesse idade suficiente.

Sem uma palavra, ele ligou a mão dela à sua e a levou descendo as escadas para o nível principal e para a pista de dança.

Em seu gesto, uma nova música surgiu do coreto ao lado do palco principal. A multidão se afastou, dando a Peter o espaço que ele parecia exigir.

Virando-se para ela, soltou sua mão e ofereceu seus braços. Ela entrou em seu abraço, segurando sua mão esquerda com a direita na altura do ombro, e sentiu sua direita espalhar sobre suas omoplatas.

Aparentemente, ele mesmo tirou algumas lições.

Peter lançou-lhe um sorriso e guiou-a no primeiro passo quando o

cantor começou.

Azalea se forçou a se concentrar nos passos, apreciando o fato de que não estavam dançando qualquer melodia de baile que sua mãe tinha forçado a ela. Mas Peter não seria ignorado. Seus dedos tocando suas costas nuas a lembraram a cada passo que ele a controlava. Não só a dança.

"Você teve aulas?" Ela perguntou quando seu olhar se tornou demais para suportar em silêncio.

"Culpa da minha mãe," disse ele com uma pitada de tristeza. "Meu pai não podia dançar para salvar sua vida e era algo que ela gostava. Eu era a próxima melhor coisa, então ela me ensinou."

Azalea imaginou um jovem Peter dançando em uma sala de estar, dançando nos pés de sua mãe. "Seus pais moram longe?"

Seus olhos ficam nublados, e ele olhou por cima do ombro, virando-a com um leve mergulho antes de responder. "Minha mãe faleceu há muito tempo, meu pai bem diante dela." Seus lábios se apertaram enquanto falava; todo o seu corpo sob o seu toque ficou tenso.

Ele a girou novamente, puxando-a para fora e trazendo-a de volta,

mais perto de seu corpo enquanto a movia ao longo da pista de dança.

"Você não me respondeu sobre sua mãe," disse ele quando falou novamente. Aparentemente, o tema de sua família estava fora dos limites. "Ela virá correndo para casa quando ligar e ninguém estiver lá para atender?"

Ela tomou nota de sua mandíbula e firmeza de seu aperto enquanto a música continuava. Lembrando-se de que decidira brincar bem com ele, a fim de obter respostas, se não a liberdade, ela respondeu. "Ela está em alguma reunião e não vai estar em casa por mais algumas semanas. Raramente me liga se estiver fora a trabalho, então provavelmente não sabe que não estou em casa. Se esteve em contato com Santos e ele não contou a ela, provavelmente não saberá até que chegue em casa."

As sobrancelhas de Peter se ergueram. "Ela não liga para você enquanto está longe? Que tipo de negócio ela está que não pode telefonar para sua filha?" A acusação em suas perguntas não foi perdida em Azalea, e ela não podia culpá-lo. Pelo pouco que ele contou a ela sobre sua própria mãe, é claro, seria estranho para ele.

"Eu não sei qual é o seu negócio, na verdade. Sempre me disse que é

complicado.” Azalea olhou para longe dele, não querendo mais ver a desaprovação em suas feições.

"Então, ela não vai saber que você não está em casa por mais algumas semanas." Ele os virou novamente e pegou os passos para combinar com o ritmo da música.

"Talvez possa estar em casa antes que ela volte." Azalea aproveitou a chance. Ou ele continuaria falando livremente com ela, ou ficaria agitado que ela reclamasse sua liberdade novamente. “Talvez possamos passar as próximas semanas juntos e eu possa ir para casa antes que ela retorne. Ela prometeu que iríamos começar a procurar meu próprio apartamento quando terminasse esta reunião.” Podia ouvir a esperança surgir em sua própria voz.

Ele não reagiu à sua proposta. A dança continuou, e a abraçou enquanto seguiam pelo chão. A multidão tinha diminuído uma vez que Peter começou sua valsa.

“Se você passar as próximas semanas comigo, se comportando, fazendo o que lhe é dito, e se dando a mim, quando sua mãe voltar para casa, vou deixá-la saber onde você está. Quando ela vier para você,

decidiremos o que acontecerá então.”

A música terminou e com a última nota, Azalea parou de dançar.

"O que você quer dizer, dar a você?"

“Quero dizer, me dê tudo. Poder, controle, sua submissão. Me dê tudo de você e quando sua mãe voltar, decidiremos o que fazer.”

“Eu ainda não entendo porque não me deixa ir. Eu não entendo porque me levou em primeiro lugar. Você pode pelo menos me falar sobre isso?” Ela procurou suas feições, procurando por um pequeno raio de luz. Algo para ela se agarrar a ele que não era um monstro.

“Eu não posso, não. Posso te dar minha palavra, estará segura. Nunca vou te machucar, mesmo quando te magoei.”

Eles se levantaram enquanto os dançarinos enchiam o chão, cercando-os. A banda começou uma música rápida.

“Quando ela retornar. Você promete?

"Eu juro." Ele segurou as mãos dela e deu a ambos um aperto, seu olhar penetrando no dela.

Ela varreu o olhar sobre as alcovas com vista para a pista de dança. A arte em movimento da submissão e do domínio. Outro casal estava tomando o palco principal, seguido por dois membros da equipe uniformizados rolando um banco de spanking[2] no lugar.

Tudo o que ela veio a este clube para ver, sentir, aprender, ele estava oferecendo a ela. E no final, poderia ter total liberdade. Dele, da mãe dela. Ela descobriria o cominho depois.

"OK. Concordo." Ela se soltou do aperto dele e estendeu a mão para ele. Um acordo comercial começou com um aperto de mão. Ela sabia muito disso.

Ele olhou para a oferta dela e riu, tomando entre as suas.

"Vamos para casa, então." Virou-a e a acompanhou até a saída.

"O que há nos andares superiores deste prédio?" Ela perguntou uma vez que eles estavam no corredor dos fundos indo em direção à garagem. Escadas subiram na escuridão e ela viu um elevador.

“As meninas que recebem privilégios de trabalho aqui também podem alugar os quartos em três dos andares para fazer negócios. Nós fornecemos

[2] Banco de punição ou surras. Bater com a mão aberta ou um objeto plano, especialmente nas nádegas como punição.

segurança para elas, então é mais seguro que elas fiquem aqui do que ir para um motel na rua ou para o carro de algum babaca.” Peter pegou o casaco de um de seus homens e ajudou-a a vestir.

“Os três andares acima serão meus quando a construção estiver concluída. Não queria atrasar o clube enquanto meus quartos particulares estavam sendo concluídos,” ele continuou a explicar enquanto a levava para a garagem onde estacionou seu carro.

Azalea agradeceu ao homem que mantinha a porta aberta quando subiu no banco do passageiro.

Tinha mais perguntas para ele, mas quando ele tomou seu lugar ao volante e ligou a música, percebeu que ele não queria fazer vinte perguntas.

E ela não queria comprometer o presente que ele estava dando a ela. Esperança. Em algumas semanas, estaria livre.

CAPÍTULO DEZ

Peter acompanhou Azalea até os degraus da casa com a mão nas costas, desejando que o casaco não o impedisse de sentir sua pele. Ele não levara muito tempo para escolher um vestido para ela; simplesmente pegou um vestido preto do armário de Ellie, certo que ela lhe perdoasse a intrusão.

Mas vê-lo na Azálea, a maneira como ele fluía sobre suas curvas suaves, destacava seus seios generosos e mostrava os músculos das costas quando se movia - Ellie teria de comprar um vestido novo quando chegasse em casa.

A porta da frente se abriu quando eles se aproximaram. Daniel ficou com a mão para fora, segurando um telefone celular e um rápido olhar para Azalea no braço de Peter.

"O que há de errado?" Peter perguntou, passando pela porta e ajudando Azalea com o casaco. Ela permaneceu em silêncio, observando o vestíbulo, e ele percebeu que ela não tinha feito uma visita adequada à casa. A maneira como seus olhos se arregalaram com a arte e a arquitetura

da área estreita fez com que quisesse mostrar a galeria de arte de Ellie. A esposa de seu primo tinha um dom com o pincel.

“Aubree,” disse Daniel, enfiando o celular no bolso de trás. “Eu estava apenas saindo. Ela foi ao Sampson hoje à noite, procurando por uma mudança. Quando Sarah a lembrou que estava de folga por enquanto, deu um fodido ataque.”

Peter suspirou. Tinha esquecido tudo sobre Aubree. Quando foi a última vez que ele se esqueceu de entregar uma punição a uma das garotas? Isso já aconteceu?

"Eu deveria ter lidado com ela agora." Peter olhou para Azalea. Ela parecia focada em uma pintura, mas ele a conhecia melhor. Estava ouvindo cada palavra.

"Eu disse a Sarah para mantê-la lá, dar-lhe algo para fazer, e iria buscá-la,” explicou Daniel.

"OK. Eu vou falar com ela amanhã de manhã. Diga a ela para me encontrar às oito.”

"Certo." Ele olhou para Azalea. "Tem certeza de que não quer que eu

cuide disso?"

Peter gostaria de nada mais do que entregar suas responsabilidades, mas até que Ash chegasse em casa, estava mantendo as coisas como eram.

"Não. Deixa comigo. Traga-a de volta para cá e lembre-a de que, se preferir deixar nosso emprego, ela é mais do que livre para fazê-lo."

Daniel começou a falar, mas sacudiu a cabeça e se calou. Com um breve aceno, esgueirou pela porta, fechando-a atrás dele.

Azalea cruzou os braços sobre o estômago, dando mais um passo em direção às escadas.

Peter soltou uma das mãos e ligou-a à sua, levando-a ao seu quarto. Ela concordou em dar-lhe tudo, e não esperaria mais tempo para reivindicar o que era dele.

"O que você quis dizer quando disse que deveria ter lidado com ela?" Azalea perguntou uma vez dentro de seu quarto. Ela caminhou até o canto mais distante da sala, longe da porta que levava ao seu quarto de brinquedos e longe dele.

"Exatamente o que você acha que significa," ele respondeu, sacudindo o paletó e jogando-o em uma poltrona.

"Como você lidou comigo esta manhã?" ela perguntou. Seus dedos estavam girando seus longos cabelos, mas não viu nenhum medo real em seus olhos. Ela poderia estar nervosa - e ela deveria estar - mas não tinha medo dele.

"Bem, não tão severo. Ela não será tão teimosa quanto você." Ele sorriu.

"Ela vai apenas, quero dizer que você vai..." O rubor profundo que assumiu o rosto não poderia ter sido mais bonito.

Peter conteve a risada, não querendo que ela entendesse mal e pensasse que estava rindo dela. Isso não significava que ele não pretendia usar seu constrangimento para empurrá-la um pouco mais.

"Eu vou fazê-la se curvar sobre o banco de surra que temos em um dos escritórios no anexo e mostrar sua bunda para mim. Depois discutiremos o que ela fez de errado e, desde que não me dê nenhuma atitude, darei dez açoites com um cinto."

Ela não piscou enquanto ele falava. Não fez nenhum som ou protesto quando ele foi até ela.

"O que ela fez de errado?" Azalea perguntou, finalmente quebrando seu silêncio.

Peter inclinou a cabeça. "Bem, eu não diria a ela como você foi malcriada, então não posso te dizer como ela foi travessa também."

Ela assentiu e, assim mesmo, pareceu sair de seu transe.

“Ela concordou com isso? Quero dizer, é sua funcionária, certo? Não é como... agressão?”

Peter riu. "Não, não é agressão, e ela consentiu plenamente com as consequências de quebrar as regras da casa."

Ele colocou as mãos nos ombros delgados dela. Deslizando as mãos atrás dela, abriu o zíper do vestido. “Mas não estamos mais falando sobre ela. Agora, quero que tire esse vestido e me deixe ver você.”

"Eu não acho..."

“Você concordou, lembra? No clube?" Ele a soltou e recuou. Não a

obrigaria, e não a despiria. Ela faria isso, e faria isso sozinha.

"Bem, sim, mas eu não pensei..."

"Você pensou que nós voltaríamos para casa e nos aconchegaríamos na frente da TV?" Ele não conseguia se lembrar da última vez que assistiu televisão.

"Tire o vestido, Azalea," ordenou quando não respondeu ou começou a se mover. "Já vi você nua." Exceto que desta vez, estaria prestando muito mais atenção ao que estava diante dele.

Ele não desviou o olhar dela. Isso tornaria mais fácil para ela se não estivesse olhando, mas esse não era o ponto.

Ela tirou as tiras finas dos ombros e deixou o vestido deslizar pelo corpo e se agrupar a seus pés. Ele manteve os olhos focados nos dela, apreciando o rubor rastejando por seu pescoço e através de seu peito.

"Seu cabelo. Coloque isso atrás de você." Ele mexeu os dedos para ela.

Ela começou a revirar os olhos, mas parou. Ele deixaria ir desta vez; ela se acalmou depois de tudo. E ele não era um idiota completo.

Bem, não no momento, de qualquer forma.

Ela passou o cabelo atrás dos ombros, deixando os seios completamente expostos. Seus mamilos se enrolaram bem com o leve frio no quarto. Perfeitamente redondos, mamilos rosados atrevidos.

Ele parou de lamber os lábios. Não há necessidade de assustá-la ainda mais do que ela provavelmente já estava.

"Além de mim, algum outro homem viu você nua?" Perguntou, voltando para ela.

Ela balançou a cabeça, curvando-se.

"Não. Olhe para cima." Não permitiria que ela se escondesse dentro de si, ou se escondesse dele. A mulher com a determinação e o aço em sua espinha, era quem ele queria em sua cama. Ele pode dobrá-la à sua vontade, e iria dominar todos os seus movimentos, mas não queria um wallflower[3] em sua porra de cama.

Quando seus olhos encontraram os dele novamente, meio que esperava ver lágrimas brilhando ali, mas não viu nenhuma. O rubor havia desaparecido.

[3] Uma florzinha. uma pessoa que não tem ninguém, que se sinta tímida, desajeitada ou excluída de algo.

"Agora, responda-me com a sua boca," disse ele, levantando o queixo com as pontas dos dedos. "Enquanto eu ainda permito que você use isso."

O rubor voltou. Lindo. Sabia exatamente o que ele queria dizer. Ou, pelo menos, achava que sim. Tantas maneiras de tirar o uso da boca dela. Uma mordaça. Seu pau. O pensamento de colocar seu pau entre os lábios dela o fez estremecer.

"Não. Ninguém além de você," ela respondeu, e levou um momento para ele registrar o que ela estava falando. Precisava parar de fantasiar e começar a fazer.

"Isso significa que também não foi tocada?"

"Eu nunca fiz sexo antes, se é isso que quer dizer." Ela rolou os ombros para trás. Uma pretensão de bravata se ele já viu um. Ela pode querer que pense que ela estava orgulhosa de manter sua virgindade por tanto tempo, mas sabia melhor. Ela foi retida pela mãe em todos os sentidos.

"Hmmm." Soltou a mão do queixo dela e percorreu levemente o músculo do pescoço até a clavícula, notando o doce arrepio passando por ela. "Mas você se tocou. Teve um orgasmo antes." Ele não perguntou;

simplesmente afirmou o que achava ser verdade.

"Isso importa?"

Ele riu, deslizando a mão mais abaixo no vale entre os seios dela.

“Não, mas quero saber. Você já brincou com seus peitos antes?” Ele foi para o bruto. “E lembre-se, você concordou em me dar sua submissão completa. Se você mentir, saberei, e você vai ficar de frente no meu colo ao invés de ficar de costas.”

Sua língua percorreu seu lábio inferior. Ela não sabia como responder? Poderia ter vergonha de ter tocado seus lindos seios?

"Sim, eu já." Expeliu as palavras como se tirasse um peso dela. "Claro que já.”

Ele acenou para a cama. “Deite-se na cama e mostre-me.”

"Eu..."

Assustando-a com um dedo sobre os lábios, ele balançou a cabeça. “Não mais discutir ou pensar demais. Agora, vai fazer exatamente o que lhe é dito sem hesitação, ou vou na minha sala de jogos e trago alguns dos meus

brinquedos menos agradáveis. ”

Ela deu um aceno de cabeça gentil, e ele a ajudou a subir na cama, aproveitando a tensão e a força de seus músculos da perna e da bunda enquanto se movia. Porra, ela era linda.

"Nas suas costas. Suba nos travesseiros. Seja uma boa menina,” disse ele. Sentado na cama ao lado dela, puxou a perna dela em direção a ele, em seguida, levantou-a e moveu-se para sentar dentro de suas pernas abertas.

Seu rosto avermelhou tão facilmente, tão puramente que lhe tirou o fôlego.

"Mostre-me." Ele descansou a mão no interior de sua coxa, sentindo o calor de sua pele.

Ele levou um momento para se divertir com ela. A suavidade de suas curvas, a suave vibração de seu estômago enquanto ela tentava controlar sua respiração. Ela pode estar em pânico, mas não estava tentando fugir ou aceitar sua promessa.

Correndo a mão do joelho até a coxa e até o sexo, ele sorriu ao não encontrar nenhum remendo de cachos.

"Você está depilada," ele disse mais para si mesmo do que para ela, e tocou o local onde muitas mulheres tinham cabelos sedosos. Ela respirou fundo quando ele se moveu mais baixo, acariciando seus lábios. Molhado. Como deveriam ser. Sua inspeção a despertou.

"Eu..." Ela tentou fechar as pernas, mas um duro bater em sua parte interna da coxa a acalmou. "Ow!"

"Será muito pior se você desobedecer novamente. Mantenha as pernas abertas. Quero ver sua boceta," ele repreendeu em uma voz firme.

Seus olhos se arregalaram e ela fez punhos em seus lados, mas não falou. Boa menina. Ele não queria passar a noite disciplinando-a. Tanto quanto gostava do ato, ele queria acariciar e lamber cada centímetro dela. Mostrar a ela que havia muito prazer em obedecer.

Usando o polegar e o indicador, ele abriu os lábios, encontrando a carne rosa e molhada de sua boceta. Seu clitóris inchado implorou por um beijo, mas ele já havia lhe dado instruções. Era hora de ela mostrar a ele que se comportaria como prometido.

"Vá em frente, Azalea. Mostre-me como você brinca com você mesma.

Mostre-me como acaricia sua boceta quando ninguém está por perto para ver ou ouvir.”

Ela desviou o olhar, arrastando as mãos dos lados para as deliciosas coxas. Ele a observou, pensando em dar-lhe algum consolo em que não estava olhando diretamente para o rosto dela. Deixe-a esconder um pouco, por enquanto, mas logo não seria capaz de se esconder de nenhum deles.

Mantendo os lábios espalhados, ele observou seus dedos deslizarem entre suas mãos e encontrarem a protuberância. Um gemido suave escapou no momento em que a ponta de seu dedo roçou o sensível feixe de nervos.

“É isso aí, boa menina, brinque com seu clitóris,” ele sussurrou, como se ela fosse um animal na natureza que ele não queria perturbar.

Ela pressionou o dedo médio no botão inchado e moveu em círculos. Ele arriscou um rápido olhar para ela e encontrou os olhos fechados. Perfeito.

"Agradável." Ele soltou seus lábios e se esticou em seu estômago, com sua boceta a poucos centímetros de distância de seu rosto. "Continue,” ele ordenou, quando ela fez uma pausa. Seus movimentos a tiraram de

qualquer fantasia despertada em que ela tivesse entrado.

Ele podia fazê-la manter seus olhos nele. Não deveria deixá-la mergulhar em sua mente a fim de escapar dele, mas tinha tal inocência sobre ela, corrompendo-a muito cedo poderia quebrá-la. E ele não quebrava seus brinquedos.

Seu dedo desapareceu de seu clitóris, e ele seguiu seus movimentos quando ela enfiou na boca, chupando-a brevemente. Seu pau doía abaixo dele quando seu dedo molhado voltou a rolar o clitóris duro ao redor e ao redor.

"Porra." Ele respirou, soprando a respiração em seu sexo exposto.

Ela gemeu e se esfregou com todos os dedos. Girando e voltado ela foi. Seus quadris saíram da cama um pouco, mas o suficiente para ele ver os sucos começando a cobrir seu sexo. A garota estava encharcada.

Cansado de esperar, ele a agarrou. Seus olhos se abriram e a manteve trancada em seu olhar. Não dizendo uma palavra, ele pegou a mão dela e levou-a à boca. Ele passou a língua sobre as pontas dos dedos, tirando cada pedacinho de sua excitação e gemendo sobre a doçura dela.

"Minha vez," disse ele com uma grosseria e colocou a mão na barriga dela. "Agora, você mantenha as mãos fora do meu caminho."

Ele se abaixou para o sexo dela, inalando o aroma antes de passar a língua levemente sobre o clitóris.

Sua respiração ofegante levou-o mais perto da beira. Um homem poderia se segurar por tanto tempo antes de entrar em ação. Abaixando uma fração, ele deslizou os dois braços sob a bunda dela e a trouxe para fora da cama, se alimentando com sua buceta.

"Oh. Oh," ela gemeu quando sua língua disparou em sua entrada. Tanto calor, muito sabor delicioso. Ele passou a língua por sua fenda, sugando seu clitóris antes de afundar os dentes nela.

"Oh foda," ela respirou. Ele não olhou para ela, mas podia sentir ela se movendo. Estava meio sentada, meio deitada para observá-lo.

Deixe-a. A observação tornou mais fácil para ela se perder no que ele estava fazendo com ela. O que estaria fazendo com ela, o que estava esperando para fazer desde que ele colocou os olhos nela na Tower.

"Peter." Ela levantou os quadris em direção a ele. Se fez isso de

propósito ou não, não importava. Sua garota estava procurando sua libertação.

Ele se afastou dela, olhando para o comprimento de seu corpo em sua expressão excitada. O lábio inferior estava entre os dentes, o cabelo emoldurando seu rosto perfeitamente corado.

"O que você quer, Azalea?" Ele perguntou, esfregando o queixo sobre o clitóris, sabendo que qualquer toque neste ponto a arrastou para a borda.

A guerra se enfureceu em sua expressão. Ela queria pedir sua libertação, queria gritar com ele para fazê-la gozar. Ele sabia disso. Mas então houve a sensata e teimosa Azalea lutando contra isso.

“Eu vou fazer você gozar. Tudo o que precisa fazer é pedir.” Ele acariciou suas partes sensíveis novamente, apreciando o modo como suas pálpebras tremeram e sua respiração bufou entre seus lábios inchados. Alguém estava mordendo com força para não gritar.

"Não me faça,” ela implorou tão suavemente, tão lindamente seu pau se contorceu. Ela não entendeu o quanto sua aflição o excitou.

“Você não precisa. Se você não perguntar, não gozara. Mas vou

mantê-la nesse estado, tão alto de excitação no pico de explosão por muito, muito tempo. Que gostaria de ter perguntado.” Como sempre, ele quis dizer o que disse. Se ela não perguntasse, a deixaria à beira da insanidade. Ela estaria implorando por libertação, mas o tempo teria passado quando ele atendesse ao pedido dela, e a pobre garota iria para a cama tão excitada que provavelmente não dormiria de jeito nenhum.

Enquanto olhava para ela, ele deslizou uma mão debaixo de sua bunda e cuidadosamente deslizou um dedo em sua entrada na vagina.

"Oh!" Ela agarrou os lençóis e tentou se afastar, mas ele sacudiu a mão livre e pressionou a barriga dela, mantendo-a exatamente onde ele a queria.

"Nada disso. Seja uma boa menina e pegue meu dedo. Apenas um, prometo.” Ele empurrou o dedo médio até a passagem dela, sentindo o calor e o aperto de seu canal. “Veja, sem dor. Apenas prazer.” Ele beijou seus lábios, em seguida, voltou para o clitóris.

"Peter. Oh Deus. Peter. Está bem, está bem." Ele manteve o olhar para ela enquanto sugava seu clitóris novamente. Ela jogou a cabeça para trás e se apoiou nos cotovelos. "Por favor. Por favor, me faça.”

Ele deu a ela uma última lambida e depois a soltou. "Fazer o quê?"

Ela apenas rosnou? Ele sorriu para a mulher de fogo olhando para ele.

"Por favor, faça-me - argh-" Ela lutou muito mais do que ele. "Por favor, me faça gozar." O rosto dela ficou vermelho com as palavras, mas podia ver a excitação em seu corpo acelerar ao ser feita para dizê-las. Seus mamilos apertaram, sua barriga ficou tensa e sua boceta apertou seu dedo ainda mais forte.

"Você quer gozar duro?" ele perguntou, sem sentido em desperdiçar a oportunidade.

Seus olhos se arregalaram com a pergunta dele.

“Você quer que eu faça você gozar forte ou suave. Como um daqueles pequenos orgasmos que te deixam insatisfeita. Você precisará especificar.” Estava sendo um idiota, mas não se importava muito.

Quando ela não respondeu, enrolou o dedo dentro dela e acariciou as paredes internas até que encontrou seu ponto doce.

"Duro. Me faça gozar forte. Por favor!" ela implorou. Oh, como ela era

linda quando implorou a ele.

Ele continuou a acariciá-la enquanto empurrava dentro e fora dela.

“Imagine isso sendo meu pau. Fodendo com tanta força que você não consegue se lembrar de respirar. Isso vai acontecer, Azalea. Prometo a você isso.” Não seria capaz de esperar muito tempo, mas não iria transar com ela hoje à noite. Não quando ele a tinha tão flexível e aceita. Não, esta noite ele lhe ensinaria que a obediência era recompensada da maneira mais prazerosa.

Ele lambeu sua boceta novamente, até seu comprimento e para baixo enquanto o dedo a fodia, beliscando seu clitóris, mas não dando toda a sua atenção. Não ainda, não até as paredes de sua vagina tremerem.

"Por favor. Por favor, Peter. Por favor, me faça gozar,” ela cantou em um sussurro pesado. Ele duvidava que ela reconhecesse que estava dizendo as palavras.

Seu corpo ficou tenso, e ele moveu suas ministrações para seu clitóris, sugando-o entre os dentes, mordendo e passando a língua sobre tudo ao mesmo tempo.

Ela explodiu.

O grito que ela soltou foi completamente inteligível, e seus quadris resistiram a ele enquanto ele continuava a foder com mais força e mais rápido com o dedo, conduzindo-a através das ondas de seu orgasmo.

Diminuindo os movimentos, ele a trouxe de volta para o alto. Removendo o dedo, ele lambeu-o, em seguida, colocou um beijo suave em seu sexo.

Seu peito subiu e caiu com força enquanto ela ofegava por ar, o rosto mais corado do que antes. Ela veio duro para ele. Uma garota tão gostosa.

"Não, não se mexa." Ele colocou uma mão plana em suas coxas quando ela se moveu.

"Nós ainda não terminamos."

CAPÍTULO ONZE

Azalea tentou recuperar o fôlego e concentrar a mente ao mesmo tempo. Não estava funcionando. Peter parecia tenso. Não muito zangado, mas não seu eu relaxado.

Ela percebeu que ainda estava espalhada por ele, completamente nua e completamente vulnerável. Sua primeira reação foi fechar as pernas, mas ele se ajoelhou entre elas, tornando isso impossível. Não era exatamente o homem mais fácil de se mover.

"Você já assistiu a um filme sujo?" ele perguntou, estendendo a mão para ela.

“Gosta de pornografia? Não." Ela balançou a cabeça.

Ele riu. "De todas as coisas para mentir, você escolhe isso?"

Suas malditas bochechas aqueceram novamente. Como um homem poderia fazê-la corar tão facilmente? Era, entretanto, que ele mantinha alguma distância das emoções dela e podia ligá-las ou desligá-las à vontade.

Claro, ela tinha visto filmes pornôs. Sua mãe bloqueou alguns, mas não todo o seu acesso à Internet. Encontrar vídeos espancando e excêntricos não tinha sido difícil, e ela ficou surpresa por ter sido capaz de acessá-los.

“Nós discutiremos honestidade de manhã. Por enquanto, quero que você responda com sinceridade.”

Bem. Idiota.

"Eu vi alguns vídeos." Ok, não totalmente verdade, mas era tudo o que ela lhe daria.

"Vai ser uma longa discussão, eu vejo." Se ele não tivesse sorrido quando disse isso, o coração dela poderia ter diminuído. Mas quando deu aquele sorriso, aquele em que aquela maldita covinha apareceu, não pôde deixar de se enfraquecer um pouco por ele.

"Então, você viu o pau de um homem, pelo menos na tela?"

"Sim,” ela respondeu, deixando-o puxá-la para uma posição sentada.

"Bom. Fique no chão, de joelhos para mim, Azalea,” ele instruiu e saiu do caminho, dando-lhe espaço para balançar as pernas para o lado e

deslizar para fora da cama.

Ela se ajoelhou, sentindo o carpete exuberante e olhou para ele. Qualquer medo que ela esperasse sentir ao se ajoelhar diante dele evaporou quando ele ficou na frente dela, com as mãos no cinto.

“Palmas nas coxas, abra as pernas. Quero ver sua buceta sempre que você estiver de joelhos assim para mim. Você não esconde nada de mim, Azalea. Nada." Ele acariciou o cabelo dela, acalmando os fios esvoaçantes e a preocupação dela.

Uma parte dela disse a ela para se rebelar. Para lutar contra esse homem que a roubou, mas ela concordou. Disse que seria sua até que sua mãe retornasse. Ela não podia recuar agora só porque não tinha certeza do que viria a seguir e se sentia desconfortável com sua inexperiência.

"Pare de pensar demais,” disse ele, passando a mão por sua cabeça e pegando uma longa mecha de cabelo. Viu quando ele arrastou o dedo ao longo do comprimento dele.

Ela recostou-se nos calcanhares, abriu as coxas e apoiou as palmas das mãos nos joelhos. Não tendo certeza onde colocar seu olhar, se concentrou

no chão, fixada em seus pés. Ele ainda usava seus sapatos.

Azalea percebeu que ele não tinha se despido, exceto por tirar o paletó. Lá estava ela ajoelhada diante dele, nua, pós orgasmo, e ele estava completamente protegido contra ela.

"Veja, posso tocar e beijar e punir quase todas as partes de você." Ele soltou o cabelo dela e se inclinou mais para baixo para beliscar o mamilo. "Não." Ele deu um tapa no seio dela quando ela se afastou do toque dele. “Você nunca se afasta de mim, Azalea. Você se entregou a mim - temporariamente, eu sei - e seguirá todas as ordens, todas as regras, ou se arrependerá muito.”

Contra o que ela sabia que estava certo, seu corpo ansiava por ele com mais do seu comando. A severidade em sua voz não deveria ter funcionado como tal afrodisíaco, mas agora que a ameaça de nunca mais ver sua mãe se foi, foi capaz de derreter em seu domínio.

Ela assentiu, não confiando em sua voz para não a trair.

Ele voltou a trabalhar em sua fivela, e ela viu quando ele deixou o couro cair de seus quadris. O botão em suas calças e o zíper veio em

seguida, e ela se viu lambendo os lábios com antecipação.

Ela tinha visto o pau de um homem em uma tela, mas nunca em pessoa.

Ele empurrou suas calças e boxers para baixo de seus quadris até que seu pau saltou livre. Ela engoliu em seco e olhou fixamente para seu membro balançando na frente dela. Sua mão agarrou o longo e grosso cabo na base e acariciou até a ponta da cabeça, onde uma pequena gota de pré-sêmen se formava.

Sem pensar, ela estendeu a língua e se inclinou para frente, pegando a pérola em sua língua e engoliu-a. Salgado. Viril.

Delicioso.

Peter riu. "Eu disse que você poderia lamber meu pau ainda?" ele perguntou.

Seus olhos se abriram e encontraram os dele. Embora ele tivesse rido, havia pouca alegria em seu tom.

“Você não foi honesta comigo há alguns minutos atrás. Você deixa

mentiras sair dessa linda boca sua.” Ele a lembrou da pequena mentira branca que ela contara. Mas disse que discutiriam isso pela manhã. Não era de manhã.

Antes que pudesse expressar sua objeção ao seu decreto, ele colocou dois dedos sobre os lábios e balançou a cabeça.

"Não. Você perdeu o privilégio de usar sua boca.”

O que diabos isso significa?

Ela não teve muito tempo para pensar nisso, quando ele tirou o cinto de suas calças e empurrou o couro em sua boca. Puxando-o atrás da cabeça, ele enfiou o cinto pela fivela e apertou-o até que seus lábios se abrissem com a correia entre os dentes e a cabeça controlada por ele.

"Coloque suas mãos em conchas,” ele ordenou, seu tom voltando a ser duro e inflexível.

Ela se posicionou como ele ordenou, e ele as puxou até que elas estavam tão altas quanto os lábios dela.

Ele segurou o cinto na mão esquerda e envolveu a direita em torno de

seu pau novamente. Ela queria saboreá-lo novamente, para lamber a pele sedosa sob a cabeça. Ansiava por levá-lo em sua boca como tinha visto todas aquelas mulheres nos vídeos. Mas ele tirou a boca dela. O couro esticou sua pele, mordendo os cantos de seus lábios.

“Mantenha esses belos olhos azuis no meu pau. Veja o que você não pode ter. Se fosse honesta, teria seus lábios ao meu redor, em vez de me ver me masturbar.” Sua voz se apertou enquanto se acariciava.

Um pouco de saliva escorreu pelo queixo. Ela queria afastá-la, mas ele puxou o cinto mantendo-a firme. Havia alguma coisa que ele não viu quando olhou para ela? Era como se pudesse ler seus pensamentos antes mesmo de se formarem completamente em sua mente.

Ele colocou a mão em concha abaixo do queixo dela, juntando o cuspe. "Veja. Isso vai ser muito melhor.” Ele espalhou sua saliva ao longo de seu comprimento e voltou a acariciar seu pau.

"Porra, isso é bom,” disse ele, dando um pequeno passo em direção a ela. Seu perfume flutuou até as narinas; mais baba caiu de seu queixo, pousando em seus seios nus.

"Uma garota tão bagunçada," ele repreendeu, mas não diminuiu seus movimentos. "Não. Não desvie o olhar. Você olha. Você observa o que não pode ter porque mentiu."

Ela voltou sua atenção para suas ações, desejando que seu corpo parasse de reagir. Tinha acabado de ter um orgasmo alucinante; como poderia ser tão devassa e ansiosa por ter a língua e os dedos nela novamente? Ela estava com tesão antes, mas nunca se sentiu tão malditamente vazia quando o viu bombear seu pau grosso através de seu próprio punho.

Ela queria isso. Queria seu gosto, sua sensação, queria devorá-lo, e o queria dentro dela.

Não tinha sido uma grande mentira. Uma pequena invenção da verdade para proteger seu orgulho. Por que ele teve que retaliar com tal crueldade?

Ela preferiria ter uma surra. Ele não poderia simplesmente bater nela um pouco?

"Oh foda-se." Ele veio para frente novamente, seu pau quase tocando

os dedos dela.

O cinto puxou mais apertado.

"Porra."

Ela moveu o olhar para o rosto dele e encontrou-o olhando para ela. Seu rosto corou, suas narinas se alargaram e seus cabelos caíram ao redor dos olhos.

"Olhe tudo, Azalea," ele se sobressaltou, sacudindo a cabeça para baixo e fazendo-a vê-lo novamente.

Longos e quentes jorros de gozo saíam de seu pênis, pousando nas palmas das mãos dela. Ele continuou a se empurrar, apontando para as mãos dela. Grunhiu e puxou o cinto mais apertado, aumentando o desconforto em seus lábios em outro ponto.

Mas nada comparado com a saudade que sentia ao ver os jorros de seu sêmen pousar nas palmas das mãos, nos dedos, mas nenhuma chegando perto de sua boca.

Quando ele terminou, acariciou com seu punho lentamente, trazendo

a última gota de sua semente para a ponta e limpando-a em seus dedos.

"Segure isso," ele ordenou, soltando o cinto e recostando-se contra o grânulo recuperando o fôlego. O cinto afrouxou, e poderia ter cuspido o couro se ela ousasse.

Mas ela não fez.

Ela moveu as mãos para formar um copo mais fundo e segurou sua carga entre elas. Certificando-se de não deixar uma gota vazar. Era quente, pegajoso e podia sentir o perfume dele.

O desejo de lamber a si mesma dominou-a e, por um momento, ela se perguntou se a punição por seu comportamento presunçoso valeria a alegria de sentir seu gozo em sua língua.

"Coloque suas mãos juntas." Ele se levantou e puxou as calças de volta, abotoando-as.

Seu coração afundou, mas ela apertou as palmas das mãos.

Peter apertou o cinto novamente e puxou para cima. "Em seus pés, Azalea."

Ela conseguiu ficar de pé, ainda segurando as mãos em posição de oração. Ele levou-a pelo cinto para o banheiro anexo, onde ele tirou a mordaça da boca e jogou o cinto no balcão. Ela trabalhou seus lábios abertos e fechados, obtendo a picada deles.

Ele a observou em silêncio, como se decidisse o que fazer com ela em seguida. Seu sêmen tinha esfriado em suas mãos, e a ideia de lambê-los não a excitou mais como no momento emocionante de seu orgasmo.

"Lave." Ele ligou a água na pia e ficou de pé com os braços cruzados sobre o peito, observando-a enquanto ela enxaguava seu esperma. "Da próxima vez, você vai lamber as mãos limpas, mas não até o meu esperma secar em sua pele."

Ela assentiu e pegou uma toalha.

Ele pegou a toalha e acariciou as mãos dela até secarem. Ela olhou para ele, sentindo uma sensação de vergonha. Ela o deixou amamentar sua vagina, ela gozou duro, tão fodidamente duro e alto - gritando como uma mulher devassa em seu quarto, e então ela o deixou gozar nela. E ela adorou. Tudo isso. Cada segundo, mesmo quando a negou. Quando a castigou por tamanha desonestidade. Ela adorou.

"Você está pensando demais de novo." Ele sorriu gentilmente para ela, empurrando o cabelo dela para trás novamente. "Tanto cabelo."

“Minha mãe me disse que minha irmã manteve o seu curto. Eu deixei o meu crescer,” ela acalmou a língua e engoliu as palavras de volta. Ela nunca disse antes.

“Então, sua mãe talvez veja você diferente. Então, saberia que você não era sua irmã.” Peter preencheu todos os espaços em branco por conta própria. Ele não precisava dela soletrar alguma coisa para ele; ele parecia saber tudo.

"Sim,” ela sussurrou.

Ele a virou para encarar o espelho enquanto se movia atrás dela. Puxando todo o cabelo em um rabo de cavalo grosso, ele separou o pacote e começou a trançá-lo. Ela o observou no espelho, a concentração intensa exibida em suas feições.

Embora estivesse focado, não tinha o olhar tenso que ela se acostumou a ver. Parecia mais relaxado, mais em paz.

Quando chegou ao fim, segurou-o com uma mão e estendeu a mão ao

redor dela, abrindo gavetas até encontrar um elástico. Ela não disse a ele que ia doer pra caramba tirar a banda pela manhã. Perturbá-lo mudaria a atmosfera e, pela primeira vez desde que chegara, sentiu a tensão deixando seu corpo.

"Vamos para a cama." Ele ligou os dedos aos dela e puxou-a junto.

Uma vez que ela estava debaixo das cobertas, ele se inclinou sobre ela, olhando em seus olhos.

“Eu tenho algumas coisas para ver e então vou estar de pé. Quero que você durma, Azalea. Não bisbilhotando ou saindo do quarto, ok?”

"Eu vou ficar aqui,” prometeu com um bocejo.

Ele passou o dedo pela testa dela. “Você parece tão doce depois de um orgasmo. Talvez eu deva manter você nesse estado o tempo todo.”

Seus lábios pressionados contra os dela, firmemente.

"Boa noite, Peter,” ela murmurou quando ele voltou para a altura total. Rolando para o lado dela, de costas para ele, ela fechou os olhos e trouxe os joelhos até o peito.

Outra dor se formou. Não era bem solidão. Ela havia se tornado adepta de lutar contra aquilo ao longo dos anos, mas de esperança. Esperando que quando tudo acabasse, quando sua mãe voltasse e permitisse a sua liberdade, que seria capaz de juntar uma vida que incluía tudo o que ele tinha dado a ela e muito mais.

O que quer que tenha sido.

CAPÍTULO DOZE

Peter entrou no anexo, com a barriga cheia de ovos e salsicha e sua mente totalmente fixada na linda loira com quem dividira seu café da manhã.

Ele não esperava que ela acordasse tão cedo, mas quando saiu do chuveiro, ela estava sentada na cama com as cobertas puxadas até o queixo.

Depois de uma breve discussão sobre por que ela precisava de roupas reais para andar por aí, lhe deu um par de jeans e um suéter. Ele fez Tommy ir às compras com uma das garotas do anexo para escolher alguns itens para Azalea. E isso foi bem-sucedido. Ela agradeceu pelas roupas e pulou direto nelas.

Ele a ajudara a soltar os cabelos compridos, mas deixara que ela manejasse a escovação. Ele simplesmente se debruçou contra o batente da porta e a observou.

Mas agora tinha que começar a trabalhar. Lidar com Aubree não poderia ser adiado por mais tempo. Não tinha falado durante o café da

manhã, e Azalea parecia ter esquecido. Não que qualquer coisa que ela dissesse tivesse mudado seu curso de ação, mas não queria discutir com ela e ter que puni-la também.

Ele não pretendia puni-la na noite anterior, mas aquela mentirinha branca tinha saído de sua boca tão livremente, que não podia deixar escorregar. Se masturbar em suas mãos em vez de arar naquela linda boca era castigo por ele tanto quanto ela. Tinha visto o desejo em seus olhos. Ela queria chupá-lo e lambê-lo, e ele usou a imagem dela fazendo isso junto com o cinto grosso amarrado em torno de sua boca para encontrar sua liberação rapidamente.

Ele ainda precisava falar com ela sobre honestidade, mas não era o castigo que ela provavelmente achava que viria. Disciplina e punição não eram sempre a mesma coisa. Ela precisava aprender as regras, e ele descobriu que muitas mulheres submissas as aprendiam melhor com um remo na mão.

Ajustando seu pau duro em sua calça, ele parou do lado de fora da porta de seu escritório. Disseram a ele que Aubree estava lá dentro, esperando por ele, e ele deixou que ela ficasse tempo suficiente. Inferno,

provavelmente devia a ela um pedido de desculpas por não completar a punição em tempo hábil. Afinal de contas, ele a fez perder um turno extra.

"Peter." Tommy se juntou a ele na porta. "Azalea está procurando por você."

Peter olhou além dele, pelo corredor que levava à casa principal.

“Eu apenas a deixei. Ela deveria estar no escritório de Ash.” Ele deu a ela o código para seu laptop para que pudesse se conectar. Ela não tinha nenhuma conta de mídia social que seus homens houvessem encontrado, mas ela brincava com design gráfico.

“Bem, ela não está. Ela está na porta.” Tommy apontou um polegar para a porta que separava o anexo da casa principal.

Ele cerrou os dentes e respirou fundo. Aubree não deveria ter que ficar esperando.

"Diga a ela que vou estar com ela em uma hora e voltar para o escritório como disse a ela,” disse ele, agarrando a maçaneta da porta para o escritório.

"Eu disse isso a ela," argumentou Tommy. "Ela está insistindo."

Peter estreitou o olhar. "Você está me dizendo que não pode pegar esse pedaço de mulher de volta para o maldito escritório?" Ela era linda, mas não era uma maldita bruxa. Que tipo de feitiço essa mulher lançou sobre seus homens?

"Você está me dizendo que posso usar a mesma força que usaria com qualquer uma das outras garotas que não ouviram?" Tommy rolou os ombros para trás, endireitando a coluna. Ele tinha um ponto. Se Peter não o deixasse usar a autoridade que tinha, por que diabos Azalea o ouviria?

Peter exalou. "Foda-se não." Ninguém a tocava a não ser ele. "Fique aqui," ele ordenou, e marchou para lidar com Azalea.

Ele abriu a porta e encontrou-a torcendo as mãos. "Você sempre fica onde você está? deveria esperar no escritório," disse ele.

Ela subiu na ponta dos dedos, tentando passar por ele no corredor.

"Você não fez isso já, não é?" ela perguntou.

"Fazer o que? Pare de se mexer." Ele colocou a mão sobre a dela e

chamou a atenção dela para ele.

"Punir aquela garota?"

Um rubor suave floresceu em suas bochechas e, apesar de ter acalmado seus movimentos, ela continuou tentando passar por ele.

Ela estava com ciúmes?

"Não. Estava prestes a falar com ela," disse ele.

"Você disse que me daria uma visita à propriedade." Ela olhou para ele. Como se tivesse acabado de encontrar uma maneira de impedi-lo de passar por isso.

Fazer Aubree esperar mais seria cruel. Embora ele preferisse dar a Azalea a excursão que havia prometido a ela.

"Você disse que ficaria no escritório. Eu te disse que viria para você quando terminasse. Agora volte para o escritório," disse ele, sem sentir que parecia mais uma figura paterna do que o homem que possuía todas as suas fibras. A mulher estava torcendo-o por dentro, fazendo-o mimar quando deveria estar disciplinando.

Ela não respondeu. Voltando para os dedos dos pés, olhou em volta, tentando ver através dele no Anexo. Ele sabia que ela tinha uma curiosidade sobre ela, e não podia culpá-la, dada a forma como parecia ter sido criada, mas ele já tinha dado a sua resposta. Disse a ela para esperar por ele. Disse a ela para voltar, e ainda assim o desafiou.

"Ok, faça do seu jeito." Agarrou-a pelo cotovelo e levou-a para o Anexo, sem se preocupar em trancar a porta atrás de si, como se ela fosse a pessoa da casa que ele estava tentando impedir.

Tommy tinha uma mistura de prazer e incerteza em sua expressão quando notou seu chefe arrastando Azalea para o quarto.

“Não fique aí parado. Abra a maldita porta,” Peter atacou-o. Tommy entrou em movimento, abrindo a porta para ele.

Azalea tentou se afastar.

"Peter! Não, não quero assistir!” Ela tentou tirar a mão dele do braço.

Uma vez no quarto, Peter, ignorando completamente Aubree em pé no centro, girou Azalea para enfrentá-lo. A porta se fechou atrás dele e Tommy ficou do outro lado. Se ela decidisse fugir, ele a pegaria em pouco

tempo.

"Você não está aqui para assistir," declarou ele. Ela podia pensar o que ela quisesse sobre isso. Ele tinha um maldito trabalho para fazer, e ia fazer isso e acabar logo com isso.

"Agora." Ele respirou fundo e se virou para Aubree. "Eu pareço ter duas garotas que não sabem seguir regras ou instruções. Então." Ele deu alguns passos para longe de Azalea, precisando de espaço para não a tocar. Ele sentiu o medo começar a subir nela e, com isso, uma tentação de acalmá-la.

"Então. No interesse do tempo, estarei lidando com vocês duas ao mesmo tempo."

Aubree realizou qualquer objeção que ela possa ter tido. Não foi a primeira vez que esteve neste quarto com outra mulher. Não havia intimidade entre Peter e qualquer das garotas do Anexo. Embora ele preferisse lidar com elas uma a uma quando recebiam uma punição da casa, ele não achava que era sempre necessário ou esperado.

"Você não pode," disse Azalea, os olhos arregalados e as mãos

torcendo novamente.

"Eu não acho que agora seria um bom momento para me dizer o que posso e não posso fazer," ele atirou para ela. "Aubree. Você está livre para ir e vir como quiser?"

"Sim, senhor," ela respondeu baixinho, submissamente com os olhos caídos no chão. Talvez Azalea aprendesse uma coisa ou duas durante a sessão.

"A única estipulação é o que?" ele perguntou, cruzando os braços sobre o peito. Azalea ainda se mexia ao lado, mas manteve seu foco em Aubree.

"Precisamos entrar e sair quando a casa saiba onde estamos."

"E por que fazemos isso?" Ele tinha passado por esse roteiro tantas vezes, se sentia mais como uma maldita gravação do que um disciplinador.

"Para nossa segurança, senhor." A resposta de Aubree veio automaticamente como suas perguntas.

"Onde você foi naquela noite?" ele perguntou.

Ela olhou para ele, mas baixou o olhar quando ele ergueu as sobrancelhas.

“Eu saí com alguns amigos. Para um bar no lado norte,” a resposta dela chegou suavemente. Ele geralmente não investigava a atividade social das garotas. Elas não eram escravas, afinal, e tinham direito à sua privacidade.

"Você se divertiu?" ele perguntou. Do canto da visão, conseguiu distinguir Azalea olhando para Aubree.

"Sim senhor."

"Bom. Você não vai se divertir agora, porém, vai?” Perguntou se movendo em direção ao grande sofá de couro empurrado contra a parede mais distante do escritório.

"Não senhor." Ela manteve os olhos baixos, mas Azalea o viu livremente se mover pelo escritório. Tanto para ela ter uma sugestão de Aubree.

"Por favor, explique a Azalea o que acontece quando as regras são desobedecidas." Ele apontou para Azalea, cujo rosto estava vermelho desde que ele começou a falar.

"Uh.” Aubree parecia hesitante. Ele havia se desviado do roteiro habitual dessas sessões de disciplina.

"Vá em frente,” Peter pediu quando empurrou o sofá para longe da parede e vários metros em direção ao meio da sala.

"Quando infringimos uma regra, recebemos uma surra ou somos retiradas do serviço." Ela fez uma pausa. "O que significa que não podemos ganhar dinheiro."

"Eles te tiraram das listas?" Azalea perguntou com um sussurro abafado.

Aubree soltou uma risada suave. "Eu suponho que sim. Geralmente não é muito longo, mas desta vez...” Ela parou de falar e olhou para Peter. Ele pegou seu olhar curto, mas não a repreendeu por isso. Ela não estava errada.

"Azalea, diga a Aubree o que acontece com as garotas submissas que não ficam onde estão." Feliz com a colocação do sofá, ele colocou as mãos nos quadris e observou os olhos de Azalea se arregalarem e a boca se abrir.

Aubree não tiraria muito proveito da sessão, a não ser pagar sua

consequência e voltar à lista de trabalho nos clubes ou levar clientes no Anexo. Mas Azalea tinha algum aprendizado para fazer.

"Agora, Azalea," disse ele com um tom mais firme quando ela parecia ter desligado.

"Eu suponho que você as espanca também." Ela empurrou aquele maldito queixo dela novamente.

Peter não pôde deixar de sorrir, e notou a ligeira subida dos lábios de Aubree também.

"Você supõe corretamente," ele brincou. "Vocês duas aqui e se debruçam no encosto do sofá." Ele deu uma tapinha no forro de couro.

Aubree não discutiu, simplesmente caminhou e fez como instruído. Ela não era uma mulher pequena de jeito nenhum, então ela ainda podia manter os pés no chão enquanto estava pendurada nas costas. Usava uma saia para o encontro com ele, que ele apreciava. Fez seu trabalho um pouco mais fácil.

"Azalea. Agora. Ou podemos discutir isso novamente no andar de cima quando terminarmos aqui." Como era, ela já tinha tirado a surra que ele

queria dar a ela depois que ele terminasse com Aubree. Não iria brincar com ela depois que a punisse, pelo menos não até algumas horas passadas. Não fazia sentido misturar negócios com prazer e arruinar todo o trabalho que a punição havia feito.

Como se seus pés estivessem alojados em blocos de cimento, Azalea se arrastou até o sofá. Ela deu-lhe outro olhar quando pressionou as pernas contra o couro, mas não tentou dissuadi-lo. Com tanta graça quanto pôde, ela se posicionou ao lado de Aubree. Sendo muito mais baixa que Aubree, tinha que ficar na ponta dos pés. Mas a bunda dela não estava tão alta quanto ele queria, então teria que consertar isso.

Primeiro, ele foi para Aubree e virou a saia pelas costas. Sem calcinha. Boa menina. Então ele se virou para Azalea, alcançou na frente dela para desfazer seus jeans, e puxou-os para baixo. Ela grunhiu quando ele os puxou de joelhos e uma mão voou de volta quando sua bunda estava completamente exposta.

"Nada disso." Ele bateu na mão dela e empurrou-a para longe de seu alvo. Agarrando seus quadris, ele maltratou até que sua bunda estava na mesma altura que a de Aubree, fazendo seus pés balançarem no ar.

Ele podia imaginar a fúria em seus olhos por estar em tal posição, mas ela não tinha ninguém para culpar a não ser ela mesma.

Peter abriu a fivela e arrancou o couro das calças. Dois conjuntos de nádegas nuas cerraram no som.

Ele realmente teria um bom trabalho.

Dobrando o couro, se aproximou de Aubree primeiro. Deixou Azalea ouvir a surra e esperar pela dela. Talvez a antecipação lhe coloca-se a cabeça no lugar certo.

"Dez, e não quero ouvir um som, Aubree." Ele colocou a mão nas costas dela para mantê-la firme e entregou a punição padrão. Além de um suspiro e gemido, ela permaneceu quieta durante a surra.

Peter viu sua bunda saltar sob o cinto enquanto a pele cremosa se transformava em um rubor rosado. Mas o que chamava a atenção dele era Azalea espreitando por cima do ombro para ver a punição sendo dada.

"Olhos para a frente, Azalea,” ele finalmente ordenou quando seu pau reagiu a sua bisbilhotice descarada. Não era incomum para o seu pau ficar duro durante uma punição. Ele não iria agir sobre isso, mas não negaria que

ver belas bundas queimar debaixo de sua mão punitiva o deixava duro.

Desta vez foi diferente. Não foi até que seus olhos encontraram os de Azalea que ele sentiu algo além de dever.

Ele terminou o último golpe da punição de Aubree.

"Você acha que pode se lembrar de falar da próxima vez que sair?" ele perguntou na parte de trás da cabeça dela.

"Sim senhor." Ela assentiu. Ele duvidou que seria a última vez que ela quebraria a regra. Se ela realmente esqueceu ou porque ela só queria um gosto da verdadeira disciplina, ela se encontraria nesta posição exata em breve.

Ele baixou a saia e ajudou-a a se levantar do sofá.

"Você não deveria ter que esperar tanto tempo por esta discussão, então você será paga pelos dois últimos turnos que perdeu." Ele deu uma tapinha nas mãos dela e as soltou.

"E as gorjetas que eu perdi?" ela perguntou, seus dedos se remexendo em seus lados. Experiente ou não, sua bunda provavelmente estava em

chamas e, assim que ela estivesse fora de sua vista, ela estaria esfregando-a.

"Não empurre," disse ele com uma sobrancelha erguida. "Vá ficar na frente de Azalea. Segure as mãos dela por ela. Ela não será capaz de parar de mexer, e não quero machucá-la," ele instruiu, notando a tensão se arrastando no corpo de Azalea com suas palavras.

"Sim senhor." Ela baixou o olhar e deu a volta no sofá. Ajoelhando-se nas almofadas, ela estendeu a mão para Azalea. "Está tudo bem, querida," Peter a ouviu sussurrar. "Dez não é tão ruim."

Hmm. Talvez fosse hora de aumentar os golpes para as submissas mais experientes em seu emprego.

"Dê a ela suas mãos, Azalea. Você queria muito estar aqui, agora você está aqui." Ele tocou a bunda dela com os dedos. Nunca tocou as garotas do Anexo de tal maneira durante suas punições. Sem intimidade, mas Azalea não era uma das garotas do Anexo.

Peter viu Aubree perceber o toque e uma carranca suave apareceu em seus lábios. Talvez fosse hora de falar com ela sobre se candidatar a um contrato de longo prazo. Talvez ela estivesse pronta para mais de clientes de

curto prazo e sessões de hora.

Uma vez que as mãos de Azalea estavam segurando nas de Aubree, ele achatou as costas dela da mesma maneira que tinha em Aubree.

“Quando eu digo para você ficar em algum lugar até eu vir buscar você, o que você deveria fazer?” ele perguntou, ajustando seu aperto no cinto.

"Ficar lá,” Azalea respondeu após uma longa pausa. Talvez ela estivesse pensando em lutar contra ele na punição. Ele esperava que ver Aubree aceitar a dela com tanta facilidade, ela aceitaria a sua também. Dez golpes, pelo menos enquanto Aubree estava no quarto.

"Por que você não fez?" ele perguntou olhando para Aubree. Ela se concentrou em Azalea, segurando-a e dando o apoio que podia.

"Eu..." ela suspirou. "Eu não sei."

Não inteiramente verdade, mas ele iria explorá-lo com ela mais tarde. Aubree era uma estranha, e ele não forçaria Azalea a derramar suas entranhas diante dela.

"Não é realmente uma resposta, mas não quero manter Aubree aqui o dia todo enquanto você tenta elaborar." Ele bateu no traseiro dela, aproveitando o leve ressalto de sua bochecha. "Aqui vamos nós. Dez." Ele não se incomodou em dizer para ela ficar quieta. Ou por pura teimosia, ou ela seria incapaz de segurar o barulho. Ele precisava de mais tempo para treiná-la.

Tempo. Um conceito que ele não desejava contemplar no momento.

Ela sacudiu com o primeiro golpe e endureceu com o segundo.

“Suavize essa bunda, Azalea.” Ele bateu a ponta dobrada do cinto contra suas bochechas.

Uma vez que seus músculos relaxaram, ele colocou o terceiro e quarto golpe do cinto. Ela não fez nenhum barulho, menina teimosa, mas ela colocou as pernas para trás e apertou mais uma vez.

Ele simplesmente deu um tapa na parte de trás das coxas dela até que ela as abaixou. "Não faça isso de novo, ou você vai ter mais dez açoites em suas coxas,” ele avisou. Aubree olhou para ele com sua ameaça, mas rapidamente se concentrou em Azalea novamente, sussurrando algo em seu

ouvido que ele não podia entender.

"Eu pedi a você para segurar suas mãos, não lhe dar simpatia através de sua punição," ele repreendeu bruscamente.

"Desculpe," Aubree murmurou e apertou os lábios.

Com um aceno de cabeça, ele voltou ao trabalho diante dele. Azalea não se virou para olhá-lo quando ele falou. Ele tirou os cabelos das costas dela, deixando-o em volta do rosto.

Outro roçar de sua mão em sua carne nua, e ele estava pronto para começar de novo.

Ele trouxe o couro para baixo, repetidamente, contando os golpes em sua cabeça. Observá-los cair em suas nádegas e criar as linhas vermelhas em sua bunda fez suas bolas apertarem em suas calças.

Azalea levantou as pernas novamente depois de um golpe duro na doce curva de sua bunda, mas rapidamente as deixou cair. Ela ainda não tinha dito uma palavra, mas seus grunhidos estavam ficando mais pronunciados.

"Você acha que consegue ficar onde peço, ou vou ter que começar a amarrá-la?" ele perguntou, o último açoite pronto para ser entregue.

Ele ouviu uma fungada suave e gentil - muito parecido com ela - antes de falar.

"Sim." Outra pequena fungada. "Senhor."

Ele lançou seu olhar para ela, esperando ver a parte de trás de sua cabeça, mas em vez disso, encontrando-a olhando por cima do ombro para ele, seus olhos brilhando de lágrimas não caídas. Ela poderia estar brincando com ele no final de sua punição?

Não. Não havia alegria naquele olhar. Ela não era uma manipuladora; ele duvidava que conhecesse a habilidade.

Puxando para trás, ele soltou o último e mais duro dos açoites em ambas as bochechas da bunda. Ela gritou, mas não se mexeu, apenas baixou a cabeça, os ombros tremendo sem soluços.

Aubree afastou o cabelo de Azalea do rosto e enxugou as lágrimas de suas bochechas. A cena tão doce, tão excitante, Peter quase desejou poder quebrar sua regra sobre brincar com as garotas do Anexo.

“Aubree, você terminou aqui. Tommy vai ter certeza de colocá-la na lista hoje à noite em qualquer clube que você escolher.”

Ela assentiu e saiu do sofá, dando a Azalea mais uma tapinha no ombro antes de sair do quarto.

Ele ficou parado atrás de Azalea, observando-a enquanto ela pressionava as mãos nas almofadas do sofá, esperando por sua instrução.

"Você não terminou." Ele colocou a mão na bunda dela, aproveitando o tremor passando por ela.

CAPÍTULO TREZE

Azalea observou a última lágrima cair no couro embaixo dela. Seu lábio inferior doeu por morder enquanto Peter entregava os acoites de fogo. Não tinha sido pior do que o primeiro, mas ele definitivamente fez o seu ponto. Ter outra mulher lá, assistindo, não piorara a experiência como ela primeiro temia quando percebeu o que Peter pretendia fazer. De fato, ter Aubree a segurando lhe deu algum conforto.

Ela deslizou para trás, tentando colocar os pés no chão, mas ele segurou sua bunda, acalmando-a.

"Ainda não," disse ele enquanto agarrava sua carne, as pontas dos dedos cavando em seu fundo dolorido.

"Peter, me desculpe." Talvez um pedido de desculpas pudesse mudar isso. Seu traseiro doía, e se ela apertasse as pernas, poderia sentir sua própria excitação se acumulando. Ela precisava se afastar dele e cuidar do problema. "Eu vou te deixar sozinho enquanto você trabalha."

Ele a soltou, mas não tirou o seu toque dela. O calor de sua pele no seu

fundo já quente afundou nela, fazendo seu clitóris formigar.

"Lembra da noite passada quando disse que falaríamos sobre honestidade esta manhã?" Ele moveu a mão em círculos ao redor de sua bunda.

"Sim, eu me lembro. Não menti para você esta manhã," ela apontou, tentando olhar por cima do ombro para ele, mas todo o seu maldito cabelo estava no caminho.

"Você não me respondeu exatamente, também. Então, vamos trabalhar nisso agora. Vou lhe fazer uma pergunta e, se você responder honestamente, será recompensada. Se você mentir, mesmo que seja um pouquinho, eu reaplicarei o cinto."

O jogo parecia bastante fácil, mas até agora nada com Peter fora o que parecia.

"Eu quero saber por que, exatamente, você tentou me impedir de punir Aubree." Sua mão parou, como se ele estivesse dando a ela toda a sua atenção.

"Eu tenho que estar pendurado de cabeça para baixo para isso?" ela

perguntou, precisando de outro momento para pensar antes de responder.

"A deflexão é uma forma de desonestidade," disse ele, e ela apertou a bunda dela, esperando que o cinto descesse sobre ela novamente. Mas isso não veio. Em vez disso, ele a ajudou a se levantar do sofá e afastou o cabelo do rosto dela.

"Saia desses jeans e suéter e suba na mesa. De quatro," ele a orientou. A sala deve ter sido usada com o propósito de disciplina; Não havia nada na mesa. Sem armários de arquivos, sem telefone em qualquer lugar. Apenas uma grande mesa de mogno com uma cadeira e o sofá com uma mesa de café no quarto.

Ela não hesitou em obedecê-lo, feliz por ele não ter tido a oportunidade de amarrá-la novamente.

Uma vez que ela subiu, sentindo a madeira implacável e fria contra seus joelhos nus, tentou vê-lo novamente. Mas ele estava atrás dela, seus dedos arrastando por sua espinha e por cima de sua bunda.

"Você tem alguns vergões, e acho que este irá ferir." Ele pressionou no ponto sensível. Ela assobiou com a sensação horrível.

Ele colocou o cinto de couro nas costas dela e deslizou a mão entre as coxas dela. Ele mexeu a mão e beliscou as coxas até que ela abriu as pernas. Ele poderia simplesmente ter dito a ela para abri-las, mas ela tinha certeza de que ele gostava mais desse jeito.

"Por que você tentou impedir a punição de Aubree?" Ele perguntou enquanto arrastava uma unha para cima e para baixo em sua coxa, quase tocando sua excitação, ainda muito longe para satisfazê-la.

"Eu..." ela bufou. Não podia admitir que estava sentada no escritório pensando nele tocando outra pessoa e sentiu uma dor no peito. Não, ela não ia dizer que tinha um pingo de inveja pelo que ele ia fazer.

"Você achou que eu iria machucá-la?" Ele cavou a unha mais fundo em sua carne.

"Não." De que ela tinha certeza. Quando ele a amarrou por tentar escapar, ele foi duro com ela, ele a feriu, mas não a machucou.

“Você achou que ela não merecia a punição?” Seus dedos roçaram os lábios de sua boceta enquanto ele se movia para sua outra coxa.

"Eu não sabia o que ela fez de errado, então, acho que não." Ela

fechou os olhos quando ele a beliscou novamente.

“Boa menina. Viu? Isso está indo bem.” Ele bateu levemente seu clitóris. "Foda-se, você está molhada, Azalea,” disse ele correndo o polegar pelas suas dobras. "Aqui, vê?" Inclinando-se sobre ela, ele apresentou o polegar para a visão dela.

Brilhando com seus sucos, a prova estava bem na frente de seus olhos. Ela engoliu, tentando ignorar o embaraço dentro dela.

“Limpe meu dedo, Azalea,” ele ordenou, trazendo isto para seus lábios. Ela não podia fazer isso, não assim, exibida de quatro em uma mesa.

"Lembre-se, o bom comportamento vem com recompensas." Ele mexeu o polegar. Ele gostava muito da humilhação dela.

Ela abriu a boca e levou o dedo para dentro, lambendo o sabor doce de seus sucos. Ele puxou para fora de seus lábios fechados, criando um *pop.*

"Boa menina.” Ele acariciou a cabeça dela, pelas costas dela, e para a bunda dela. "Você queria me ver espancá-la?"

Ela balançou a cabeça. Um golpe de som em sua bunda a respondeu.

"Não, eu não queria assistir." Embora admitisse para si mesma, que estar ao lado de Aubree enquanto ela recebia seu cinto tinha sido mais excitante do que teria adivinhado. Ouvindo seus pequenos suspiros, o couro estalando contra sua bunda arrebentada, a sensação da brisa enquanto o cinto zumbia pelo ar antes de fazer contato no traseiro da outra mulher aumentava seus sentidos e despertava a excitação.

“Você não me quer tocando alguém? Estava com ciúmes?”

Foda-se ele por ter feito essa pergunta. Se mentisse, ele saberia imediatamente, e ela estaria pegando aquele maldito cinturão novamente em vez do carinho prazeroso. E estava muito quente para não ser tocada por ele.

Ela suspirou. Ele já sabia a verdade. Todas as suas outras perguntas tinham sido apenas uma oportunidade para arrastar a sessão e fazê-la acreditar que não teria que admitir a verdadeira razão.

“Eu... parecia estranho. Não gostei disso.” Era o mais perto que ela iria de admitir o ciúme.

"Ah" Ele deslizou um dedo em sua vagina. Sua resposta deve ter

agradado a ele. Ela abaixou os cílios, mordendo com força a língua, tentando não gemer com a deliciosa sensação do dedo dele dentro dela.

"E valeu a pena ter sua bunda açoitada também?" Ele perguntou enquanto deslizava um segundo dedo nela.

"Hmmm." Ela assentiu.

"Eu vejo," disse ele e se afastou dela. "Como alguém que foi tão protegida quanto você teve tantos pensamentos e fantasias sujas?" Ele agarrou sua bunda.

Ela não tinha certeza de como responder a essa pergunta. Não tinha pensado nisso antes.

Ele abriu bem as nádegas e ela se arrastou um pouco para frente.

"Não, você fica aí," ele admoestou. "Este pequeno cu aqui." Ele pressionou a ponta do dedo para o local que ela nem sequer tocou. "Eu acho que depois de ter fodido sua buceta, vou foder isso também. E sua boca. Vou usar todos os buracos que seu corpo tem para oferecer. E você ficará ainda mais ciumenta ao pensar em eu tocar outra mulher."

Ela apertou os olhos fechados, prometendo a seu corpo qualquer coisa que pudesse querer se simplesmente parasse de responder às suas palavras cruas.

"Você ficou molhada enquanto eu estava surrando Aubree." Ele se inclinou para frente e passou a língua por seu traseiro. Ela choramingou, mas não se mexeu. Isso não deveria ter sido tão bom quanto aconteceu.

“Você gostou de ouvir seus pequenos suspiros, vendo o cinto cruzar sua bunda. Se você tivesse visto o quanto suas bochechas saltaram, acho que você teria se tocado.”

Ela tentou bloquear as palavras dele, mas ele não seria ignorado.

Ela ouviu um som de sucção e um estalo bem antes de sentir o dedo úmido dele empurrando contra o seu traseiro novamente. Ela se apertou, mas ele bateu forte nela.

"Entregue tudo, Azalea,” ele lembrou-lhe novamente de sua promessa. "Relaxe e respire."

Ela cerrou as mãos.

"Você vai gozar assim, com meu dedo na sua bunda."

“Eu fui honesta. Não menti.”

“Não confunda isso com uma punição. Isso vai te ensinar uma lição diferente. O prazer vem de todas as maneiras. Fique quieta enquanto fodo sua bunda e sua boceta com meus dedos.”

Suas coxas se apertaram, e ela pensou em se afastar da mesa, mas quando dois dedos dele entraram na vagina dela, ela se viu inclinada para frente, descansando a testa na mesa, e permitindo-lhe mais acesso ao seu corpo.

Porra de tão cheia. E bom e quente. Ele bombeou dentro e fora de ambas as aberturas dela. A respiração dela aumentou; seu coração disparou.

"Encharcada, minha pequena vagabunda raptada."

Suas palavras também poderiam estar fodendo com ela, com a maneira como o corpo dela reagiu a elas. Ela estava agindo como uma puta. De quatro, a bunda dela no ar, deixando-o tocá-la do jeito que ele queria.

Uma vagabunda suja.

“Goze para mim, Azalea. Goze duro para mim, e não se atreva a ficar quieta sobre isso. Eu quero ouvir seus gritos.” Ele bombeou mais forte e mais rápido, e ela se encontrou recuando para ele, fodendo seus dedos tanto quanto ele estava transando com ela.

“Oh. Oh. Foda-se,” ela cantou, segurando as laterais da mesa e girando contra ele.

"Um lindo rabo vermelho,” ele elogiou, enrolando os dedos dentro de sua vagina. “Uma garota tão malvada que você era, mas agora você será boa. Você será minha putinha e vai gozar.”

"Oh foda-se!" Ela cambaleou para trás para ele. Um pequeno toque, talvez seu dedinho, em seu clitóris, disparou todos os foguetes em seu corpo, e ela gritou. Ela gritou seu nome, ela amaldiçoou, elogiou os céus, perdeu a noção da linguagem e do tempo, e simplesmente foi com os dedos, sentindo a queimação em sua bunda, as pulsações em sua vagina até o último arrepio de seu orgasmo desaparecer.

Com um huff, ela desmoronou para frente novamente, sua bochecha

pressionada contra a madeira quente.

Seus dedos deslizaram para fora de seu corpo e ele falou suavemente. Ela o ouviu, e em algum nível o entendeu, mas ele parecia tão distante. Em algum lugar acima dela, ou atrás dela, ela não podia mais dizer.

Ela gentilmente abaixou o corpo para a mesa, rolando para o lado e puxando os joelhos para o peito. Sua frequência cardíaca diminuiu e sua respiração ficou mais fácil, mas ela não conseguiu encontrar seu ponto focal. Ele ainda estava no quarto?

"Acho que encontramos o seu botão." Sua voz veio novamente, leve e suave.

"Eu..." Ela tentou molhar os lábios, mas a língua estava seca; sua boca estava seca. Sua vagina ainda estava molhada de sua excitação e seu orgasmo. Ela gozou tão duro. Com os dedos na bunda dela.

"Shhh." Ele a puxou para sentar e envolveu um roupão em volta dos ombros, ajudando os braços dela através dos buracos. "Eu vou pegar um pouco de água quando chegarmos lá em cima," ele prometeu e amarrou o roupão fechado em seu estômago. De onde veio isso?

Ela assentiu, incerta do que diria se tentasse falar.

Ele levantou-a sem esforço e embalou-a contra o peito. Ela colocou os braços em volta do pescoço dele e deixou que ele a levasse para onde quisesse. Ela vagamente o ouviu falar com algumas pessoas que passaram pelo caminho, mas não registrou muito.

Ela reconheceu sua cama uma vez que foi colocada nela, sentindo a suavidade e inalando seu cheiro. Fiel à sua palavra, ele deu-lhe um pouco de água, em seguida, ajudou-a debaixo das cobertas - depois de remover o manto.

Ele parecia mantê-la nua sempre que possível.

“Durma, azalea. Não saia da minha suíte até que eu venha atrás de você,” ele ordenou.

Ele estava continuando a punição dela, ou estava testando-a? Não sabia, e suas pálpebras estavam pesadas demais para ela ter tempo para inspecionar os pensamentos.

Ela sentiu os lábios dele, quentes e grossos, pressionados contra sua bochecha, e então ele se foi. Apenas um clique suave da porta indicava que

estava sozinha.

Exceto que ela ainda podia sentir a queimadura de seu cinto em sua bunda, o estiramento de seus dedos dentro dela, e o calor de seu beijo em sua bochecha.

Não. Ela não estava sozinha.

CAPÍTULO QUATORZE

"Peter." Hunter, ex cliente do anexo, levantou-se da cadeira no escritório com a mão estendida.

Peter pegou em saudação. “O que te traz de volta aqui? Jae está lhe dando muito trabalho?” Peter brincou. Jaelynn havia sido contratada de uma festa para Hunter por um fim de semana, mas ela nunca voltou - tornando-se sua submissa em tempo integral.

"Ela nunca será demais." Hunter sorriu. "Apenas a quantidade certa."

Peter riu. Ele entendeu o sentimento.

“Então, o que te traz por aqui?” Peter sentou-se na mesa.

"Ouvi dizer que você está procurando por um homem chamado Santos." Hunter se inclinou para frente em seu assento.

"Eu estou,” disse Peter com um aceno firme.

"Ele foi ver meu tio,” disse Hunter. “Meu tio tem algumas relações

com a chefe de Santos. Santos veio procurando ajuda. Diz que você tem a filha de sua chefe. Hunter se inclinou para trás, deixando a frase aberta no ar.

"Eu faço." Peter deu outro aceno de cabeça. "E se ele tiver alguma coragem nele, virá falar comigo, não seu maldito tio sobre isso."

Hunter abriu as mãos como se para evitar uma discussão. “Você sabe como me sinto sobre as relações do meu tio, mas também sabe que há pouco que possa fazer agora. Ele quer saber se você a tem e, em caso afirmativo, gostaria que você a entregasse para que pudesse levar-la para casa.”

Peter riu. "Isso não vai acontecer. Será que Santos também informou ao seu tio que ele devia a Ashland mais de cem mil?”

Hunter sacudiu a cabeça. "Tenho certeza que ele deixou isso fora."

“A garota fica comigo. Quando a mãe dela voltar de qualquer viagem, pode vir buscá-la, mas eu não a entregarei para a porra do Santos. ”

"Então, ela não está sendo vendida?" Hunter levantou as sobrancelhas.

“Nós não vendemos as que não querem. Você sabe disso,” Peter aterrou.

"Eu sei, eu sei. É por isso que me ofereci para vir falar com você. Não parecia certo, você acabou por tirar a garota de sua casa. Não é assim que as coisas são feitas aqui. ”

Azalea não tinha tido escolha no assunto de voltar para casa com ele, mas Peter não ia explicar os eventos para Hunter.

"Quando a mãe dela voltar..."

“Isso é o que tem tudo em um alvoroço. Sua mãe provavelmente vai ter a sua cabeça por deixá-la fora de sua vista. Eu não entendo a coisa toda. A última vez que vi Bellatrix Gothel, ela nunca mencionou uma criança. Até meu tio ficou surpreso ao saber disso, e ele estava lidando com ela há anos.”

“Lidando com ela, como? Não posso imaginar que ela trabalha em suas rotas de lixo ou naquele cassino dele. Ela parece mais velha, mais ao longo das linhas da idade dele...”

“Não, nada disso. Acredito que ela é uma fornecedora.” O olhar de Hunter vacilou. Ambos sabiam o que significava um fornecedor no mundo

de Jansen. E não era nenhum produto que pudesse ser armazenado em uma prateleira.

“Eu já ouvi o nome dela antes, mas não posso colocá-la. Se ela é uma grande fornecedora, Samuel teria mencionado ela, certo? Eu a teria visto pela casa aparecendo. Talvez Ash se lembre dela.” Peter esfregou o queixo. “Ela nunca mencionou uma criança em tudo? Ela teve duas filhas. Uma foi sequestrada.”

“Meu tio disse que não sabia muito sobre ela. Ela é muito quieta sobre seu trabalho, não gosta de estar em evidência. Talvez nunca tenha mencionado seus filhos porque manteve os negócios longe da família. Lembro-me de seu pai uma vez vindo para o meu tio quando eu estava no ensino médio. Ele mencionou ela - só lembro porque é um nome tão estranho. Mas nunca me lembro de vê-la ou ouvi-la de outra maneira.”

O estômago de Peter se apertou com a menção de seu pai. Ele tinha feito o maior sacrifício para impedir que seus negócios machucassem sua família, tendo uma bala apontada para Peter durante um mau acordo.

"Então, ela pode ter trabalhado com Samuel também.” Peter forçou seus pensamentos a se ater ao tópico em questão. Perambular pensando

sobre o passado nunca ganhou nada. “Eu tenho meus homens pesquisando-a, mas peço que verifiquem os registros antigos novamente. Talvez Samuel tenha marcado ela em algum lugar como um vendedor.”

"Pensei que ele preenchia seu próprio inventário", disse Hunter com um bufo.

“Na maioria das vezes, sim, mas ele não era contra comprar do lado de fora. E, se bem me lembro, seu tio preferiu a venda rápida.”

Hunter assentiu. Não importava qual vocabulário eles usassem, nenhum dos homens gostava das práticas de negócios de suas famílias. A compra e venda de mulheres era um pouco mais complexa, um pouco mais complicada do que simplesmente encomendar ações e tê-las entregues como se estivessem no mercado de materiais para festas.

"Você não acha que essa garota que você segurou aqui é uma delas, não é?" Hunter levantou-se da cadeira, abotoando o paletó.

O pensamento não tinha ocorrido a ele, e agora que tinha, não havia nenhuma maneira que ela estava saindo com sua mãe até que Peter tivesse todas as perguntas respondidas para sua satisfação.

"Tenho certeza de que não é o caso," disse Hunter quando Peter não comentou. "Eu vou dar ao meu tio a sua resposta."

"Lembre-o que protejo o que é meu, e até que sua mãe retorne e Azalea decida de outra forma, a garota é minha." Peter manteve o tom firme e não piscou um olho enquanto focalizava seu olhar em Hunter.

"Eu vou," disse Hunter com um aceno de cabeça. Peter não teve briga com ele. Ele teve a mesma luta que Ash e Peter tiveram com Samuel. O sangue os transformou em família e criou uma lealdade que não podia ser quebrada. Até que Hunter pudesse assumir como chefe de sua família, pouco mudaria.

"E diga à sua esposa que todos dissemos olá." Peter saiu de seu comportamento tenso quando abriu a porta para Hunter. "Ela é bem-vinda para vir a qualquer hora para visitar. Eu sei que algumas das garotas mencionaram querer vê-la."

"Ela não está colocando o pé no anexo nunca mais," disse Hunter com finalidade. "Mas se você deixá-las encontrar nos jardins ou na casa principal, eu vou trazê-la uma vez que toda essa bagunça com Bellatrix acabar."

"Isso seria bom." Peter assentiu. "Ela perderia um pouco de medo do lugar se ela entrasse?" ele brincou.

A mandíbula de Hunter ficou tensa. "Não. Temo que me lembre de que ela costumava trabalhar lá e ter que te matar por deixar outro homem tocá-la."

Peter riu. "Eu era um daqueles homens, você percebe." Jaelynn não adotou regras mais fáceis do que a maioria das garotas quando elas chegaram ao Anexo. Ele tinha o trabalho de discipliná-la em mais de uma ocasião.

Hunter brincou. "Eu fiz um trabalho extremamente bom em bloquear essa parte da sua vida para fora da minha mente. Não faça me arrepender disso."

"Está bem, está bem." Peter deu um tapa nas costas dele. Ele sabia quando quebrar a provocação, e o olhar assassino de Hunter deu a deixa de que era hora de parar.

Peter saiu para o corredor com Hunter. Um homem, não muito mais velho do que ele, aproximou-se deles, com Johnny logo atrás dele.

“Damien. Este é o Peter Titon. Peter, este é Damien. Ele é minha mão direita.”

O cabelo de Damien estava cortado excessivamente curto, mas Peter ainda podia distinguir com facilidade a coloração loira e gritante. E os olhos dele. Ele conhecia aqueles olhos.

Sacudindo-se de suas suspeitas, ele pegou a mão de Damien e sacudiu-a. "Johnny lhe deu o tour?" ele perguntou, apontando para as portas que davam para as salas de jogos.

“Sim, ele fez. Eu nunca estive em uma das suas festas de catálogo, mas não me importaria de um convite.” Ele sorriu. "Desde que Hunter não está utilizando seus serviços por mais tempo."

Peter não pôde deixar de olhar. A semelhança era clara demais, estranha demais.

"Sim, tenho certeza que podemos fazer isso." Johnny falou quando Peter continuou em silêncio.

"Ótimo." Damien deu a Johnny um olhar perplexo, mas assentiu mesmo assim.

Hunter cortou a conversa e disse adeus.

Peter fez os movimentos certos, apertou as mãos, assentiu, disse as despedidas apropriadas, mas sua mente já estava girando.

Depois que eles se foram, Johnny o tirou de seus pensamentos. "Você viu isso, certo?"

"A semelhança?"

"Sim. Isso não pode ser uma coincidência, certo? Quero dizer, quantas pessoas têm esse cabelo colorido?”

Peter concordou. Suspeitava que não muitos. "Onde está Azalea?"

"No seu quarto. Ela levou seu laptop até lá. Eu percebi que desde que você a deixou no escritório, tudo bem?”

“Sim, tudo bem. Você encontrou alguma coisa na mãe dela? Quaisquer acordos que ela possa ter tido com Samuel?”

Johnny mudou seu peso. "Não. Mas a codificação dele é tão antiga que poderia estar lá e eu não saberia.

"Sim." Apenas uma outra maneira que seu tio manteve um controle tão apertado.

“E esse Damien. Você tem um sobrenome?”

"Não. Mas posso conseguir um. Eu vou pesquisar isso hoje.”

“E quero que você veja o sequestro de uma garota pré-adolescente com o sobrenome de Gothel. Provavelmente cerca de vinte anos atrás,” disse Peter.

Se Johnny tinha mais perguntas, ele não estava perguntando.

"Você entendeu. Daniel está em uma coleção e as garotas têm três compromissos esta tarde. Você está indo para a Tower?”

"Eu ainda não decidi,” disse Peter. "Além de deixar Daniel em dia, não conte a ninguém sobre Damien."

"Entendi."

"Bom. Eu vou encontrar Azalea e não quero ser incomodado.”

CAPÍTULO QUINZE

Azálea se esparramou pela enorme cama em seu estômago, trabalhando no laptop. As coisas estariam se movendo mais rápido se ela tivesse seu próprio computador com ela, já tinha os programas de que precisava, mas teria que sobreviver por enquanto.

A porta do quarto se abriu e ela olhou para ter certeza de que era Peter e não um de seus homens. Ela não teve nenhum problema com eles, e eles lhe deram a impressão de que Peter os havia advertido para longe dela, mas ainda não confiava neles.

"O que está rolando?" Peter perguntou em seu tom baixo que enviou um formigamento através dela.

"Tenho trabalhado em aumentar seu rendimento," anunciou orgulhosa. Ocorreu-lhe que poderia estar chateado com a sua intromissão, mas ele precisava de sua ajuda.

Ele só não sabia ainda.

"Oh sim? E como você fez isso?” Perguntou com ceticismo.

Ela levantou-se de sua posição e sentou-se com as pernas cruzadas, virando o computador para mostrá-lo. "Fiz novos gráficos, bem, alguns - para o seu site e, em seguida, criei o site para dar uma melhor aparência."

Ele se inclinou sobre a cama, pressionando as mãos no colchão para examinar a tela. Ela não mudou muito, apenas o esquema de cores inteiro.

"Como diabos você conseguiu acesso ao site?" ele perguntou, ainda olhando o que ela tinha feito. Não parecia zangado, mas às vezes ela não podia dizer sem ver seus olhos.

"Bem, você não escolheu uma senha muito segura e preencheu automaticamente seu endereço de e-mail." Ela encolheu os ombros. “Não foi difícil. Mas pode querer escolher uma senha mais difícil que a Tower.”

Ele moveu seu olhar da tela do computador para ela. Olhos escuros, mas não exatamente a tempestade habitual. Ela provavelmente picou seu ego, mas não o irritou.

"Você mudou as cores."

“Eles combinam com o clube atual agora. Você tem muito ouro e preto lá; É uma atmosfera muito sensual. Eu fiz o jogo do site. E os gráficos - você tinha algumas fotos casuais. Eu os animei um pouco.” Ela apontou para a home page. O que antes era apenas mesas vazias em uma boate, agora tinha imagens do clube de verdade, algumas delas tiradas da arte ao vivo nas catacumbas da sala principal.

"Onde você conseguiu as fotos?" ele perguntou, percorrendo o site.

"Você os tinha em seu disco rígido." Ela rastejou para ele e espiou por cima do monitor. "Ainda é um pouco difícil, mas eu não tenho meu computador com meus programas, então tive que usar o material de código aberto que consegui online."

"Onde você aprendeu a fazer tudo isso?" ele perguntou, levantando-se.

Ela olhou para ele. "Escola. Sou formada em design gráfico. Mas as coisas do site aprendi sozinha.”

“Sua mãe deixou você ir para a escola? Eu teria pensado que ela ensinaria a você em casa.”

“Quando eu era jovem, ela fez. Bem, não ela - eu tinha professores. Mas quando terminei o ensino médio, ela me deixou se matricular na faculdade. Santos ou um de seus outros homens estava sempre comigo, mas pelo menos ela me deixou ir.” Não queria soar como se sua mãe a tivesse trancado completamente e esquecido dela, mesmo que às vezes parecesse crescer assim.

“Hmmm. Você disse que tinha uma irmã mais velha. Você lembra dela?"

Azalea sacudiu a cabeça. "Não. Mamãe me teve depois que ela foi sequestrada.”

"Já viu uma foto dela?"

“Apenas algumas. Quando ela era jovem, como dois ou três talvez.” Azalea não insistiu muito em detalhes sobre sua irmã mais velha. Sua mãe ficou tão perturbada e paranoica em qualquer lembrança da perda de sua filha, que forçaria Azalea a permanecer em seu quarto por dias a fio. Não querendo que alguém fosse capaz de sequestrá-la também, ela insistiu. Azalea aprendeu a não a levantar se não quisesse que a porta de sua suíte fosse trancada.

"Quaisquer irmãos?" ele perguntou.

O que ele estava pescando?

"Não. Por que você está me perguntando tudo isso?” Azalea deslizou da cama. "Aconteceu alguma coisa? Você encontrou Santos?”

Peter riu. "Não. Nada como isso." Ele foi até o armário e tirou o casaco, pendurou e desabotoou as mangas da camisa.

"Você odiou o site?" ela perguntou, olhando de volta para ele.

"Não. Eu amo isso, na verdade. Você fez um trabalho incrível. Na verdade, acho que vou colocá-la no comando de toda a publicidade e design do site.”

"Eu não sei muito sobre publicidade,” ela admitiu.

"Bem, então talvez devêssemos fazer matrícula para algumas aulas na faculdade." Uma mecha de cabelo caiu na frente de sua testa, dando-lhe um olhar suave e melancólico.

"Mas só vou ficar aqui mais uma semana ou duas,” ela disse suavemente.

"Nós não sabemos disso."

"Você prometeu," ela lembrou com força.

"Eu prometi quando sua mãe vier nós discutiríamos isto. Você pode não querer sair quando chegar a hora. Já pensou nisso?" Ele terminou de enrolar a manga esquerda até o cotovelo e foi até ela. Com cada passo predatório que ele deu, ela recuou, até que suas pernas foram pressionadas contra a cama.

"Você não está bravo com o site, não é?" ela perguntou suavemente, sentindo o corpo dele mesmo que não a tivesse tocado ainda.

"Não. Quero dizer, você realmente não deveria estar bisbilhotando no meu computador, e mesmo que seja fácil hackear uma conta, você não deveria. Mas desde que me beneficiei, vou deixar." Usando as duas mãos, ele empurrou o cabelo dela para trás.

"O que você está fazendo então?" ela perguntou, ousando olhar para ele.

"Certificando-me de que você não vai querer sair quando chegar a hora." Ele trouxe sua boca sobre a dela, inflexível enquanto emoldurava seu

rosto. Ela se perdeu facilmente no beijo. Ele mordiscou o lábio inferior dela, e ela se arqueou para ele, querendo mais. Mais doçura de sua língua acariciadora, mais dor pela nitidez dos dentes. Ela queria os dois e precisava deles mais.

Quando ele terminou o beijo, olhou para ele através de uma névoa de excitação e necessidade. Quando esse homem se tornou menos idiota e mais algo que ela ansiava?

"Você acha que um pequeno beijo vai fazer isso?" Ela brincou, mas não levantou o olhar para ele. O contato olho-no-olho a faria perder a coragem, e ela gastara muito tempo calculando isso para começar.

"Hmm, minha garota já está ficando gananciosa?" Ele puxou a camiseta que ela usava. “Tire essa maldita coisa. Pensei que Daniel tinha trazido algumas roupas reais.

"Ele fez, mas eu queria algo confortável, não todos aqueles vestidos."

Peter fez uma pausa em seu puxão de sua camisa sobre a cabeça. “Onde conseguiu isso, então?" Ele perguntou, arrancando-a e sacudindo-a para ela.

“É da Aubree. Ela me deu algumas coisas,” disse Azalea.

Sua mandíbula ficou torta. "Você falou com Aubree?"

“Você não disse que não podia falar com as pessoas. Na verdade, disse que eu poderia ir a qualquer lugar na propriedade. Não tentei fugir e nem sequer entrei no seu precioso Anexo.”

“Eu não disse que você fez nada de errado. Estou apenas surpreso.”

"O que? Que sei ser sociável?” Ele deve ter pensado que sua mãe a mantinha sob fechadura e chave. O que, claro, ela tinha feito, mas Azalea tinha aprendido em uma idade decente como sair daquele sufocante polegar de sua mãe e ter alguns encontros amigáveis.

"Eu não disse isso."

Ela tentou se afastar dele, mas ele agarrou seu braço e puxou-a de volta no lugar.

"Então pare de parecer tão chateado,” ela exigiu, pegando a camisa dele e cobrindo seu peito nu com ela.

"Este não é o meu rosto irritado, Azalea." Ele cautelosamente pegou a

roupa dela e a deixou cair no chão. "Eu não quero mais falar sobre roupas ou conversas sociais, o que quero é o seu corpo nu, esparramado na minha cama." Ele chegou ao redor dela e agarrou o laptop, fechando-o. "Faça isso acontecer."

"Fazer isso acontecer?" ela riu. "Como se eu fosse um de seus funcionários?"

"Não." Ele virou seu olhar escuro para ela. "Como se você fosse uma boa menina que não quer acabar com uma surra em vez de uma foda."

Seu queixo caiu.

"Mas..."

Ele se aproximou de seu espaço, agarrando seus dois mamilos e puxando-os para ele até que ela gritou, e então ele diminuiu o alongamento.

"*Mas* nada. Eu estou fazendo você minha, Azalea."

Ela choramingou quando ele a soltou. O retorno do fluxo sanguíneo aos mamilos ardia, e ela tentou esfregá-lo. Ele afastou as mãos dela.

"Você nunca se cobre de mim." Suas palavras eram duras, como se

quisesse ter certeza de que ela sabia que ele estava falando sério, que ele era quem estava segurando as rédeas, e ela podia cumprir ou ser punida. E ela viu o quanto ele amava punir.

Ela não tinha dúvida de que ele iria mudar para o remo em vez de pensar em sexo se resistisse a ele.

E ela realmente queria resistir a ele? Já não tinha decidido aquela tarde enquanto trabalhava em seus negócios que queria que ele a levasse? Ela queria que cada parte dela fosse tocada por ele. Mesmo se eles estivessem juntos por um curto período de tempo. Mesmo que estivesse voltando para casa com a mãe quando ela chegasse. Para ter essa memória. Sentir seu desejo por ela, sentir a urgência e saber que ela lhe deu tudo. Ela poderia viver nessa memória por um longo tempo.

"Se eu disser não?" Perguntou, já brincando com as bainhas das leggings pretas.

"Eu nunca forcei uma mulher," ele respondeu, sua expressão fria como pedra.

Não foi uma grande resposta, mas o que ela esperava? Mesmo se

tivesse forçado uma mulher, ele iria lidar com isso? Diria a ela a verdade?

Em seu tempo juntos, até onde sabia, ele nunca mentiu para ela. Estudando-o, ela procurou uma fenda na sua honestidade, uma rachadura naquele exterior severo. Nada.

"Você está dizendo não, Azalea?" Sua voz era rouca.

"A primeira vez que uma garota não deveria ser... eu não sei..." Ela sentiu suas bochechas esquentarem com a implicação. Ela ia dizer *especial* , mas o que isso significa?

Ele deu uma risada baixa. “Quer que eu espalhe pétalas de rosas por toda a cama para você? Acenda algumas velas? Talvez te escrever um soneto rápido?”

"Não." E ela não queria. Ela não podia imaginar ser assim com ele. Com todas as suas arestas afiadas e áureas escuras, ele parecia fora de lugar. Seria errado.

“Você é minha agora, Azalea. E sempre cuido do que é meu. Sempre." Ele se aproximou dela, tirando o pequeno espaço entre eles.

Ela acreditou nele. Mesmo quando sua mente se rebelou e disse que não deveria estar cedendo a ele. Ela nunca deveria ter concordado em jogar seu joguinho e deixá-lo possuí-la pelo pouco tempo que estavam juntos. Mesmo que ele oferecesse tudo o que ela queria, deveria ter se mantido firme e dito para ele se foder.

Mas ela nunca conseguiria fazer nada em sua vida se sempre escutasse aquela voz horrível em sua cabeça dizendo-lhe para ser boa, fazer o que deveria fazer e se calar.

"Você ainda está vestida," disse ele, puxando o elástico de sua leggings longe de seu estômago, em seguida, colocou-o de volta no lugar.

Enganchando os polegares na faixa, ela os empurrou até os tornozelos, batendo a cabeça no peito dele enquanto se inclinava ligeiramente. Ele não recuou, não deu seu espaço, simplesmente ficou em pé.

Como sempre.

Como se ela esperasse dele.

Uma vez que ela conseguiu sair da legging, empurrou para o lado. Não tendo a certeza onde colocar as mãos, apertou-as atrás dela, imaginando

que se ela cobrisse seu sexo, ele as jogaria para longe.

"Muito bem," ele sussurrou, arrastando as pontas dos dedos sobre a clavícula. "Suba na cama, Azalea," ordenou.

Ela respirou fundo e empurrou-se para cima da cama, se afastando até a cabeceira da cama permitir. Tanto quanto ela o queria, queria que ele fosse o primeiro, tinha uma bolha de medo em sua barriga.

Quando ele a tocava, era fácil esquecer como era experiente. Ela não pensou sobre todas as outras mulheres com quem esteve ou com quem ele estaria uma vez que ela fosse embora. Quando ele a tocou, olhou em seus olhos, a fez incapaz de pensar em outra coisa senão ele.

Mas agora, observando-o tirar suas roupas, mesmo com seu foco nela, ela sabia que falharia com isso. Sabia que provavelmente a acharia carente e ingênua - assim como ele fazia em todos os outros caminhos da vida. Sempre seria a garota protegida que não sabia nada porque sua mãe se importava muito com ela para deixá-la viver uma vida normal.

"Azalea." Ele chamou seu nome com firmeza, e ela arrastou o olhar para o rosto dele. Uma ruga de preocupação franziu a testa, mas seus olhos

permaneceram estóicos. “Pare de pensar demais. Não há nada para pensar aqui.”

Ele empurrou suas calças para baixo, deixou-as cair de pé e seu pau saltou livre.

Ela estendeu a mão para ele, para tocar seu comprimento, sua força, mas ele pegou seu pulso e balançou a cabeça. "Não."

Ele subiu na cama, afastando suas coxas como antes, e desceu até os cotovelos. Ele levou a boca ao clitóris dela, lambendo, sacudindo e depois sugando.

Seu estômago se apertou e sua respiração ficou presa.

Mais lambidas, lentas e traiçoeiras antes da mordida afiada de seus dentes.

"Porra." Ela soltou um suspiro.

Ele deu uma risada baixa. "Essas palavras feias." Ele mordeu o interior de sua coxa.

Ele abriu as pernas mais abertas, subiu em seu corpo e beijou sua

boca. Era bom ter seu corpo nu contra o dela, o calor, a força dele pressionando-a contra o colchão.

Seu pau tocou sua entrada e ela ficou tensa.

“Shh, não fique toda nervosa comigo. Isso vai piorar,” ele disse entre beijos.

Suas mãos percorreram seu corpo, sentindo suas curvas, seus seios e beliscando seus mamilos enquanto sua língua fazia coisas que a faziam se sentir em branco.

"Sua buceta está encharcada,” disse ele contra sua boca. "Meu pau já está molhado com seus sucos."

Mais uma vez, suas bochechas aqueceram do modo humilhante que seu corpo reagiu a ele.

"Por que sua boceta está tão molhada, Azalea?" ele perguntou, parando em seus beijos para olhar para ela.

Quando ela tentou se afastar, ele pegou o rosto dela com as duas mãos e segurou-a firme. "Por quê?"

"Você é um idiota," disse ela. Ele começou a deixá-la ciente de todas as sensações do caralho, todas as coisas prazerosas que fazia com ela.

Sim, um idiota completo.

Ele riu. "Conte-me." Ele se mexeu, fazendo a ponta de seu pau pressionar mais contra sua entrada. Outro movimento como esse, e estaria dentro dela.

Ela não queria que ele mergulhasse dentro e alimentasse a fome animalesca, ela precisava disso.

"Porque eu quero você." Apertou as mãos contra o peito dele, sem empurrá-lo, mas mantendo a distância entre eles.

"Veja, a honestidade não é tão difícil." Ele se moveu para trás, empurrando a perna dela em direção ao peito dela. Nunca esteve tão exposta, se sentiu tão vulnerável.

"Eu também quero você, Azalea," disse ele, agarrando seu pau e acariciando-o. "Mais do que eu queria uma mulher há muito tempo."

Essa foi sua grande declaração romântica?

Precisava de algum trabalho.

Ele correu a cabeça de seu pau através de suas dobras antes de se estabelecer em sua entrada. Ele empurrou para frente, esticando-a em torno de sua cabeça grossa.

Ela enrolou os dedos em seu peito nu, ainda não forçando-o para longe, mas se preparando para se necessário.

Seus lábios se esticaram em uma linha reta, como se ele estivesse se esforçando para manter-se composto e focado.

Ele empurrou e ela gritou.

"Peter," ela avisou, pânico começando a construir em seu peito. Sua boceta se esticou ao redor de seu pau. A sensação beliscou, varrendo sua respiração. Ela precisava respirar.

"Azalea," ele gemeu dirigindo para frente novamente, lento, mas não parando no mínimo. Outra polegada - quantas já a haviam enchido - e ele parou, inclinando-se para trás e passando as mãos por sua coxa.

Ela relaxou os dedos, notando as pequenas marcas que suas unhas

faziam nos peitorais dele.

“Mantenha seus olhos em mim, Azalea. Só eu, em nenhum outro lugar,” ele instruiu, ainda acariciando suas coxas.

Ela assentiu. Com medo de que se abrisse a boca, ela imploraria para ele se apressar e empurrar dentro dela. Sabia que ele estava tentando salvá-la do desconforto, mas era o desconforto que ela ansiava. Se ele ia reivindicá-la, reivindicasse, caramba.

Ela o encontrou sorrindo para ela, um sorriso inclinado e arrogante.

"Você gosta desse jeito." Ele se afundou nela um pouco mais, sorrindo mais quando ela grunhiu. "Você gosta do alongamento e da dor."

"Eu gostaria mais se você parasse de parar,” disse ela, sentindo-se muito mais corajosa agora que ele estava quase completamente dentro dela. Ela só precisava que ele desse o mergulho, para encher e empurrar e foder com força.

Ele levantou uma sobrancelha. Passou um dedo sobre o clitóris, rolando em círculos, fazendo-a arquear as costas. O movimento levou-o mais longe, e ela sentiu o aumento do alongamento.

Movendo-se sobre ela novamente, ele tirou os dedos de seu clitóris e capturou seu rosto mais uma vez. "Olhos em mim, nem sequer pisque," ele ordenou e empurrou para frente.

Ela gritou, a dor pegando-a desprevenida. "Porra!" Ela bateu nos ombros dele, empurrando-o, mas não fazendo com que ele se movesse.

Ele parou sobre ela.

"Relaxe, sua buceta vai ajustar, apenas relaxe," disse ele e beijou sua bochecha onde uma lágrima havia caído. Ela respirou várias vezes, observando-o enquanto ele relaxava junto com ela.

A dor diminuiu, deixando-a com o desejo de empurrar para cima, para recuperar um pouco da dor. Quando ele deslizou uma mão entre seus corpos para brincar com seu clitóris novamente, enxugando completamente a dor e torcendo-a em prazer incomparável, ela arqueou para cima.

Ele recuou e avançou novamente. Ela gemeu e trouxe as pernas para trás, abrindo-se mais para ele. Envolvendo as mãos em torno de suas costas, segurou-o enquanto ele a fodia. Devagar no início, trazendo-se quase todo o caminho antes de mergulhar de volta, mas uma vez que ele parecia

satisfeito, ela não estava sofrendo, ele a fodia mais forte.

A mordida da dor estava de volta, mas o prazer se arrastou para trás. Cada impulso, cada empurrão de seus quadris a levou a outro plano de prazer.

"Porra, Azalea, porra," Peter grunhiu com um disco rígido para frente. Seu rosto apertou, sua concentração de volta com força total.

Ela puxou as pernas para trás ainda mais, aproveitando o deslize em seu controle quando ela fez o movimento.

Seus dedos rolaram ao redor de seu clitóris, e ele se abaixou, beijando-a, mordiscando seu lábio inferior.

A pressão ardente em sua barriga, plantou seus pés no colchão e arqueou-se, apertando seu pau e querendo mais dele.

A cama rangeu embaixo deles.

"Peter." Ela agarrou-o, combinando suas investidas com as suas próprias.

"Quase lá, menina bonita?" ele perguntou, tomando seu clitóris entre

dois dedos. "Mostre-me. Mostre-me como minha garota é bonita quando ela goza para mim.” Ele apertou seu clitóris, dando a ela aquela pontada extra enquanto ele penetrava mais forte nela, enchendo-a tão perfeitamente.

Foi o suficiente para acender a ignição. Seu corpo disparou como um foguete de garrafa.

Ela gritou - seu nome, uma maldição ou duas, mas principalmente seu nome. De novo e de novo, enquanto ela se agitava para ele, pegando cada estocada que ele dava, sentindo cada pedacinho de seu beliscão enquanto as ondas repetidamente se chocavam contra ela.

Assim que a eletricidade acabou, ele soltou seu clitóris e agarrou seus quadris. Sua mandíbula se apertou e seus dedos cravaram em sua carne enquanto ele batia seu pau nela. Grunhidos se transformaram em gemidos.

"Oh foda-se,” ela sussurrou, sentindo seu pau engrossar dentro de sua boceta agora sensível. Com mais um impulso, ele parou, soltando gemidos animalescos enquanto seu sêmen a enchia.

Ela observou-o gozar, viu a pura emoção de sua liberação quando ele

se esvaziou nela. Sua respiração ficou dura, seu peito arfou e, depois de mais uma viagem, desabou sobre ela. Seu rosto aninhado em seu pescoço, sua respiração quente lavou sua garganta.

Seus braços envolveram ao redor dela, segurando-a firmemente contra ele. Ela não se mexeu, não o afastou, aproveitando o peso dele sobre ela. Ele beijou seu pescoço, movendo-se para o lado e puxando-a para perto. Seu pau deslizou para fora dela, sujando a cama debaixo dela.

Mas ele não parecia se importar, e ela se perdeu em seu abraço.

CAPÍTULO DEZESSEIS

O telefone de Peter tocou no bolso de trás.

"O que diabos está acontecendo aí?" A voz inconfundível de Ash foi disparada pelo telefone.

Peter olhou para Azalea, que estava sentada em uma mesa em seu apartamento sobre a Tower, trabalhando em seu laptop. Chega de reformas, porque ele poderia começar a ocupar sua própria casa.

"Olá para você também," Peter comentou, levantando-se de seu lugar no sofá e saindo da sala.

"Por que você tem alguma mulher como refém?" Ash perguntou.

"Ela não é uma merda de refém, seu idiota. Você não está na sua maldita lua de mel?"

"Eu estou. Ellie está tirando uma soneca." Como se a menção de sua esposa fosse suficiente para acalmá-lo, a voz de Ash baixou. "Diga-me o que está acontecendo. Eu chamo Daniel, e ele me diz que você tem essa garota

trancada na casa?”

Peter teria que matar Daniel. “Ninguém está trancada em lugar nenhum. Daniel e eu fomos em uma chamada da cobrança, e o cara não tinha dinheiro.”

"Então você pegou uma menina?" A voz de Ash poderia estar nivelada, mas Peter podia ouvir a raiva começando a crescer.

“Sim, mas não como você está pensando. Ela estava trancada em seu quarto, Ash.”

"Então?"

"Por fora. Ela não podia sair se quisesse. Em sua própria casa.”

O silêncio encheu o tempo.

"Ela está livre para sair agora, embora?"

Peter passou a mão pelo pescoço. “Não, não realmente. Ela fica comigo até a mãe voltar dos negócios. Então vou reavaliar.”

“Trabalho de acolhimento?” O tom de Ash não sugeria leviandade.

"Você se lembra de uma mulher chamada Bellatrix Gothel?" Peter se ateve aos fatos.

"Sim. Meu pai lidou com ela ocasionalmente. Ela é uma merda de traficante. Eu a cortei quando assumi. Pelo menos três das garotas que meu pai tinha no Anexo foram compradas dela. Depois que as liberei, ajudei a devolvê-las as suas famílias. Você não lembra?"

"Havia muitas garotas que ajudamos a encontrar suas famílias, não prestei atenção em onde elas foram compradas." Pelo menos uma dúzia de mulheres precisava localizar as famílias das quais haviam sido tiradas pelos homens de Samuel Titon ou por outros vendedores.

"Bem, ela era uma das vendedoras. Funciona bem discreta, pelo que me lembro. Faz muitas transações com Jansen, agora, eu acho."

"Sim. Um de seus homens foi até Jansen para fazê-lo intervir em nome da garota. Hunter estava na casa há alguns dias me pedindo para entregá-la."

"E você não fez."

"Porra, não. Eu confio em Hunter, mas de jeito nenhum vou entregá-la

para Jansen. Quando a mãe dela voltar...”

“Sim, sim, você reavaliará. Você acha que não te conheço? Você não tem planos de entregar a menina de volta para sua mãe.”

“Você acabou de dizer que ela vende mulheres porra. Por que eu deveria..."

"Você acha que ela venderia sua própria filha?" Ash cortou.

"Sim."

Mais silêncio se estendeu.

“Jansen não vai gostar de ser negado. E Bellatrix não é um jogador pequeno também. Ela trabalha com famílias em todo o país.”

"Sim, todo esse poder, e agora ela não tem idéia de que sua filha não está trancada na maldita tower em que ela a empurrou antes de sair." A ira de Peter à lembrança de encontrar aquela maldita porta trancada.

"O que você vai fazer com ela?"

"Eu não sei." Peter suspirou. Era uma questão que ele evitava a cada

passo.

“Por que você a levou? Ela é adulta. Por que não a deixar lá com a maldita porta destrancada?” Ash espetou.

"Por que você aceitou a oferta de Ellie quando ela apareceu na casa?" Peter virou a mesa.

Outro ataque de silêncio.

"Essa garota é sua Ellie?"

Agora havia uma pergunta.

“Meu lugar está quase terminado. Eles estão trabalhando no último cômodo esta semana, então estarei fora do seu lugar quando você voltar, ou logo depois.” Explorar seus sentimentos sobre Azalea ou o que o futuro poderia trazer não faria bem a ninguém.

"Huh,” Ash grunhiu. “Quem imaginaria que você encontraria uma menina enquanto eu estava fora. Só não se case com a mulher até eu voltar.”

"Você pode realmente ser um idiota às vezes,” Peter assobiou.

"Eu sei. Minha esposa me diz o tempo todo. Aposto que você é tão idiota com a sua garota - qual diabos é o nome dela?”

"Azalea." Ele tentou se manter distante ao dizer o nome dela, mas não podia ter certeza de que não soava como um fã obcecado enquanto falava.

“Jansen não vai gostar de ser rejeitado, não importa se o sobrinho está do seu lado nisso. E ele definitivamente não vai gostar de parecer fraco quando Gothel voltar e descobrir que não poderia intervir.”

"Estou ciente. Eu tenho tudo tratado. Você acaba de fazer o que diabos está fazendo. Vejo você daqui a algumas semanas.” Peter caminhou de volta pelo corredor até a sala de estar, encontrando Azalea exatamente onde a deixou, na mesa, trabalhando.

“Você me liga se precisar de mim. Eu estarei no primeiro voo para casa.” Ash disse.

"Adeus, Ash." Peter não esperou por uma resposta antes de acabar a ligação.

Azalea girou para encará-lo. "Ash. Seu primo?"

"Sim." Peter disse, colocando uma mão na parte de trás da cadeira do escritório e inclinando-se para beijá-la. Ele não conseguia obter o suficiente do gosto dela agora que a tinha.

"Você sabe, me mandar para casa resolveria qualquer problema que você está tendo," ela disse quando ele quebrou o beijo.

E assim, seu humor azedou.

"Quantas vezes eu te lembrei do nosso negócio?" perguntou, abaixando-se ao nível dela.

Ela mordeu o canto do lábio.

"Quantas?"

"Hoje?" ela perguntou com uma doçura açucarada. Ele a avisou para deixar o assunto em paz. Constantemente tendo que lembrá-la do que ela concordou, o que ele queria dela o irritava. Talvez porque ele não pudesse ver como iria deixá-la ir, ou talvez porque não queria pensar sobre isso ainda. Não importava; quando ele disse que um assunto estava fora dos limites - era porra fora dos limites.

"Levante a saia do seu vestido e incline-se sobre a mesa." Ele empurrou a cadeira.

"Peter."

"Agora, não vou repetir." Mudou-se para sua posição e esperou por ela. Ele não iria continuar sendo lembrado de que tinha um limite de tempo.

Ele preferiria passar o tempo juntos afundando seu pau naquela boceta apertada e quente dela. E ele já tinha uma vez naquela manhã, mas agora, não podia, até que eles fossem para a cama. Porque ele não fodia garotas punidas.

Azalea passou por ele, mantendo a bunda apontada para longe dele, e caminhou até a frente da mesa. Seu olhar agradável não fez nada para convencê-lo, e ela pareceu perceber mais rápido que o normal que deveria entrar em posição.

Ela levantou a barra do vestido até a cintura e se inclinou sobre a mesa, erguendo as nádegas nuas e arredondadas no ar e colocando as palmas das mãos sobre a mesa.

Peter sentira prazer em lhe ensinar a posição correta ao ser espancada

sobre uma escrivaninha ou mesa. E ela se divertiu imensamente depois de ter seu traseiro aquecido com a mão dele e então sua boceta fodida com força. Mas isso foi brincadeira.

Este era um tipo diferente de lição.

Ele empurrou seus longos cabelos sobre os ombros, efetivamente bloqueando sua visão dele. Algo que ela odiava e, claro, algo que ele continuaria a fazer.

"Diga-me novamente o que você concordou," disse ele, acariciando sua bunda. Um suave tremor saudou seu toque.

"Que eu seria seu até minha mãe chegar em casa," disse ela, sem se preocupar em olhar para ele. Seria inútil de qualquer maneira.

"Está certo. E você está autorizada a continuar me pedindo para levá-la para casa?"

"Não senhor."

Suas bolas apertaram na palavra de seis letras que ela pregou em sua resposta.

"E ainda assim você mencionou quatro vezes hoje." Os outros três foram comentários aleatórios sobre como manter seu site atualizado depois que ela fosse para casa. Mas eles contaram.

"Então, acho que isso significa que você me deve quatro."

Ele se aproximou dela, envolvendo o braço ao redor de sua cintura fina e puxando-a contra seu corpo.

"Ok," ela disse com um pouco mais de sarcasmo do que ele deveria permitir.

A coitada pensava que ele queria dizer quatro palmadas.

Ela sacudiu quando seus dedos deslizaram entre suas pernas e através de suas dobras, reunindo a umidade que sempre parecia estar lá quando ele queria. A mulher estava tão excitada quanto ele pela perspectiva de punições.

"Peter?" ela perguntou, tentando esticar o pescoço para vê-lo quando ele inseriu dois dedos em sua boceta, instantaneamente sentindo a carne apertada.

"Fique quieta." Ele beliscou o quadril dela. "Quando estiver pronta, você pode conversar, embora duvide que você seja capaz." Ele mergulhou nela e o dedo fodeu-a com força, curvando-se em seus dedos o suficiente para roçar aquele pequeno ponto carinhoso dentro dela que a deixava louca.

“Oh. Oh... foda-se.” Ela bateu a mão contra a mesa. "Peter."

Aparentemente, ela não estava pronta para ser obediente.

"Se você continuar falando, vou ter que amordaçar você,” ele prometeu.

Apertando-a com força contra ele, ele a fodeu rápido com os dedos, certificando-se de escovar seu clitóris e levá-la até a beira.

"Aaagh." Seu corpo se apertou e ela estava prestes a explodir.

"Você vai gozar?" ele perguntou, não diminuindo a sua disposição.

"Sim! Ah, foda-se sim!” Ela arqueou as costas e deu-lhe melhor acesso.

"Não, você não vai." Ele mergulhou fundo, sentindo a evidência da primeira onda começando, e soltou sua mão, afastando-se dela.

Ele ouvira as mulheres gritarem de frustração - essa não era sua primeira punição, mas ele nunca ouvira a raiva que ele sentia com Azalea.

“Eu provavelmente deveria ter explicado. Você não está gozando. Garotas más que não obedecem não conseguem gozar. Mas você vai até o limite, até onde você está prestes a cair no esquecimento, e então vou te puxar de volta. Quatro vezes. Esse foi o número um.

"O que? Não! Peter!" Ela tentou se levantar, mas ele colocou uma mão entre as omoplatas.

Sem uma palavra, ele envolveu o braço em volta da cintura dela e mergulhou três dedos nela. Com a cabeça jogada para trás, ela empurrou a bunda na direção dele.

Ele escutou seus gemidos, sentiu a reação de seu corpo enquanto enrolava os dedos, acariciava os pontos certos. Ela se acomodou em gemidos suaves.

Linda garota. Ela pensou que poderia conseguir um orgasmo.

"Você vai gozar?" ele perguntou, olhando para a parte de trás de sua cabeça. Ela sacudiu, provavelmente sabendo que se abrisse a boca, a

verdade se derramaria.

"Bom." Ele novamente se afastou quando sua boceta apertou seus dedos com mais força.

Outro murmúrio gutural e um beijo na mesa.

"Isso é dois," disse ele, sua respiração um pouco trabalhada a partir das ministrações.

Decidindo dar um tempo aos seus dedos, ele se agachou atrás dela, afastando as nádegas de sua bunda.

"Peter, o que, oh foda-se." Ela se mexeu, mas ele segurou suas nádegas firmemente enquanto lambia e provocava sua boceta. Ele apertou a carne macia do seu traseiro, dando a ela nenhum lugar para ir.

Porra, ela tinha gosto como o céu. Essa punição era pior para ele do que ela, ele decidiu.

Quanto mais ele lambia, mas ela ficava mais molhada. Usando a ponta do seu dedo do meio, ele rodeava a entrada da buceta dela. Um profundo gemido veio dele.

Ela percebeu que estava movendo seus quadris? Ela empurrou de volta para ele, tomando sua língua dentro dela.

"Oh foda," ela sussurrou, coxas tremendo em ambos os lados de sua cabeça.

Seus músculos se apertaram, e ele se sentou em seus calcanhares, segurando suas bochechas abertas. Ar tocou seu clitóris exposto. Estava tão inchado, tão vermelho, tão necessitado.

"Não!" ela gritou e bateu o pé.

Ele riu. "Três."

"Eu não posso. Por favor. Eu não posso. Eu não vou mencionar ir para casa nunca mais, apenas por favor, deixe-me gozar."

Ele ouviu o apelo em sua voz, o aperto e a urgência, mas isso não importava. Ele a sentenciara e completaria a punição.

"Mais uma garota bonita. Você consegue." Ele se inclinou para frente novamente, tomando seu clitóris entre os dentes e sacudindo a língua sobre ele.

Ela assobiou, e ele sabia que não demoraria muito para ela balançar na linha que ele teria que arrastá-la para longe.

Enquanto ele chupava seu clitóris, ele abriu as nádegas novamente, desta vez, pressionando o polegar, molhado de sua boceta, contra o anel apertado de seu rabo.

Ela tentou apertar, mas ele fechou isso dando um forte tapa nas bochechas da bunda dela e voltou direto para o objetivo dele.

"Meu dedo está entrando, Azalea," ele disse contra os lábios de sua boceta e empurrou com mais força até que o polegar dele estava dentro, até a junta dele.

"Peter, não," ela sussurrou com voz rouca. Ela disse que não, mas quando ele enfiou dois dedos em sua boceta, ela se apertou e gemeu como a menina necessitada que era.

“Olhe para você, dedos na sua bunda e sua buceta, gemendo como uma putinha. Precisando de um orgasmo que não virá porque você foi tão fodidamente travessa.”

Ela gemeu.

"Tão perto, sinto cada tremor." Ele cronometrou seus impulsos de modo que ou sua bunda ou sua buceta estavam sendo bombeadas para dentro.

Não demorou para ela chegar ao limite. Ele jogou perigosamente e manteve o dedo transando com ela até que sentiu o primeiro tremor de um orgasmo antes de se afastar. Ela sentiria algumas ondas, o começo de um orgasmo fraco seria liberado, mas pela batida de sua mão sobre a mesa e o grito de frustração que ela soltou, não era nem de longe satisfatório.

“E isso foi quatro. Agora, fique de joelhos.” Ele puxou o vestido sobre a bunda dela e ajudou-a a andar. Quando ela olhou para ele, seu cabelo estava selvagem, seus olhos escuros e arregalados.

"Abra essa boca bonita,” ele instruiu e abriu o zíper de sua calça, puxando seu pau duro como um caralho.

Ela lambeu os lábios, a fome em seus olhos mudando de necessidade de ser fodida, a necessidade de sentir seu pau em sua garganta.

Ele obrigaria.

Sua língua quente correu sob seu pau quando ele deslizou em sua

boca. Suas mãos mergulharam em seus cabelos, agarrando-se às raízes e mantendo-a firme.

"Garotas safadas fodem o rosto, não é, menina bonita?" Ele estava sendo rude e não dava a mínima.

Lágrimas construíram em seus olhos quando ele empurrou seu pau grosso por seus lábios e mais para baixo até que sentiu a parte de trás de sua garganta. Ela tossiu e gaguejou, e ele se afastou, deixando-a respirar, mas depois voltou até o punho. Suas bolas bateram contra o queixo dela.

Porra. Ele não tinha pensado que ela seria capaz de levar tudo dele. Sua garganta se contraiu, ela engoliu, e ele quase perdeu sua carga então.

Ela empurrou contra as coxas dele. No começo, ele queria que ela as colocasse atrás das costas, deixando-o ter controle total, mas decidiu deixá-las.

Apenas um pouco de um toque. Uma conexão entre eles.

Ela não lutou contra ele, e quando ela não podia mais segurá-lo, ele a deixou respirar.

Uma vez que ela teve ar, ele mergulhou de volta. O cuspe escorria pelo queixo dela, lágrimas escorriam pelo seu rosto. Ela era linda pra caralho. Ele segurou o cabelo dela, fodendo sua garganta tão rudemente quanto ele fodia sua buceta naquela manhã. E ela não fez nenhuma reclamação.

Suas bolas apertaram, seu corpo pronto para explodir.

"Boa menina, muito safada, menina," disse ele entre os dentes cerrados quando sua libertação o tomou. Ele recuou o suficiente para ver as cordas de esperma jorrarem em sua boca. Ela manteve a língua para fora, a boca aberta, aceitando cada gota de sua semente.

"Arggh" ela gritou, seus olhos rolando para trás e fechando, mas sua boca permaneceu aberta.

Peter segurou seu pau, acariciando-o suavemente e olhou para ela.

Ela gozou.

Ela fodidamente teve um orgasmo enquanto estava tendo o rosto fodido.

Suas mãos estavam em suas coxas o tempo todo.

A mulher veio sem ser tocada.

Ele acariciou sua bochecha. "Engula tudo, menina bonita," ele instruiu quando ela ainda tinha sua carga descansando em sua língua.

Ela fechou a boca e abriu os olhos.

"Eu sei o que você fez," disse ele, correndo os dedos pelos cabelos. "E foi fodidamente incrível."

"Eu não queria," ela disse timidamente.

"Eu sei." Ele estendeu a mão e ajudou-a a se levantar. "Termine seu trabalho e depois almoçaremos." Ele a levou de volta para a cadeira em que ela estava sentada.

"É isso aí? Nenhuma soneca?" ela perguntou com uma sobrancelha levantada. Normalmente, ele a colocava na cama depois de qualquer tipo de brincadeira sexual.

"Não. Temos que voltar para casa esta tarde e não quero que você trabalhe quando o fizermos, então termine o que está fazendo." Ele bateu no laptop. "Além disso, isso deveria ser uma punição." Embora ele

duvidasse que ela se sentisse punida. Negação de orgasmo iria trabalhar com ela, ele teria que negar-se completamente ao mesmo tempo.

Ela juntou o cabelo para o lado e rapidamente trançou a longa juba, voltando a se concentrar em seu trabalho.

“Eu só quero fazer essa última imagem. Talvez você possa anunciar nas redes sociais?”

Peter encolheu os ombros. "Qualquer coisa que você diga. É sua coisa.” Ele beijou o topo de sua cabeça e voltou para o sofá para estudar os últimos relatórios financeiros de seu contador.

Ou, pelo menos, poderia ter os papéis à sua frente enquanto espiava e a observava trabalhar. Não conseguia o suficiente dela.

CAPÍTULO DEZESSETE

Azalea andou pelos jardins da propriedade de Ash. Peter a levava para seu apartamento na cidade cada vez com mais frequência, mas sempre voltava para a propriedade.

Aparentemente, seu primo voltaria de sua lua de mel em breve, e os negócios seriam atendidos. Ela não tinha visto muitos homens aparecerem no Anexo. Ela assumiu que as mulheres teriam horários de folga na maioria das noites, mas Peter disse que muitas das garotas haviam tirado folga enquanto Ash estava fora.

Peter lhe dera uma rápida visita ao Anexo, mas ainda não a queria vagando por ali, a menos que tivesse uma escolta. O que ela sempre fez. Um de seus homens estava sempre estacionado do lado de fora de seus quartos

no andar de cima, então se ela queria explorar, tinha alguém com ela.

Eles nunca a impediram de explorar, mas estavam sempre lá. À espreita.

Ficando gelada do ar fresco, ela se dirigiu para dentro. Poderia fazer um pouco mais de trabalho no escritório. Peter lhe dera total autoridade para fazer todos os materiais de marketing para a Tower. Ela tinha terminado o design da web e os gráficos para os anúncios de mídia social, então tudo que tinha que terminar eram os anúncios de papel. Colocá-los em revistas amigáveis atrairia muito mais clientes.

O homem designado para vê-la não estava mais na porta. Ninguém estava.

Lembrando-se de que deixara o laptop - o novo que Peter comprara para ela, com todos os programas que precisava já instalados - no escritório do anexo, ela foi até lá.

Vozes levantadas a saudaram no momento em que abriu a porta do anexo. Uma das meninas estava com problemas? Peter estava espancando alguém? A súbita onda de ciúme a surpreendeu. Ela não tinha sido tão

possessiva quando ele puniu Aubree, mas talvez isso fosse porque estava lá. Ela e Aubree tinham passado por isso juntas.

"Você não entende com quem está lidando." Uma voz alta entrou no corredor.

Santos.

Ela reconheceu seu sotaque.

Azalea abriu a porta do escritório e encontrou a fonte de todos os gritos. Santos estava sendo retido por Tommy, enquanto Peter estava sentado em sua mesa parecendo entediado.

"O que está acontecendo?" Azalea perguntou, entrando na sala.

"Volte para o andar de cima," disse Peter em uma voz firme, mas ele não olhou para ela.

"Azalea!" Santos gritou. "Por favor, diga a eles que você deve voltar para casa. Sua mãe estará de volta em dois dias. Você tem que voltar." Ela reconheceu a expressão de pânico. Sua mãe iria culpá-lo.

"Você falou com ela?" Azalea perguntou. "Ela perguntou sobre mim?"

Santos olhou para Peter antes de responder. "Ela perguntou se você estava em casa."

"E você mentiu?" O coração de Azalea afundou. Sua mãe raramente falava com ela enquanto estava fora. Ocupada, ocupada, ocupada, ela lhe diria quando voltasse. Ela não tinha tempo para pequenas conversas, mas ligou para Santos.

"Se ela soubesse que você não estava em casa" Santos se libertou de Tommy. "Você sabe o que faria comigo?"

“Se a mãe dela é tão assustadora, por que eu a deixaria voltar lá? Você a trancou em seu quarto.” Peter se levantou da mesa, abotoando o paletó.

"Bellatrix é muito protetora de sua filha." Santos manteve o olhar em Azalea, implorando em seus olhos. Ela ouviu sua mãe gritando com seus homens antes, e ela ouviu os sussurros das punições que sua mãe lhes dera.

Quando ela era uma menina jovem, ela entrou e viu sua mãe batendo em um dos seus homens no rosto. Sua pele estava vermelha e com raiva, seus olhos selvagens de raiva. Quando notou Azalea no quarto, respirou devagar e colocou um sorriso suave em seus lábios. Não foi real. Mesmo

quando menina, Azalea sabia como era um sorriso falso. Bellatrix a mandou para o quarto, dizendo que mamãe tinha um trabalho importante a fazer. E assim que Azalea entrou em sua suíte, ela ouviu o barulho da trava do ferrolho.

"Minha mãe não é gentil com aqueles que trabalham para ela," Azalea concordou. Santos seria punido por deixar Peter levá-la de casa. "Ele tem boas razões para ter medo dela."

Peter levantou as duas sobrancelhas e deu-lhe um olhar aguçado. "A mesma mãe que você insiste te ama tanto, ela está mantendo você trancada por medo de perder você?"

Azálea assentiu. "Ela nunca levantou a mão para mim, Peter." Ou envolvia seus braços ao redor dela em um abraço carinhoso, mas Azalea se acostumara com os modos únicos de sua mãe demonstrar seu afeto. Um pedaço extra de sobremesa em sua bandeja de jantar ou uma hora extra no parquinho à noite - com um de seus homens montando guarda.

Peter se concentrou em Santos novamente. "Você estava trabalhando para Bellatrix quando Azalea nasceu?"

Santos lançou seu olhar para Azalea e depois de volta para Peter. "Eu era um menino. Meu pai trabalhou para ela quando Azalea chegou - nasceu.”

Peter cruzou os braços sobre o peito. “Quantos anos você tinha?"

"Eu tinha dez anos, acho." Os ombros de Santos rolaram para frente e para trás novamente, como se sua pele parecesse muito apertada de repente.

"Você se lembra do pai dela?"

"Azalea?" Santos olhou para ela, novamente com um apelo silencioso para ela intervir. Mas ela queria saber a resposta também. Nunca se incomodou em perguntar a ele. Sua mãe deixou claro que seu pai não estava por perto e nunca estaria - e para não continuar perguntando sobre ele.

"Você?" Peter pressionou.

“N-não. Eu era uma criança." A voz de Santos oscilou, um pouquinho, logo no começo.

"Jansen não disse a você qual foi minha decisão?" Peter perguntou, aproximando-se de Santos. Os dois homens que o estavam segurando o flanqueavam, mas mantinham as mãos afastadas. Pronto para pular, se necessário.

"Ela não vai aceitar isso." Santos sacudiu a cabeça.

Peter deu uma risada baixa. Ele não estava feliz, não, essa risada a fez arrepiar. Este homem, espreitando para Santos, não era o mesmo que subiu na cama com ela na noite anterior.

Peter chegou atrás dele e tirou uma arma, Azalea nunca tinha visto ele carregar uma antes. Ou estava sempre lá escondida sob o paletó.

Ele pressionou o cano contra a testa de Santos. Azalea congelou. Ele atiraria nele? Bem ali na frente dela no escritório?

“Eu não dou a mínima para o que Bellatrix Gothel vai aceitar ou não aceitar. Se ela quiser pedir para Azalea ir para casa, ela virá aqui quando voltar para a cidade. E nós vamos falar sobre isso. Mas Azalea não está saindo com você.”

Santos estremeceu quando Peter empurrou a arma com mais força

contra a cabeça. Pequenas gotas de suor forravam sua testa e sua face; suas mãos tremiam ao lado do corpo.

Ela não deveria falar? Dizer algo?

"Dê o fora daqui, e se você for chorar para qualquer outra pessoa, ou mostrar sua cara feia aqui novamente, não terá a cortesia de sair inteiro." Peter recuou, segurando a arma ao seu lado e mantendo seu olhar fixo em Santos.

“Quando a mãe chegar em casa, diga a ela que estou em segurança. Diga a ela que eu quero vê-la aqui, ok? Diga a ela que eu parti sozinha...”

"Não." A voz de Peter agia como um pé pisando no chão. “Não, você diz a ela a maldita verdade. Que a porra da sua dívida a colocou nessa bagunça. Que quando chegou a hora de pagar, eu tomei Azalea. Você diz a ela que não parou, você ficou lá enquanto eu saía daquela casa com Azalea.”

Santos engoliu em seco, sua mandíbula funcionando, mas nada foi dito. Finalmente, depois de uma longa pausa, ele assentiu. "Eu vou trazê-la aqui."

"Nós estaremos esperando,” Peter anunciou caminhando até Azalea e

puxando-a para o lado com a arma de volta em suas calças. "Leve o Sr. Santos para o seu carro, e tenha certeza de que ele chegue em casa em segurança," disse Peter para seus homens, que assentiram em silêncio e deram um empurrão em Santos.

Santos olhou por cima do ombro mais uma vez antes de ser empurrado para fora da porta, dando a azalea um olhar duro. Ele a culpou. Não importava que ele tivesse os dois na confusão com o que ele fez para ter uma dívida tão grande. Não importava que ela não tivesse ido voluntariamente com Peter em primeiro lugar. A única coisa que importava era que, mais uma vez, ela causara problemas.

"Ela vai estar em casa em dois dias?" Azalea quebrou o silêncio, colocando espaço entre ela e Peter. Em dois dias, ela estaria de volta ao seu próprio quarto, em sua própria cama, sob seu próprio teto. Não, o teto da mãe dela.

Tudo ali pertencia à mãe dela. A azalea não possuía nada, não tinha nada ali. Ela residia naquela casa, mas ela não tinha realmente morado lá.

Olhando através da sala para Peter, ela permitiu a verdade, as coisas que ele estava tentando fazer com que ela entendesse finalmente

saturavam sua mente. Não estava viva em tudo. Tinha sido uma prisioneira.

"Ela disse que procuraríamos um apartamento quando ela chegasse em casa," disse, mais para si mesma.

"Azalea, nada está sendo feito até que ela retorne." Peter pareceu sentir sua apreensão, seus medos começando a se elevar.

Empurrando a escuridão começando a rastejar em suas memórias de lado, ela colocou um sorriso. "Certo."

Peter cruzou os braços sobre o peito novamente, dando-lhe o olhar severo que fez seu corpo ativar remotamente a cada palavra sua. Este olhar diferiu do que ele deu a Santos. Aquele olhar estava cheio de poder e perigo. Este, embora o suficiente para assustá-la quando ele queria, mantinha o mesmo poder, mas por trás havia controle e domínio. Este homem não iria machucá-la. Não a trancaria longe do mundo.

"O que você está fazendo aqui, afinal? Eu pensei que Daniel deveria levá-la para a cidade para se inscrever para uma aula de marketing," ele disse como se pudesse ouvir seus pensamentos.

"Ele fez." Foi uma experiência incrível, discutir com Daniel na frente da

mulher da admissão sobre qual endereço usar para o aplicativo do aluno. Daniel havia ganhado quando pegou o telefone e ameaçou ligar para Peter por sua opinião sobre o assunto.

"Quando a aula começa?"

"Semana que vem. Eu me inscrevi na hora certa. Está online também. ” O que tornaria sua mãe mais propensa a não cancelar a aula quando voltasse para casa.

"Não. Não há cursos online. Quero você em uma sala de aula, com outras pessoas.” Ele balançou a cabeça, pegou o telefone e começou a digitar. “Daniel irá levá-la de volta esta tarde para consertá-lo. Eu mesmo a levaria, mas tenho que encontrar distribuidores na Tower e fazer o último passeio na cobertura. Eles terminaram a noite passada.”

“Acho que on-line está bem. Fiz quase todo o meu trabalho de design gráfico online.” Brigar com a mãe para se manter na turma depois de lidar com a sucessão de tudo o que aconteceu não resultaria em um resultado positivo.

"Eu tenho certeza que você fez." O canto dos lábios dele se contraiu.

"Você está tirando sarro de mim?" ela exigiu.

"Não. Só tenho certeza que você prefere se esconder on-line do que ter que encarar sua mãe e dizer a ela que está frequentando a escola pessoalmente."

"Um minuto você diz que eu não devo querer ir embora e vou ficar aqui, no próximo você assume que sabe o que vou fazer quando for para casa?" Talvez ele finalmente tenha percebido que ela estando por perto causaria problemas. Para os dois, e seria melhor para ela ir para casa.

"Você já viu fotos de bebê de si mesma?" A reviravolta completa no tópico pegou-a desprevenida. "Você já? Fotos de sua mãe grávida de você ou com seu pai te segurando como um bebê?"

Sua mãe não tinha fotos assim ou qualquer outra, realmente de sua infância.

"Ela não é o tipo de pessoa para guardar fotografias." Azalea defendeu sua mãe novamente. Por que ela sempre teve que desculpá-la pelas mesmas coisas que Azalea sempre sentiu um pouco?

"Hmmm. Há uma enorme pintura de si mesma e fotos de si mesma em

seu escritório, mas não de você. Isso não é estranho para você?”

Onde diabos essa linha de questionamento estava indo?

"Você sabe algo que não está me dizendo?" ela perguntou.

“Estou fazendo perguntas, isso é tudo. Perguntas que estou surpreso que você não tenha perguntado.”

Claro, ela perguntou. Mas nada nunca veio disso. A mãe dela recusou-se a discutir o pai, e encontraria uma razão para ficar irritada se Azalea trouxesse algum assunto que não quisesse analisar.

"Eu estou indo para cima."

"Daniel está esperando por você na porta da frente,” disse ele com firmeza.

"Ele pode continuar esperando,” ela jogou por cima do ombro e saiu da sala. Seus passos estavam atrás dela; não precisava olhar para saber que era ele.

Bem, ele poderia estar aborrecido, bom. Porque ela estava ficando chateada também. Todos - todos pareciam pensar que sabiam o que era

melhor para ela. Ninguém perguntou - todos apenas empurravam.

"Azalea." A voz de Peter foi suave.

Ela sabia o que isso poderia significar, mas não estava de bom humor. Não por sua mão pesada, não por sua atitude arrogante, e certamente não por qualquer maldita punição.

"Não se afaste de mim."

"Por quê? Você vai me trancar?” ela perguntou, mas não se virou. Empurrou a porta para a casa principal e pisou no vestíbulo em direção à sala de estar.

Daniel ficou com um sorriso na porta da frente. Um sorriso que desapareceu quando teve um vislumbre de Peter atrás dela.

"Uh, Azalea, estamos indo?" Perguntou com um movimento do polegar em direção à porta.

"Não."

"Sim." A voz estrondosa de Peter dominou a dela.

Azalea agarrou o corrimão, preparada para estilingue em torno dele e subiu as escadas, mas a mão de Peter pousou em seu ombro, acalmando-a.

Antes que ela pudesse girar para gritar em seu rosto, ele a pressionou contra o corrimão bem polido, intrincadamente esculpido e aplicou a maldita mão dele na bunda dela.

Ele nem falou enquanto a espancava! Ele sem esforço continuou a bater na bunda dela. Bem na frente de Daniel.

"Peter!" ela gritou, tentando bloqueá-lo, mas ele simplesmente agarrou a mão dela e prendeu-a nas costas dela.

“Você não quer encarar a verdade sobre sua mãe ou seu passado, tudo bem, mas você não levanta sua voz para mim, e não se afasta de mim, e nunca me diz que não!”

Lágrimas construíram e caíram, mas ela não iria quebrar. Não iria deixá-lo pensar que ela estava indo junto com seus modos neandertais.

As bofetadas finalmente cessaram, e tudo o que ela pôde ouvir foi sua forte respiração junto com a dela. Ele ajudou-a a endireitar-se, soltando a mão dela. Ela deu um passo para trás, enxugando o cabelo do rosto e

passando as mãos por sua bunda. Pelo menos ele não tinha subido a maldita saia.

Daniel não estava mais lá. Eram apenas os dois, e eles ficaram olhando um para o outro. Trancado mais uma vez em uma batalha de vontades.

“Mais dois dias, Azalea. Até que sua mãe apareça naquela porta.” Ele apontou o dedo para a porta da frente. "Você pertence a mim pelo menos por tanto tempo."

“Pertenço a você, pertenço à minha mãe. Você acha que haverá um dia em que eu pertencerei apenas a mim mesma?”

Ela subiu correndo as escadas até o quarto dele. Não o quarto dela, ou o quarto deles, o quarto dele. Tudo pertencia a outra pessoa. Nada nunca foi verdadeiramente dela.

No momento em que entrou e bateu a porta, seus pulmões queimaram e lágrimas correram quentes por suas bochechas. Ele estava fazendo essas perguntas por um motivo.

E muito parecido com a mãe dela, estava mantendo tudo dela.

CAPÍTULO DEZOITO

Peter passeou pelo corredor do lado de fora do quarto. Como diabos ele deixou isso acontecer?

Ele foi trancado fora de seu próprio quarto de merda!

"Peter!" Daniel correu os últimos degraus da escada. "Eu tenho." Ele acenou a chave. Peter nunca trancou seus aposentos; nunca houve um motivo para isso.

"Obrigado." Peter pegou isso dele.

“Talvez... não entre ainda,” sugeriu Daniel com alguma hesitação.

"Por quê?"

"Porque você ainda está chateado, e ela ainda está chateada, e nunca vi você pular em uma surra como essa."

"Você está me acusando de puni-la por raiva?" Peter já havia passado por todas as emoções que ocorreram antes de jogá-la naquele corrimão. A

raiva não estava entre eles. O medo que ela não estava pronta para o que estava vindo em sua direção. Irritação que ela não estava escutando. Mas não raiva. Ele nunca a tocaria com raiva.

"Não. Estou dizendo... Porra. Cara, nunca te vi ligado a uma mulher. Desde sempre." Daniel gesticulou em direção à porta trancada. "E conheço você desde que éramos crianças."

"Chegue ao ponto." Porque se o objetivo era fazer Peter começar a avaliar seus sentimentos por Azalea, Daniel deveria recuar.

“Olha, eu a vi hoje de manhã enquanto estávamos no colégio. Ela pertencia lá, cara. Ela apenas - não sei, como iluminou quando passamos pelo café e pela livraria.”

"Então por que você a deixou se inscrever para uma aula on-line?" Peter perguntou.

"Porque." Daniel suspirou. “Ela parecia com medo, e achei que você iria endireitá-lo. Eu não sabia que você iria se tornar todo Dom e fazer uma guerra sobre isso, no entanto.”

"Que diabos isso significa?" Peter rangeu os dentes.

"Quero dizer..." Daniel se endireitou, como se estivesse vindo em sua ajuda. “Ocorreu a você perguntar por que ela queria a aula on-line? Ela acha que vai para casa com aquela mulher louca. Acha que vai sair daqui e ser colocada de volta naquela maldita torre em que sua mãe a manteve. E se esse não for o caso, você vai simplesmente escondê-la em sua própria versão.” A voz de Daniel endureceu e, embora Peter o tivesse ouvido usar o tom nas mulheres no Anexo, por sua própria submissão, e a um imbecil ou dois, ele não gostou que ele se virasse contra ele.

Mesmo que ele pudesse começar a ver que isso era garantido.

"Ela disse o que?" Peter olhou para a porta trancada.

"Não. Ela não precisava. Talvez se você não estivesse tão interessado em descobrir quem é sua mãe, poderia ver mais de Azalea.”

"Você tem uma coisa por ela?" Peter deu um passo ameaçador em direção a Daniel. Amigo de longa data ou não, se ele tivesse um pensamento fugaz de tocar em Azalea, Peter iria arrancar a porra da cabeça dele.

"Claro que não." Daniel sacudiu a cabeça. Daniel não gostava de mulheres doces; gostava do lado mais sombrio do consentimento. Uma

mulher disposta demais não o manteve interessado por muito tempo. Não que Azalea estivesse disposta com ele, mas era muito doce para Daniel. Muito doce.

“Mas você está certo. Você deveria estar trabalhando em obter informações sobre Bellatrix. Eu não." Peter agarrou a chave, deixando os dentes morderem sua palma. “Vou levar Azalea de volta para a escola para trocar sua turma. Você, traga sua bunda de volta para trabalhar em descobrir para quem mais Bellatrix trabalha e como ela consegue suas meninas, e onde diabos esteve o tempo todo.”

Daniel cerrou os dentes. Se ele queria discutir, conseguiu morder de volta. Sem uma palavra, correu de volta pelas escadas.

Peter passou a mão pela boca e pelo pescoço. Daniel não estava longe da verdade.

Azalea, até onde ele sabia, não recebera muitas escolhas em sua vida. E ele também não fora exatamente generoso nesse departamento. Disse a si mesmo que estava cuidando dela. Dando a ela a oportunidade de ir para a aula, deixando-a livre para vagar pela propriedade. Mas não a deixaria sair. Ela não estava livre.

Ela estava tão presa a ele como quando estava crescendo.

Peter começou a deslizar a chave na fechadura, mas parou de girá-la. Ele disse a ela que ia lhe dar razão para ficar. Tinha que ser mais que satisfação sexual que a faria ir contra sua mãe.

Puxando a chave de volta, embolsou e bateu os nós dos dedos na porta.

"Azalea," ele chamou, revirando os olhos para suas próprias ações. Pedindo entrada em seu próprio maldito quarto. "Azalea, abra," ele ordenou, rapidamente avisando: "Por favor."

Ele a ouviu andando por aí. Provavelmente torcendo as mãos, tentando decidir o que fazer. Ele levantou a mão para bater de novo, quando a fechadura abriu e a porta se abriu.

Com o nariz vermelho e as bochechas manchadas de lágrimas, ela o olhou. Ela puxou o cabelo em um coque bagunçado em cima da cabeça e vestiu uma calça de yoga e uma camiseta grande demais. Mais das roupas de Aubree, sem dúvida.

Sem perder tempo, ele invadiu a sala, chutou a porta e a puxou para

ele. Ela colocou os braços ao redor do meio dele e enterrou a cabeça no peito dele.

"Sinto muito," sussurrou, colocando-a sob o queixo. "Não queria te assustar."

Ela se afastou dele, enxugando as bochechas com os dedos. "Você não me assustou. Eu estava louca."

"Você chora quando está com raiva?" ele perguntou, confuso.

"Sim." Ela assentiu, como se fosse a coisa mais natural do mundo e por que ele não sabia disso?

"Você ainda está brava?" ele perguntou cautelosamente.

"Você me espancou. Bem na frente de Daniel!" Ela espetou seu peito e se afastou dele.

"Daniel se afastou assim que eu toquei em você. Não viu nada," ele assegurou a ela, entretanto isso não poderia ser o problema. Aubree segurou as mãos dela enquanto tomara um cinto apenas alguns dias atrás.

"Ele sabia. Ele ouviu," disse ela, cruzando os braços sobre a barriga.

“Azalea, quando ele está com uma mulher, ele a espanca também. Se você acha que ele está te julgando...”

"Não! Deixa pra lá."

Foi até a poltrona no canto do quarto. Atirando-se nela, abraçou os joelhos contra o peito.

“Eu não posso fazer isso melhor se você não me disser. Está com raiva de mim por bater em você, ou porque Daniel sabe que você foi espancada?”

Ela descansou a testa nos joelhos. Por um minuto, ele pensou que não ia dizer nada, mas então ela começou a falar. Um pouco murmurou, dado seu posicionamento, então ele se aproximou para entendê-la.

"Eu estou louca porque eu não estava brava com isso,” ela murmurou.

Ele esfregou os olhos. Se ela não fosse racional, como diabos ele iria ajudá-la?

“Você está brava porque não estava brava. Comigo?"

"Eu estava com raiva de você, mas quando cheguei aqui." Ela soltou um grunhido baixo. "É complicado. Eu não estava brava com você. Eu não

odiava isso. Quer dizer, não gostei, mas não odiei. Você só me jogou no corrimão e me espancou como uma garota malvada."

"Bem, você estava agindo como uma," ele apontou.

Seus olhos se estreitaram. "Estou confusa e cansada e aborrecida. Você continua apontando pequenas coisas sobre como fui criada, pequenas coisas que talvez eu devesse ter sabido. Eu sabia que era estranho. Sabia que minha mãe estava sendo superprotetora. Mas não tive escolha. Não tinha para onde ir onde ela não me encontraria, e quando tentei sair, ela se tornou pior em me fazer ficar."

Peter se agachou na frente dela, colocando a mão no joelho dela.

"Eu não sou estúpida ou tão ingênua quanto todo mundo pensa que sou," ela murmurou. "Mas ela disse que eu teria meu próprio apartamento quando voltasse desta vez, e agora... agora ela nunca me deixará ir."

"Azalea, você é uma adulta. Não precisa mais da proteção dela. Ela não deve dizer se você fica com ela ou não. Essa é sua decisão." Peter percebeu que não tinha o direito de fazer a conexão para ela também. Mesmo que tudo dentro dele insistisse que ela precisava ficar longe de sua mãe.

"E aqui?"

"Eu já disse a você - é a sua decisão." Ele se levantou e tocou sua bochecha. “Você não pode fazer nada sobre isso neste minuto. Lave seu rosto e se troque.”

Ela piscou. "Por quê?"

“Estou levando você para a escola para mudar sua turma. Ficar com sua mãe ou comigo ou por conta própria, acho que estudar marketing irá impulsionar seu próprio potencial. Você tem talento para gráficos, mas coloca um pouco de marketing por trás disso e pode realmente decolar.”

“E se eu não quiser fazer essa aula? E se quiser ficar no design gráfico e deixar por aí?” Perguntou, obviamente testando sua nova decisão de deixá-la ter mais a dizer.

“Se é isso que você quer seriamente, então não vou te levar. Vamos cancelar seu cadastro e acabar com isso.” Tanto quanto deixá-la perder a oportunidade iria irritá-lo.

"Tudo bem,” disse ela, empurrando a cadeira e desaparecendo no banheiro. Ele olhou para a porta fechada.

Ok, ela não estava indo, ou estava? Ele suspirou. Isso tudo de não exigir as coisas dela e deixando-a seguir seu próprio caminho iria fazer sua cabeça doer.

Alguns minutos depois, ela reapareceu com um rosto limpo, sem maquiagem, pois ele não se incomodou em pegar nada para ela. Era bonita demais para se esconder atrás de toda aquela sujeira de rímel e sombra. Desapareceu no armário ao lado. Depois de mais um ou dois minutos, ela se apresentou com um macacão de algodão limpo e abotoado que mal cobria sua bunda inteira.

Outra das malditas roupas de Aubree.

"Não, volte lá e mude." Ele apontou um dedo para ela. De jeito nenhum ele a estava levando em um campus universitário com as bochechas de bunda dela penduradas no fundo. "É muito frio para algo assim de qualquer maneira," ele justificou sua ordem.

Ela riu. "Você durou cinco minutos inteiros antes de começar a dar ordens novamente."

Ele relaxou sua mandíbula. "Você está me testando?" Ele deu um

passo em direção a ela. "Está jogando comigo?"

Sua risada morreu e seu sorriso caiu quando ele a levou de volta para o armário. Uma vez que estava dentro, ele pegou a maçaneta da porta. “Encontre algo mais apropriado. Eu disse que não forçaria você em nada, mas faço a linha para deixar qualquer um pôr os olhos no que é meu.”

Antes que ela pudesse protestar, ele fechou a porta. Ele esperaria.

O dia todo se tivesse que fazer.

CAPÍTULO DEZENOVE

Peter tentou. Ele fez muito esforço. Azalea poderia lhe dar muito crédito.

Mas o homem não desistiu do controle facilmente. Ele ganhou o desafio do guarda-roupa, não que ela tivesse planejado sair com uma roupa tão pequena. Além do fato de que o vento frio cairia através do tecido fino, ela não desejava que ninguém visse sua bunda saindo da roupa.

Bem, ninguém além de Peter.

E agora que ela viu seu lado ciumento - e quanto sua possessividade a excitou - ela tinha um novo cartão para jogar. Provavelmente não era muito honesto continuar provocando-o até que ele perdeu um fio de seu controle e a puxou para o quarto para uma tarde de paixão. Mas ele era um homem inteligente. Sabia o que ela estava fazendo. Felizmente, nunca ligou para ela. Estava muito envolvido no momento, que era exatamente como ela queria.

Ele se comportou - principalmente - enquanto eles mudavam a aula

dela on-line para o campus, mas uma vez de volta a casa, ele voltava a latir ordens.

Vestiu outro vestido para a noite, já que ele a levaria para Tower. Ela tirou um tempo extra para lavar, secar e enrolar o cabelo. Peter não lhe trouxera nenhuma maquiagem, mas Aubree tinha sido doce o suficiente para abastece-la no essencial. Até a mãe dela a deixara usar rímel.

Verificando uma última vez que o brinco tinha o apoio no lugar, ela saiu do banheiro. Peter tinha ido ao seu escritório para lidar com uma situação, dizendo a ela para voltar para seu box privado assim que terminasse no banheiro.

Um dos seguranças seguiu atrás em seus passos. Nunca a invadindo completamente, mas perto o suficiente para ela estar ciente de sua presença. Sentiu que este homem, ao contrário de Santos, estava lá apenas para protegê-la, não para evitar que ela fugisse.

Quando ela se aproximou do box, notou dois homens em camisas de equipe vagando perto da porta, segurando as vassouras, mas não as usando. Ela não conhecia ninguém na Tower, mas eles não pareciam pertencer. Suas camisas estavam enrugadas, não arrumadas como os outros homens que ela

tinha visto. E eles continuaram lançando olhares para ela enquanto ela andava e checava atrás deles.

O guarda interviria se algo estivesse errado, ela se assegurou quando seu coração bateu mais rápido. Quanto mais se aproximava da entrada, mais os homens olhavam.

Ela pegou o fecho na corda de veludo que separava a área com uma mão trêmula. Talvez a mãe dela tivesse voltado cedo. Talvez tivesse enviado homens para pegá-la de volta antes que Peter pudesse interferir.

Olhando para trás, notou que o guarda tinha ido embora. Com um suspiro de pânico, se virou para os outros dois homens. Eles estavam lentamente abaixando suas vassouras. Poderia correr de volta para o banheiro privado de Peter e se trancar. Mas não tinha telefone. Peter a encontraria?

"Azalea, não se preocupe," o mais alto dos dois disse. Ela não podia colocar seu sotaque. "Nós não estamos aqui para machucá-la."

Ela deu um passo para trás, o calcanhar prendendo a bainha de maldito vestido que Peter havia escolhido. Tropeçando para trás, ela

agarrou as costas de uma cadeira e endireitou o pé.

Os homens se aproximaram dela.

"Quem é Você?" ela exigiu. "O que você quer?"

“Nós só queremos ver você. Isso é tudo,” o alto falou novamente. O mais baixo ficou atrás dele.

"Como você sabe quem eu sou?" Perguntou, ainda recuando para trás.

"Muitos homens sabem quem você é." Seu desdém enviou um arrepio frio através dela.

"Azalea?" Peter chamou do corredor. Ela se virou para encará-lo, alívio a inundou com a visão dele correndo em direção a ela.

Ele passou por ela, e ela encarou do box para ver os homens correndo pelo corredor pelas caixas VIP e desaparecerem na escada. Peter puxou o telefone e fez uma ligação.

“Sim, dois deles. Não os deixe - o que? Porra." Peter desligou. "Quem eram eles?" Ele demandou. "Homens da sua mãe?"

"Não. Eu não sei. Acho que não. Nunca os vi antes.” Ela fechou os olhos momentaneamente, deixando a cabeça se acomodar.

"OK. Está bem. Eles se foram, mas tenho homens procurando por eles. Eles não poderiam ter ido longe.” Peter puxou-a para o peito e beijou sua testa.

“Eles disseram que só queriam me ver, que muitos homens sabiam quem eu era. O que isso significa?"

"Eu não sei." Ele a abraçou com mais força, até o ponto em que o ar não estava vindo tão livremente. "Vamos levá-la para cima."

“Onde o guarda foi? Ele estava lá e depois foi embora.”

"Eu não sei, mas sei que ele será demitido." Peter passou o braço em volta da cintura dela e levou-a para o elevador que os levaria para a cobertura. Agora que estava terminado, Peter estaria se movendo para isso.

Ela não tinha certeza do que isso significaria para o Anexo. Ele parecia ter um trabalho muito importante cuidando das mulheres de lá.

“Eu não quero mais você andando sozinha. Na verdade, estará comigo

a partir de agora.” Uma vez dentro da cobertura, Peter trancou a porta enquanto dava suas instruções.

“O que está acontecendo, Peter? Você descobriu algo, não foi?” Ela o seguiu até a cozinha, onde ele pegou dois copos e abriu uma garrafa de vinho.

"Não vamos entrar nisso agora." Ele deu-lhe um olhar firme. Sabia de alguma coisa, certo, mas não estava divulgando.

“Você disse que estaria fazendo minhas próprias escolhas. Como posso fazer isso quando você segura as coisas?”

Ele colocou a garrafa de vinho para baixo e capturou o rosto dela entre as palmas das mãos.

“Eu não sei nada com certeza. Tenho pessoas olhando para isso e, quando tiver certeza, vou contar tudo.”

"Você jura?"

"No túmulo da minha mãe e do meu pai,” prometeu.

"Tudo bem,” ela sussurrou. "Assim que você souber."

Ele assentiu, dando um beijo em seus lábios antes de voltar a derramar o vinho. "Eles disseram mais alguma coisa?"

"Não, você veio antes que eles pudessem." Ela pegou o copo de vinho tinto que ofereceu a ela.

Peter se inclinou para frente no balcão, pressionando as mãos sobre a bancada. Sua mente parecia estar trabalhando em disparada. O silêncio a perturbou.

"Você acha que minha mãe está envolvida," ela disse gentilmente. Não o acusando. Como poderia? Neste ponto, estava bastante certa de que as coisas que não sabia sobre sua mãe superavam em muito as que ela sabia. E como ela poderia confiar em alguém que conhecia tão pouco?

"Eu acho que ela está envolvida. Não sei quão profundamente. Ela trabalhou com meu tio no passado, e outros chefes de família que lidaram com..." Ele trouxe seu olhar para o dela. "Coisas que uma filha não deveria saber, até que seja confirmado."

"Porque uma vez que eu souber - ou suspeito - isso vai mudar minha visão da minha mãe?" Ela colocou o copo de vinho para baixo. Não

precisava da sutileza do vinho, precisava de algo muito mais difícil.

"Minha mãe trabalhou no anexo." Peter se virou e recostou-se. Suas mãos se fecharam na beira da bancada, seus olhos focados nela intensamente.

"Eu não sabia disso." Ela não sabia nada sobre sua família. Muito apanhada em seu próprio drama, nunca se preocupou em descobrir.

“Meu tio, Samuel Titon, comprou-a num leilão em Nápoles. Seu próprio pai a vendeu para o idiota americano por um bom lucro.”

Azalea escondeu sua reação horrorizada e permaneceu em silêncio. Ele parecia ter que tirar isso, e ela não iria pará-lo. Não quando ele se abriu para ela.

“Ela trabalhou no anexo. Meu tio a prostituiu para seus amigos e para qualquer um com bolsos bem fundos para gastar seu preço. Ela não tinha escolha, nenhum lugar para ir. Inferno, mal entendia inglês nos primeiros anos. Meu pai estava na escola, recebendo seu diploma.”

Peter mudou de posição. “Veja, desde que era o segundo filho, ele não herdou nada. É assim que a família Titon trabalha. Então, ele foi e conseguiu

um diploma - imaginando que ajudaria o negócio da família com sua experiência financeira. Conheceu minha mãe quando chegou em casa."

Azalea se aproximou dele, a mão a centímetros do punho dele.

"Meu tio vendeu minha mãe para meu pai. Ele teve um bom lucro, e meu pai levou quase cinco anos trabalhando para Samuel antes que ele o pagasse."

"Seu pai comprou sua mãe?" Ela não conseguia entender esses funcionamentos. Por que alguém pensaria que poderia comprar ou vender outra pessoa?

"Ele fez. E deu a ela a opção de sair, no momento em que ela foi liberada do anexo. Meu pai a tinha visto - bem, tanto quanto podia, dado seus papéis na casa. Em vez de tomar sua liberdade e partir, ela se casou com ele e, apesar de desprezar meu tio, permaneceu. Ela parou de trabalhar no anexo."

"Se seu pai era tão possessivo quanto você, não acho que ela poderia ter, mesmo que quisesse." Azalea deslizou a mão sobre a dele, sentindo e precisando da conexão que seu toque lhe dava.

O canto do lábio se ergueu em algo que parecia um sorriso.

“Quando eu era criança, achava que meu tio era perfeito. Ele tinha muito poder. Homens crescidos inclinaram-se a sua vontade. Ele era tão foda como um deus. Não entendia os sentimentos de minha mãe em relação a ele. Ela nunca o desrespeitou, mas sempre parecia tão infeliz quando ele estava por perto. Ash também não sabia muito sobre seu pai. Passou a maior parte do tempo com a mãe. Mas quando eu aprendi o que realmente acontecia no Anexo, e como meus pais se conheceram...” Sua mandíbula se apertou.

“Não era algo que eu pudesse desconhecer. O grande homem que achava que meu tio era desmoronou como um biscoito de cinco dias, e eu não consegui juntar os pedaços novamente. Não entendia por que meu pai continuava trabalhando para ele, ou porque minha mãe também não queria que eu fosse embora. A essa altura eu já estava fazendo cobranças com meu pai.”

"Você também não tinha muitas opções de crescimento." Azalea entrou na frente dele, descansando as mãos nos quadris dele. "Entendi. Você não quer que eu saiba de nada que não possa saber a menos que seja

completamente necessário. Ainda está tentando me proteger, mesmo que em poucos dias eu possa ir embora. Eu poderia estar de volta com minha mãe, na minha própria cama."

Ela notou o tique em sua mandíbula. "Não, você não pode me dizer que eu ainda não posso falar sobre isso. Está chegando a hora."

"Eu não me sinto bem com ela. Pelo que tenho descoberto, há algo errado aqui." Ele emoldurou o rosto dela, os polegares correndo ao longo de sua mandíbula.

"E como minha mãe, quer me proteger de tudo. Mas você não pode." Ela subiu até os dedos dos pés, pressionando os lábios contra os dele. "Eu sempre pareço desobedecer de qualquer maneira." Ela sorriu contra sua boca.

Suas mãos se moveram de seu rosto e seguraram sua bunda, apertando sua carne com força. "Isso não é exatamente uma qualidade agradável, Azalea. Ficar parada é ser obediente, e sua obediência faz meu pau duro."

Peter puxou-a contra ele, deixando-a sentir o comprimento duro de

seu pau pressionando contra sua calça.

Tudo no mundo estava às avessas no momento. Ela não conhecia verdadeiramente sua mãe e mal conhecia Peter. Mas nunca se sentiu tão segura em sua própria casa como quando Peter protegia ela.

Ele nunca deixaria nada acontecer com ela. E o que quer que isso significasse, em qualquer forma que sua proteção viesse - amor ou responsabilidade - ela ansiava por isso.

Deslizando as mãos pelo peito, ela pegou a fivela do cinto, abrindo-a rapidamente enquanto olhava nos olhos dele. O sorriso arrogante que ela tinha visto muitas vezes para contar apareceu.

"O que você está fazendo?" ele perguntou.

“O que eu quiser. Sinta-se à vontade para me punir depois.” Piscou e puxou o zíper dele. Sentiu seu pau, quente e inflexível, contra seus dedos. Embrulhando-os em torno de seu comprimento, ela tirou-o da calça e manteve os olhos nos dele enquanto afundou no chão.

"Azalea,” ele protestou, mas ela empurrou seu protesto para longe.

"Acrescente isso à minha lista de más ações." Uma vez que estava de joelhos, seu pau nivelado com a boca, ela passou a língua sobre a cabeça. Testando o sabor e a textura - imediatamente querendo mais de ambos.

"Não." Sua mão enrolou em seu cabelo, puxando-a para trás dolorosamente até que ela estava olhando de volta para ele. “Você não toma, menina bonita. Você implora.” O controle, o poder bruto dele brilhou para ela. Ela tentou roubar o poder por um segundo fugaz, para dar a ele o que achava que ele precisava. Mas o que ele precisava, o que o tornava inteiro, era quem estava segurando o cabelo dela. Sendo a força que mantinha o poder diminuindo e fluindo entre eles. Ela poderia chupar seu pau, mas seria em seus termos.

E isso a atingiu, olhando para ele com um sorriso chocado parado em seus lábios, seu corpo derreteu em suas mãos quando ele tomou as rédeas.

"Peter." Ela engoliu em seco.

Ele riu, aquela risada baixa de *tsk tsk que* ele tinha. "Não é assim que uma menina bonita implora." Ele bateu na bochecha dela. Substituindo a mão dela com a dele, agarrou seu pau e levou a cabeça pau diretamente para seus lábios. "Implore-me para foder sua boca."

Oh foda-se Sim, isso soou muito melhor do que o que ela havia planejado.

"Peter, por favor, use-me, foda minha boca." O que ela achava que iria humilhar - fortalecia. Ela separou os lábios e deslizou a língua para fora, querendo que ele fizesse o que queria. Porque ela era sua para fazer o que ele desejasse.

"Oh, menina bonita." Ele empurrou para frente, a cabeça suave e sedosa correu por sua língua, e, quando bateu na parte de trás de sua garganta, ela fez o seu melhor para engolir. Quando ela engasgou, ele recuou um pouco, mas apenas por uma fração de segundo antes de dirigir de volta para ela.

Ela cantarolou quando ele agarrou sua cabeça e empurrou em sua boca. Ele rosnou, e ela fez uma nota silenciosa para agradecer Aubree pela dica.

Quanto mais ele fodia sua garganta, mais fácil se tornava entregar seu poder.

"Porra." Ele se soltou, empurrando a cabeça para trás novamente para

olhar para ela. Um fio de saliva manteve seus lábios e seu pau conectados. "Preciso estar dentro de você." Deu um breve aceno de cabeça e estendeu a mão. Enganchando-a sob seus braços, ele a puxou para seus pés.

"Peter. Oh."

Ele puxou a cabeça para o lado, afundando os dentes em seu pescoço e tornando-a ainda mais flexível.

Ele segurou a bunda dela, pegou-a e colocou-a no balcão. "É melhor você não estar usando nenhuma calcinha." Ele estava de volta a usar aquele rugido raivoso, aquele que deixava sua boceta escorregadia para ele.

"Você nunca me deu nenhuma," ela respondeu. Pedir a Aubree calças ou pegar um rímel da loja era uma coisa, pedir calcinha era algo totalmente diferente.

"E nunca vou." Sua promessa continha o peso do tempo prometido, tempo que ela não tinha certeza de que eles teriam.

Ele puxou seu decote e gemeu quando não se mexeu. "Essa porra de coisa." Com as duas mãos ele retalhou-a do peito dela. Finalmente nua para ele, ele capturou um mamilo em sua boca. Chupando com força e lambendo

a protuberância já pontiaguda, ele era um homem faminto.

"Peter!" Ela agarrou seus ombros quando ele puxou a saia e puxou-a para a borda do balcão.

"Espere, menina bonita." Ele a deslizou do balcão e a empalou com um impulso rápido. No espaço de uma respiração, ela se encheu com seu comprimento espesso. Cada centímetro disso. Enchimento e alongamento. Sua mente cambaleou.

Ele empurrou para cima, para ela enquanto a segurava. "Porra. Foda-se," ele gritou.

"Oh deus," ela gritou, beijando seu pescoço, mordendo sua orelha.

"Ainda não. Você não vai gozar ainda," ele exigiu, caminhando até a parede e pressionando-a contra ela.

Ele deixou que ela abaixasse um pé no chão, mas segurou a outra coxa, enganchada em torno do seu quadril agora nu. Segurando o queixo com a mão livre, ele olhou para ela.

"Agora goze. Porra exploda no meu pau," ele exigiu, empurrando

dentro dela, moendo contra seu clitóris. Apenas o tom de sua voz a tinha na borda.

"Oh, foda-se, sim, foda..."

Seus olhos escuros se encontraram com os dela. Suas costas esfregaram contra a parede com cada empurrão de seu pau dentro dela, enchendo-a tão docemente. Ele a fodeu mais forte, dando-lhe uma mordida com seu impulso, espiralando sua mente.

"Agora, Azalea, agora, menina bonita." Ele moveu a mão do queixo dela para a garganta dela. Fixando-a ali, apenas pressão suficiente para que ela o sentisse, para saber o poder que ele segurava. Muito apertado e seria ruim, mas a quantidade certa - como ele aplicou - roubou a respiração dela - concentrou sua mente na porra que ele estava dando a ela.

Ela não conseguia ar suficiente para falar.

"Então a minha menina, gosta disso, oh foda-se." Ele escorregou em seu próprio controle, mas rapidamente trouxe sua atenção de volta para ela. “Seja minha boa menina, minha linda menina. Goze para mim, Azalea, goze duro.”

Seus dedos pressionaram em sua garganta um pouco mais, e era tudo o que seu corpo precisava. Ele aliviou quando ela gritou com as ondas correndo através de seu corpo. Um formigamento aquecido correu por sua pele e sua mente se apagou. O único pensamento cognitivo sendo focado na batida dura de seu orgasmo a estilhaçando.

"Porra. Porra. Porra." Ele liberou a pressão, mas manteve a mão em sua garganta enquanto empurrava nela - encontrando sua própria liberação.

Outro duro empurrão e então ele se acalmou, seu hálito quente correndo sobre seu rosto, sua testa pressionada contra ela, e seus dedos levemente acariciando sua garganta.

"Menina bonita," ele sussurrou. "Uma menina tão gostosa."

Lentamente, ele a colocou de volta em ambos os pés, seu pau deslizando para fora e sujando seu vestido no processo. Ela não poderia se importar menos. Seu esperma escorrendo para fora dela, pingando em sua coxa, apenas cimentava sua propriedade.

"Deixe-me ver." Ele segurou seu queixo e o levantou, examinando sua garganta.

“Estou bem, Peter. Você não me machucaria.” Ela colocou a mão em volta do pulso dele.

Seu olhar flutuou para o dela. “Não, eu não faria. Mas quero ter certeza de que você não está machucada. Sua pele é muito fodidamente impecável.” Parecendo satisfeito por não tê-la marcado, ele levantou as calças, fechando e abotoando, mas deixando o cinto aberto em sua cintura. Sua camisa fora da calça lhe dava um ar desgrenhado que ela não estava acostumada a ver nele.

“Você estragou o vestido, no entanto.” Ela brincou com as bordas desgastadas do corpete.

Ele lançou-lhe um rápido olhar. "Nós vamos ficar aqui esta noite." Ele pegou o copo de vinho do balcão e engoliu em dois goles. Depois de dar um beijo rápido nos lábios, saiu da cozinha.

Ela segurou o vestido junto em seu punho, olhando para o lugar vazio.

Ela fez algo errado?

CAPÍTULO VINTE

Peter puxou o carro pelos portões em direção à garagem. Não estaria deixando a propriedade até que o caso da mãe de Azalea fosse resolvido.

Azalea sentou ao lado dele, mãos trancadas entre os joelhos. Felizmente, ele tinha algumas roupas enviadas para sua cobertura, senão estaria usando aquele vestido rasgado.

Depois de contar a ela sobre sua mãe, como seus pais se tornaram um casal, ele se sentiu aberto. Na tela. E ela foi perfeita.

Ela o tocou, suavemente o atraiu de volta ao presente. Quando se ajoelhou diante dele e puxou seu pau, algo se encaixou no lugar. Ela estava exatamente onde queria estar e exatamente onde precisava dela.

Com um simples toque, ela poderia acalmá-lo. Não foi preciso muito mais do que isso para tirar a escuridão de dentro dele. A necessidade de devorar e conquistar. E ele fez as duas coisas.

Ele a checou por hematomas em seu pescoço novamente antes de sair

da cobertura. Nenhum. Ele tinha sido cuidadoso, mas ela era tão fodidamente clara, tão gentil - ele precisava ter certeza.

Sua promessa de deixá-la decidir, deixá-la sair de sua vida se ela escolhesse, continuava gritando em sua mente. Lembrando a ele que promessa tola tinha sido.

Nunca ele tinha voltado atrás em uma promessa. Mas como diabos honraria essa?

Azalea abriu a porta e saiu no momento em que ele empurrou o carro para o estacionamento. Não falara muito com ela naquela manhã, principalmente porque não confiava no que diria. Ela havia tocado um nervo, acalmado, e agora ele não sabia como agir. Não merecia possuir tal pureza, tal inocência, mas lá estava ela, esperando que ele a reivindicasse.

Ele se juntou a ela na porta da garagem, ligando os dedos aos dela. Parou por um momento e relaxou em seu aperto.

Com um aceno de cabeça, ele abriu a porta e acenou para ela entrar.

"Peter! Porra. Graças a Deus, você está de volta!” Daniel correu pelo corredor em direção a eles.

"O que há de errado?" Peter perguntou, puxando Azalea atrás dele.

"Bellatrix está no escritório de Ash," disse Daniel, um pouco ofegante por causa do pânico ou do trabalho.

"Minha mãe? Ela está aqui?" Azalea se adiantou.

"Sim."

"OK. Isso é bom." Peter assentiu novamente, apertando sua mão em Azalea. "Nós estaremos lá agora mesmo. Ela está sozinha?

Daniel sacudiu a cabeça. "Não, é só isso. Ela não está. Tem quatro idiotas com ela e mais dois fora em seu carro. Você não viu quando chegou?"

Peter estava muito preocupado em sua própria cabeça para notar. Dirigiu direto para a garagem e não prestou atenção na frente da casa.

"Peter, talvez deva conversar com ela sozinha?" A voz suave de Azalea penetrou a tensão no salão.

"Não. Absolutamente não." Peter apontou para Daniel. "Conseguiu as informações que eu queria?"

Daniel olhou para Azalea e depois de volta para Peter. "Sim. Você estava certo. Na mesma época.”

Porra. Peter respirou fundo.

"O que? O que está acontecendo?" Azalea se livrou do aperto de Peter.

"Azalea..." Como dizer a ela? Ele precisava de mais tempo, mais informação para mostrar a ela.

"Não acho que Bellatrix é sua verdadeira mãe." Peter se virou para encará-la.

Seus olhos se arregalaram e sua boca se abriu. "O que? Por quê?"

"Bem, você não se parece nada com ela,” Daniel ofereceu.

Peter iria chutá-lo mais tarde por isso.

"Então? Ela me disse que eu pareço mais com meu pai.” Azaléia rapidamente afirmou. "Olha, o que quer que seja, vamos perguntar a ela." Tocou o peito de Peter. “Não vou a lugar nenhum hoje. Uma promessa. Um voto.”

Depois de um longo momento de hesitação, Peter assentiu e levou-a ao escritório de Ash. Daniel seguiu e Johnny já estava estacionado fora do escritório.

Peter abriu a porta do escritório e os dois entraram.

Belatrix, embora carregasse mais algumas rugas do que as fotos de sua casa mostraram, não parecia ter envelhecido. Seus cabelos escuros e ondulados pendiam soltos em volta do rosto. Maquiagem perfeitamente aplicada.

“Oh! Azalea!” Belatrix abriu os braços, mas não se aproximou da filha.

"Mãe." Azalea esperou uma batida e depois entrou nos braços da mãe.

"Eu estava tão preocupada!" Belatrix olhou por cima do ombro de Azalea para Peter, estreitando os olhos.

"Estou bem. Estou bem,” disse Azalea, recuando. Quando tentou se afastar, Bellatrix agarrou a mão dela, segurando-a como uma mãe poderia segurar a mão de uma criança para atravessar a rua. Mas o aperto era mais forte. Tinha mais propósito.

“Quando Santos finalmente me contou o que estava acontecendo, voltei para casa.”

"Tudo está bem,” disse Azalea novamente, olhando para Peter.

“Santos me disse que você a levou, que a encontrou trancada em seu quarto e a levou. Eu deveria te agradecer. Santos não deveria ter trancado a porta dela. Ele... agiu mal.” Bellatrix concentrou sua atenção em Peter.

Os outros homens na sala estavam ao longo da parede com as mãos cruzadas na frente deles. Macacos treinados esperando a bruxa dar-lhes licença para voar.

"Eu tenho algumas perguntas para você." Peter ignorou o olhar dos homens e deu a volta na mesa de Ash.

"Tenho alguns para você também." Bellatrix deu uma risadinha forçada.

"As minhas primeiro", disse Peter friamente. Ele não estava comprando o ato maternal. Foi mal executado, mas Azalea parecia confortável com isso. Provavelmente porque nunca conheceu a verdadeira afeição ou cuidado maternal.

"Quem é o pai de Azalea?" ele perguntou, não se sentando em sua cadeira, mas pressionando as pontas dos dedos na mesa.

“Essa é uma pergunta muito pessoal para perguntar. É muito pessoal e, francamente, não é da sua conta.” O lábio de Bellatrix se contraiu.

“Azalea o conhece?”

"Você é muito intrometido,” disse Bellatrix.

"E você é muito secreta."

"Meus segredos são meus,” disse Bellatrix em um tom baixo. "Azalea, estamos indo para casa agora."

"Mãe..."

"O suficiente." Bellatrix voltou sua atenção para a filha. “Eu entendo que você não teve escolha em vir aqui.” Ela voltou seu olhar para Peter. “Você foi forçada. Mas voltará para casa comigo agora.”

“Ela está bem além da idade de consentimento. Vai fazer o que quiser, não o que você diz para fazer.” Peter deu um passo para o lado da mesa, pronto para entrar se Bellatrix ameaçasse Azalea de alguma forma.

"Ela está vindo para casa comigo, e você pode beijar minhas botas por não chamar a polícia e relatar o sequestro!" Um brilho de raiva brotou em seu comportamento controlado de outra forma.

“Que tipo de negócios você faz com a família Jansen? Você está dando a ele garotas? Talvez garotas jovens arrancadas de suas famílias e vendidas por mulheres como você?” Peter deu outro passo, mantendo o foco em Azalea, mas notando os homens começando a ficar tensos perto da porta. Daniel e Johnny estavam do lado de fora, eles estariam ao seu lado em segundos se algo desse errado.

"Mãe?" Azalea virou um olhar confuso para Bellatrix. "Do que ele está falando?"

“Ele é um mentiroso, Azalea. Eu te disse. Os homens dirão qualquer coisa para você fazer o que eles querem, e esse homem quer você. Ele vai dizer qualquer coisa para me fazer parecer uma vilã.”

"Você manteve sua filha trancada!" Peter apontou. "Não é preciso muito trabalho para expor isso."

"Eu a mantive segura." Bellatrix deu um aceno de cabeça. “E ainda

preciso, aparentemente. Vamos embora e, se você respirar perto da minha filha, verá as consequências.”

Azalea tentou se libertar.

"Espere."

"Não. Estamos indo embora.” Bellatrix apertou seu aperto e deu um aceno para seus homens. Todos os quatro entraram, cercando-os. Johnny e Daniel correram para o quarto, mas seus homens já tinham as armas desembainhadas.

"Não. Daniel, não!” Azalea gritou quando ele puxou sua arma. "Está bem. Está bem." Ela virou a cabeça, os olhos cheios de medo e incerteza. "Eu ficarei bem. Irei para casa. Peter, você pode vir me ver, ou eu venho aqui,” ela disse com um pedido em sua voz.

Ela iria com Bellatrix para evitar derramamento de sangue, mas não estava escolhendo sua mãe.

"Você não tem que ir com ela,” disse Peter, estendendo a mão para ela.

"Eu faço. Está bem. Estou bem." Sua voz falhou. Ela não estava bem.

A mandíbula de Peter ficou tensa. Deixá-la ir não era uma opção.

Quatro homens.

"Oh, pelo amor de Deus!" Bellatrix, aparentemente cansada da discussão, pegou uma arma de um de seus homens e apontou para Johnny. Com o objetivo baixo, ela puxou o gatilho, tirando a rótula e fazendo-o desmoronar no chão.

O caos entrou em erupção. Os gritos de Johnny, o grito de Azalea, o pedido de Daniel para ela largar a maldita arma. Tudo se tornou ruído de fundo quando Bellatrix pegou a arma e pressionou o cano na cabeça da filha.

"Estamos de saída. Já tive o suficiente dessa tolice."

"Mãe?" Azalea congelou, seus olhos freneticamente procurando no quarto.

Seus homens se aproximaram. Daniel continuou a treinar sua arma nela, mas com o amontoado, ele não seria capaz de obter um tiro limpo.

Peter tateou a própria arma e não encontrou nada. Ele deixou no andar de cima. Porra!

Desamparado, ele viu quando Azalea foi embora, fora do escritório. Ele caminhou estoicamente pelo corredor, ouvindo outro grito de Azalea quando o grupo reunido se encontrou com mais de seus homens.

"Recuem," Peter chamou, acenando com as mãos. "Deixe ela ir."

Se eles discordavam - e Peter tinha certeza que sim - eles guardaram para si mesmos.

Ele encontraria um jeito de recuperá-la. Não deixaria que ela simplesmente desaparecesse.

"Vamos lá." Belatrix varreu Azalea pela porta da frente, a arma ainda apontada para ela, mas não mais encostada nela. Dois outros saltaram de um dos dois carros estacionados na frente. Depois de levar as duas mulheres ao banco de trás de um deles, todas eles entraram e saíram em disparada.

"Tranque o portão!" Daniel falou, mas não havia um homem posicionado no portão.

“Deixe-a ir. Não vou arriscar a segurança de Azalea,” Peter disse em uma voz dura. Seu coração não parava de correr, e sua mente continuava focando no medo de Azalea. Repetindo o choque no rosto de Azalea quando a mãe pressionou a pistola contra a cabeça dela.

"Segurança!? A mãe dela acabou de colocar uma arma na cabeça e levou-a!” Daniel gritou.

Peter virou um olho frio para ele. “Vá cuidar de Johnny. Então eu quero toda a porra de informações que você pode me dar na merda da cadela gótica.” Peter apontou para seus homens em pé na porta. “Ninguém sai. Nós vamos voltar para pegá-la. Ela não vai passar uma noite na casa da bruxa! Nem uma porra de noite!” Peter subiu as escadas para o seu quarto.

Ele precisava de sua maldita arma.

Ele precisava começar a fazer planos.

Ele precisava se recompor e lembrar a si mesmo que a receberia de volta. Ele faria.

Ela pertencia a ele. O lugar dela era com ele.

CAPÍTULO VINTE E UM

Algo morreu por perto. O cheiro rançoso de podridão consumiu a pequena sala onde Azalea estava escondida. Não era bem uma cela - havia paredes pintadas, lençóis limpos na cama, mas nada como o conforto de sua antiga suíte em casa.

Porque a mãe não a levara para casa.

Depois que ela a afastou da segurança da presença de Peter, a empurrou para a traseira do Cadillac de sua mãe e dirigiu várias horas fora dos limites da cidade. Ela tentara perguntar para onde estavam indo, mas a mãe simplesmente a ignorara.

Por dois dias, estava sozinha em seu quarto atual. Um pequeno banheiro anexo tinha espaço suficiente para um vaso e um chuveiro stand-

up. O chão estava frio sob seus pés descalços; os ladrilhos finos há muito tempo haviam perdido qualquer textura ou coloração, deixando para trás um piso fosco e cor de ovo. Pelo menos ela recebera um cobertor e um travesseiro para a cama.

Sua mãe não se incomodou em explicar nada. Não dissera uma palavra depois de marchar com ela da vida de Peter. E agora, ela a havia escondido nesta sala. Para quê? Para viver o resto de sua vida em confinamento solitário?

Isso foi um castigo? Ou foi algo pior vindo em sua direção?

Ela poderia tentar bater na porta de novo, chamar alguém - mas, até agora, seus gritos foram ignorados. Sabia que alguém estava lá fora, do outro lado, porque de vez em quando ela ouvia passos.

O confinamento a lembrou da primeira vez que ela se viu trancada em sua suíte. Ela chorou por horas antes de se acalmar. Sua mãe havia explicado que era para sua segurança. Ela estava dando uma festa e queria ter certeza de que Azalea fosse mantida em segurança.

O medo surgiu no peito de sete anos de Azalea. Lágrimas escorriam

pelo seu rosto, e quando a escuridão da noite chegou, se arrastou para baixo dos cobertores e chorou até dormir.

Só que desta vez, Azalea já passava das sete e sabia que a escuridão não ia sinalizar a hora de dormir. Desta vez, sinalizaria algo muito mais sinistro.

Se ela tivesse pressionado Peter por mais informações sobre suas suspeitas sobre a mãe dela.

Eu não acho que sua mãe é sua verdadeira mãe, ele disse. Como poderia ser? Ela não se lembrava de ter mais alguém em sua vida. Nem mesmo o pai dela. Não havia ninguém.

A maçaneta balançou, assustando-a. Azalea se levantou, cruzando as mãos na frente dela, esperando que sua mãe entrasse como sempre fazia depois de colocar azaléia sob chave e fechadura.

“Se limpe. Você é esperada no andar de cima em meia hora.” Um homem – um que azalea nunca conhecera antes - com uma grande cicatriz que cobria a bochecha esquerda, e os olhos negros redondos jogou um pacote de roupas na cama estreita.

"Minha mãe quer me ver?" ela perguntou, tentando manter a esperança de alcançar sua voz.

O homem zombou. “Bellatrix requer sua presença. Não demore. Eu voltarei para você.” E com isso, fechou a porta de novo e trancou-a.

Azalea olhou através da roupa, um vestido de linho macio, amassado por seu manejo e roupas de baixo. Se ela fosse com rugas, sua mãe ficaria agitada.

Encontrando duas pequenas hastes projetando-se da parede de gesso, ela as puxou para fazer um gancho e pendurou o vestido. O vapor do chuveiro deve ajudar a tirar algumas das rugas.

Ela fez um trabalho rápido de lavar o cabelo. O cheiro do quarto úmido tinha que ter penetrado nos fios. Não havia secador de cabelo nem modelador de cachos, então ela fez o melhor que pôde com as toalhas finas que tinha recebido e os dedos como um pente.

Embora não tivesse tempo de dizer a hora, quando a fechadura se abriu de novo, não teve dúvidas de que o homem chegara ao tempo prometido.

Ela estava no centro da sala, o vestido quase livre de rugas e o cabelo solto em volta dos ombros. Olhou-lhe uma vez, grunhiu e fez sinal para ela segui-lo.

Estava escuro quando foi arrastada para o pequeno quarto, e ela não tinha sido capaz de ver seus arredores. Mas agora que estava solta, e ela não estava sendo forçada a se mover, observou a aparência de uma masmorra. As salas se alinhavam no corredor de ambos os lados. Não havia janelas em nenhuma das portas, apenas grandes parafusos.

Ela parou quando ouviu um gemido vindo de trás de uma das portas.

"Vamos lá." O homem com suas grandes mãos se aproximou e puxou-a para frente novamente.

Quem era aquela? A mãe dela tinha garotas lá embaixo?

Azalea tropeçou, mas rapidamente encontrou o equilíbrio e subiu a escada. Raios brilhantes de luz a cegaram quando ela pisou no patamar.

Protegendo os olhos com a mão em concha, piscou várias vezes antes de se ajustar à iluminação.

"Azaleia." A voz fria de sua mãe chamou sua atenção. "Abaixe sua mão. Você parece um idiota.” Sua mão foi levada embora.

Piscando para longe o último do nevoeiro, Azalea se concentrou em sua mãe. O epítome da perfeição, como sempre. Nem um único cabelo fora do lugar, sua maquiagem aplicada com cuidado, e as costas retas como uma maldita vassoura. Como é que Azalea não tinha notado até então o quanto sua mãe se parecia com as bruxas retratadas em todos os contos de fadas que foi contado a ela enquanto crescia?

“Você tomou banho. Bom. Teremos que fazer algo com o seu cabelo, no entanto. Ele precisa ser seco e enrolado, acho. Sim, grandes cachos ondulados. E você precisa de um pouco de rímel para destacar esses malditos olhos seus e um toque de cor para realçar suas bochechas.”

Azalea afastou o rosto quando sua mãe beliscou suas bochechas.

"Por quê? E onde estamos?” Azalea examinou o quarto. Não diferente do escritório de sua mãe em casa, a sala estava repleta de autorretratos.

"Estamos em minha casa,” sua mãe disse com um toque de alívio, como se um peso estivesse sendo levantado dela.

"Mas..."

"Oh, você não sabe nada, sua criança estúpida," Bellatrix retrucou. "Eu vou ficar tão aliviada quando isso terminar."

"Quando terminar? Você está falando em enigmas!" Azalea nunca havia levantado a voz para a mãe até aquele momento. Já basta. Ela não aguentou mais. Seu corpo doía, sua cabeça pulsava, e não tinha ideia de onde diabos estava.

Os olhos de Belatrix se arregalaram com a explosão de Azalea. Dando passos firmes em direção a ela, ela manteve seu olhar duro em Azalea.

A cabeça de Azalea estalou do impacto da mão da mãe pousando ferozmente contra sua bochecha.

"Você vai se comportar com a sua língua," Bellatrix fervia. Dando um passo para trás, ela alisou as mãos sobre a barriga lisa, respirando fundo.

A bochecha de Azalea pulsava de dor, mas ela ignorou. Não querendo dar satisfação a sua mãe - sua mãe obviamente perturbada.

"O que aconteceu com você?" perguntou Azalea, tentando entender

algo - qualquer coisa que explicasse o repentino comportamento de sua mãe em relação a ela. "Você está doente?"

Bellatrix riu, uma risada profunda e sinistra que Azalea não se lembrava de ter ouvido antes.

A porta da sala se abriu e dois homens entraram, Santos pendurado entre eles. Ele levantou a cabeça, um olho inchado. Seu lábio inferior estava inchado e sangrando. Azalea duvidava que ele fosse capaz de falar se quisesse.

"Mãe," Azalea falou baixinho. "Eu não entendo. Por que..." Ela parou e respirou fundo. "Porque estamos aqui? O que está acontecendo?"

"Azalea, é hora de você tomar um marido," sua mãe disse com um sorriso de escárnio.

"Tomar um marido?" O que diabos estava acontecendo? Sua mãe sempre foi muito protetora. Por que ela sequer consideraria tê-la se casando com alguém?

"Sim. Bem, não tenho certeza se o homem que comprar você vai realmente fazer de você sua esposa, ou tratar com algum tipo de afeto de

marido, mas isso realmente não importa.”

A respiração de Azalea ficou presa na garganta.

"Seu pequeno truque nas últimas semanas quase arruinou a coisa toda, mas felizmente cheguei em casa a tempo de consertar." Bellatrix andou ao redor dela, avaliando-a com seu olhar. "Peter, o idiota intrometido, tirou sua virgindade?" ela perguntou, indo de igual para igual com Azalea.

"Eu..." Não havia uma boa maneira de responder a essa pergunta. Se ela mentisse, sua mãe saberia, e se dissesse a verdade, sua mãe ficaria com raiva. “Eu preciso que você diminua a velocidade. O que está acontecendo? O que quer dizer com 'compra-me'?”

Bellatrix soltou um suspiro de ar. "Ele fez. Aqueles malditos homens Titons. Apenas pegam o que eles querem. Embora duvide que você tenha lhe causado muitos problemas.” Ela levantou uma sobrancelha escura para Azalea. "Tudo bem. Contanto que essa sua boceta seja boa e apertada, você ainda conseguirá um bom preço.”

Ela se afastou de Azalea, circulando em volta da mesa e abrindo uma

gaveta.

"Você vai me vender?" Azalea disse as palavras, mas seu cérebro ainda não as compreenderia.

Bellatrix suspirou novamente, puxando um revólver da gaveta da mesa. “Você é velha demais para ficar trancada. É seu vigésimo terceiro aniversário. Esqueceu o seu próprio aniversário?”

Aniversário dela. Azalea piscou. Ela havia esquecido - não que tivesse qualquer ideia de que dia realmente era. Dias sem ver a luz do sol faria isso.

“Por que você me manteria trancada? Eu não entendo! Você sempre foi tão protetora comigo e agora quer me vender para alguns – alguns...”

"Azaléia, por favor, preste atenção,” sua mãe estalou. “Não tenho mais uso para você. Essa é a verdade disso. E mantê-la é mais um aborrecimento do que vale a pena. Eu poderia matar você...” Ela acenou com o cano do revólver na direção geral de Azalea. “Mas olhe para você! Esse cabelo, esses malditos olhos seus e seu corpo foi feito para o prazer de um homem. Você tem algum valor restante. Que melhor presente de aniversário do que uma nova vida?”

Azalea esfregou os olhos. Por que ela não conseguia clarear o suficiente para entender o que estava sendo dito?

"Não se preocupe com essa tontura que você está sentindo," disse sua mãe. "Apenas um efeito colateral do sedativo. Quando terminarmos aqui, você pode voltar para a cela e dormir."

"Efeito?" Azalea piscou mais algumas vezes. Como ela havia lhe dado um sedativo? Ela não tinha comido ou bebido. Só tomou banho e escovou os dentes.

A pasta de dente? Poderia ter sido drogada?

"Sim. Depois de descansar um pouco mais, você será trazida aqui para se preparar. Há vários compradores em perspectiva vindo hoje à noite para o jantar. Você será apresentada então."

"Prospectiva..." As pálpebras de Azalea eram pesadas demais para serem mantidas abertas. Ela se inclinou contra a poltrona.

"Sim, e tenho certeza que você não vai me decepcionar. Você sorrirá e falará quando solicitado, e eu farei um bom lucro." Bellatrix levantou a arma. "Realmente não gosto de ficar desapontada." Balançando o braço

para a direita, ela puxou o gatilho.

As orelhas de azalea soaram pelo som do tiro, mas o que roubou sua atenção foi Santos caindo no chão. A bala atingira-o no centro da testa. O sangue se acumulou no chão. Os homens que o seguravam flanqueavam Azalea e seguraram-lhe os braços.

Ela era a próxima? Sua mãe terminaria sua vida quando estava prestes a começar?

Peter sabia ao menos onde ela estava?

Peter assumiu seus pensamentos enquanto sua mente desacelerou para um rastejar, em seguida, uma parada, e a escuridão que ela estava perseguindo assumiu completamente.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Peter bateu a porta do escritório e foi até o bar que seu primo mantinha. Uma bebida forte não seria suficiente para acabar com a raiva, o medo e a culpa que persistiam sobre ele, mas pelo menos seria suficiente para deixá-lo pensar com mais clareza.

Onde diabos Bellatrix teria levado azalea? Eles já haviam revistado a casa e o pequeno prédio de escritórios registrado no nome de Bellatrix. Nada. Nem um traço do caralho.

"Peter." Daniel entrou no quarto.

"O que?" Peter bebeu outro gole de uísque.

"Hunter e Damien chegaram."

Peter derramou outro dedo de licor. “Envie-os para dentro. O que está

esperando?"

Daniel abriu a boca como se estivesse prestes a falar, mas sacudiu a cabeça e desapareceu novamente.

Hunter e Damien entraram, usando expressões confusas, mas irritadas.

"Peter." Hunter estendeu a mão, mas Peter não se incomodou com as gentilezas.

"Damien, sente-se." Damien trabalhava para Hunter, que foi a única razão pela qual ele estava envolvido em tudo. Eles precisavam do tio de Hunter para cooperar.

"Peter, o que está acontecendo?" Hunter exigiu.

Peter suspirou. "Azalea se foi." Ele respirou, a dor com a lembrança dela sendo espirituosa não tinha entorpecido uma fração mesmo com a copiosa quantidade de uísque que tinha bebido.

“Azalea? A garota que meu tio estava perguntando?” Hunter pressionou.

"Sim. Seu nome é Azalea Gothel. Exceto...” Peter olhou para Damien, “não acho que esse seja o nome verdadeiro dela.”

"Ok, então o que isso tem a ver comigo, ou Damien?"

Peter manteve seu foco em Damien. "Você é filho Único?" Peter perguntou.

Damien riu. "O que isso tem a ver com alguma coisa?"

"Você é?" Peter pressionou. Ele precisava ter absoluta certeza antes de vazar algo para Damien.

"Sim, bem, não." O sorriso de Damien diminuiu. “Eu tinha uma irmã mais nova, mas ela foi morta. Há muito tempo, quando eu era criança.”

"Assassinada? Ou levada?” Peter pressionou, sabendo muito bem o olhar de desconforto nos olhos de Damien.

"Levada. Sequestrada quando tinha apenas um ano de idade. Mas nós assumimos que morreu... eu assumi.” Damien enfiou as mãos nos bolsos da frente. "Por que você está perguntando tudo isso?"

"E Belatrix fez negócios com alguém da sua família?"

"Eu era uma criança. Não sei." Damien encolheu os ombros, parecendo mais agitado.

“Se ela trabalha com meu tio agora, mais do que provavelmente lidou com o pai de Damien em algum momento. Ele trabalhou ao lado do meu tio quando éramos crianças.”

A lealdade não morria quando um membro da família morria, por mais solta que fosse a relação.

"Você está tentando me dizer que Bellatrix sequestrou minha irmã?" Damien se adiantou, sua voz dura e cheia de ameaças. "É melhor você ter alguma evidência real para sugerir algo assim."

Peter pegou uma foto de sua mesa e entregou a ele. “Essa é uma foto da câmera de segurança da Tower. Se não é parente sua, então é uma coincidência infernal.”

Hunter se aproximou de Damien para olhar a foto. Ele soltou um assobio baixo. "Inferno, esse cabelo."

“Sim, como ouro girado com listras de prata, assim como seu homem aqui. E os olhos e o nariz ... Inferno. Ela poderia ser sua maldita gêmea.”

"Por que você não disse algo quando estávamos aqui?" Damien perguntou, ainda olhando para a fotografia.

“Eu não reconheci até que você estava saindo. Não tinha certeza. E não queria dizer nada até saber com certeza. Mas então Bellatrix apareceu.” Peter passou a mão pelos cabelos.

Que porra do caralho mostrava o que aquela reunião tinha sido.

"Mas você tem certeza, agora?"

"Temos certeza de que Bellatrix não é sua mãe." Daniel entrou no quarto. "Parece que Bellatrix já foi uma menina do anexo."

As sobrancelhas de Peter se uniram. Ele não sabia disso.

“Ela estava no anexo, mas fora comprada. Depois disso, não há registro dela até que apareceu como uma fornecedora. Nós não conseguimos encontrar um registro dela no começo porque quando estava aqui, se passou por Bella Schmale. Não é muito de um nome. Deve ter mudado quando foi comprada.”

"Quem comprou ela?" Peter exigiu.

"Kevin Simon.” Daniel olhou para Damien.

"Meu pai?" Damien quase rugiu a pergunta. Hunter colocou a mão no ombro de Damien.

“Pelo que os livros mostram - e foi preciso decifrar o código de Samuel, mas sim, Kevin Simon comprou-a. Após a venda, não há nada. Samuel não fazia registro do que aconteceu com as mulheres depois que saíram do anexo.”

"Você se lembra de ter tido babá, talvez?" Hunter perguntou a Damien.

"Não. Nunca houve outra mulher em nossa maldita casa. Meu pai ficou fiel à minha mãe. Até o último suspiro.” Os olhos de Damien se escureceram, suas mãos se fecharam.

“De alguma forma Bellatrix teve acesso a Azalea. E ela a tem novamente. Precisamos descobrir onde ela a levou.” Peter se concentrou em Hunter. “Seu tio pode saber. Preciso de uma reunião com ele, preciso saber onde ela guarda as meninas.”

Hunter sacudiu a cabeça. “Ele não vai dar essa informação. Não para

um titon. Você está fora do negócio, lembra? E dar essas informações danificam seu próprio negócio...”

"Ela tem azalea." Peter interrompeu a frase. Ele estava farto dos jogos jogados pelas famílias. Todas as formalidades e besteiras. Se uma porra de cabelo estivesse torto na cabeça de Azalea quando ele a encontrasse, cada um dos filhos da puta pagaria.

"Eu vou pegar a informação que você precisa." Hunter pegou o telefone.

"Eu vou com você quando você a encontrar,” disse Damien, sentando-se na cadeira e pressionando as mãos nos joelhos.

Peter assentiu. Precisaria de bons homens para ir com ele. Era duvidoso que Bellatrix os recebesse de braços abertos.

Hunter saiu da sala com o celular pressionado contra a orelha.

“Encontrou mais alguma coisa nos livros do meu tio?” Peter perguntou a Daniel.

“Nada que fizesse sentido ou valesse alguma coisa. Ele lidou com

Bellatrix mais tarde, comprando garotas dela de vez em quando. Principalmente, ele vendeu para ela.”

"Se ela machucar Azalea"

"Ela não vai." Hunter entrou no quarto novamente. "Ela não pode machucá-la."

"Por quê?" Damien perguntou.

“Porque está vendendo-a. Há um leilão para ela esta noite.”

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Com uma cabeça menos grogue, mas ainda confusa, Azalea foi conduzida a um camarim. Ela não sabia quanto tempo dormiu. Só sabia que estava sendo preparada para ser violada.

“Apenas um pouco de maquiagem. Sua inocência é onde está sua beleza.” Sua mãe flutuou no quarto apertado. A mulher que segurava o modelador em uma mão e uma grande quantidade de cabelo da Azalea na outra assentiu.

"Claro, madame,” disse ela. “Qualquer coloração em seus lábios? Eles são cheios. Os homens vão gostar de vê-los.”

Bellatrix bateu o queixo enquanto inspecionava Azalea, fazendo-a se sentir mais como um presunto premiado do que sua filha. "Sim. Eu acho que você está certa. Eles definitivamente vão gostar deles.”

"Mãe." Azalea tentou novamente argumentar com ela. “Sinto muito por não ter conseguido escapar de Peter. Me desculpe, eu não estava em casa quando você voltou, mas você não pode simplesmente - você não vai, vai? Vender-me?"

O olhar frio de Bellatrix causou arrepios na azalea.

“Azalea, você não é minha filha. Não por sangue. Não por nada. Você foi uma vingança e agora que serviu a esse propósito, é hora de ir embora.” Era a voz da mãe dela. Suave e intencional, como de costume, mas as palavras - tão insensíveis - tão frias.

"Eu não sou sua filha?" Peter a avisara, dissera-lhe, mas ela rejeitara a ideia.

“Eu peguei você - de um homem que achava que ele poderia me descartar tão facilmente. Ele amava sua esposa e me deixou de lado - mas também foi por sua causa. Foi você que ele amava tanto. E você fez aquela bruxa de cabelos prateados tão feliz quando nasceu. Quando ele me expulsou, eu esperei, mas depois vim para você.”

"Você me sequestrou?" A descrença de Azalea a colocou em ação e ela

começou a se levantar da cadeira. Com um rápido empurrão, a cabeleireira a empurrou para trás.

"Fique abaixada, ou vou amarrar você lá," a mulher ameaçou, sacudindo o ferro quente para ela.

"Eu precisava que você ficasse escondida, longe de olhares indiscretos. Entrei no negócio por conta própria e fiz um grande sucesso. Você será meu maior lucro neste trimestre, no entanto. O que é adequado, considerando quanto dinheiro me custou ao longo dos anos."

O coração de azalea se apertou. Ela havia sido sequestrada. E agora estava sendo vendida. Para quem? Que homem compraria outro ser humano?

Não era uma pessoa gentil, disso ela tinha certeza.

"Ah, lá vamos nós. Ela finalmente está entendendo." Bellatrix deu uma tapinha na bochecha dela.

Azalea bateu a mão e olhou para ela.

"Eu não vou ser vendida." Peter chegaria lá. Não permitiria que isso

acontecesse. Ele estava tentando avisá-la sobre sua mãe. Ele sabia - em quanto detalhe, ela não tinha certeza, mas ele sabia que Bellatrix era uma má notícia. Não deixaria isso acontecer. Ninguém estava comprando-a hoje à noite.

"Você levanta a sua voz e depois a sua mão para mim?" Os olhos de Belatrix se estreitaram, seus lábios se estreitaram e suas narinas se alargaram.

"Se você me marcar, seus clientes ficarão descontentes," Azalea estalou para ela, reconhecendo a luta nos olhos de sua mãe. Já tinha visto isso antes, quando ela se esgueirou e a testemunhou lidando com seus homens.

"Mova-se." Bellatrix empurrou a cabeleireira para longe dela e pegou um par de tesouras da mesa." Você está certa. Eles não vão gostar se você tiver hematomas em sua pele delicada. Mas não se importarão com o seu cabelo como você. Ela pegou em uma mão, e não importava o quanto Azalea lutou e tentou bater nela, não era páreo para Bellatrix.

Azalea podia sentir cada fio sendo puxado para longe enquanto Bellatrix cortava a massa de cabelo. O peso diminuiu, e no momento em que

Bellatrix jogou a tesoura de volta na mesa, as pontas do cabelo de Azalea mal chegavam aos ombros.

Foi cortado.

Lágrimas inundaram seus olhos. Ela tocou as extremidades, as extremidades cruas e irregulares. Tudo isso foi embora.

"Limpe essa bagunça e vá com cachos curtos," Bellatrix ordenou. "Se ela lhe causar mais problemas, amarre-a e amordace-a. Podemos apresentá-la assim, se ela escolher. Embora tenha certeza de que qualquer homem que a encontre amarrada e amordaçada provavelmente não será gentil e amável com ela uma vez que a tenha."

Azalea não olhou para ela. Não precisava. O frio em sua voz era claro o suficiente.

"Você é sortuda." A cabeleireira passou um pente pelos cabelos curtos.

"Como é isso?" Azalea perguntou, sentindo-se tão patética quanto provavelmente soou.

“A maioria das meninas que Madame Gothel vende são exibidas em grupos de cinco pessoas. Então, quando a última garota estiver à venda, ela pode não ter bons clientes. Os homens recebem uma ordem de licitação, e aqueles que não são tão ricos, nem tão polidos, são colocados no fim. Mas você é a única garota sendo vendida hoje à noite. Terá uma chance melhor de conseguir um dono decente.”

"Eu não quero um dono." Azalea cerrou as mãos no colo. Queria Peter. Com toda a sua arrogância e severidade, e até mesmo suas terríveis punições, ela o queria.

"Bem, não é com você,” disse a cabeleireira, e aparou o cabelo cortado irregularmente. "Quando terminarmos com isso, você estará pronta."

Azalea pegou na bainha do vestido de linho que ela usava. "Ela está passando por todo esse problema com o meu rosto e cabelo, mas quer que eu use esse vestido de pijama?"

A cabeleireira riu. “Você não vai usar nada, garota. Você está sendo vendida. Estará completamente nua.”

ლ ლ ლ

Todo o corpo da azalea estava em chamas. Ela ficou na entrada do showroom. Foi assim que eles chamaram, um showroom. Como uma concessionária de carros! Uma vez lá, deveria permanecer em silêncio e fazer exatamente como lhe foi dito ou haveria consequências terríveis. Ou como ela foi informada.

A cabeleireira não tinha sido muito reconfortante quando as lágrimas de Azalea caíram. Ela bateu em seus seios nus e castigou-a por arruinar o rubor que aplicara.

A azálea havia sido despida, lavada e sobrecarregada para seu mostruário. Lágrimas brotaram, mas ela foi capaz de impedi-las de cair e arruinar sua maquiagem. A cabeleireira sorriu depois de bater nos seios pela primeira vez - dizendo-lhe que os homens gostariam de ver um pouco de rubor nos seios dela. Azalea evitou fazer isso de novo.

“Traga ela dentro. Gothel a quer na plataforma, sob a luz. Amarre suas mãos se ela resiste em tudo.” Um homem apareceu na porta e deu suas instruções. Aparentemente, a cabeleireira também seria sua acompanhante.

“Não posso acreditar que você a ajude a vender mulheres. Que tipo de pessoa você é?” A azalea assobiou quando a cabeleireira a empurrou para o movimento.

“Uma pessoa muito rica. Vocês garotas valem um bom dinheiro.” Com uma tapinha suave no traseiro de Azalea, ela riu.

“Ah, aqui está ela. Azalea.” A voz de Bellatrix assumiu a persona de cuidadora amorosa e carinhosa. Azalea teve o cuidado de não pensar nela de maneira materna. Seria demais e desmoronaria ali mesmo. Precisava de seu sentido sobre o que viria a seguir.

Quão estúpida e ingênua ela fora! Toda a sua vida, pensando que sua mãe a amava tanto, a manteve escondida das partes horríveis do mundo. Que sua mãe só a queria em segurança. Quão estúpida, estúpida, estúpida ela tinha sido!

O quarto estava frio. Instantaneamente, Azalea sentiu os mamilos se apertarem com o aumento do frio. Bellatrix pensou em tudo. Que melhor maneira de obter os pequenos caroços em sua carne e animar os mamilos, do que forçar a reação com a temperatura.

Uma luz brilhante brilhou nela desde o seu primeiro passo para a sala, cegando-a de ver mais alguém. Seu acompanhante conduziu-a por um pequeno conjunto de degraus até uma plataforma e apontou para um pequeno X marcado com fita adesiva no chão. Azalea parou no local e olhou para a sala. Ela precisava ver os homens. Peter estava lá? Ele descobriu a venda e entrou?

Ainda era tão ingênua!

"Eu gosto das tetas dela," uma voz masculina falou.

“Sim, legal e redonda. Eas são tão pesadas quanto parecem?” outro perguntou.

“Você pode ver por si mesmo. Um de cada vez, por favor." A voz cantada de Bellatrix virou o estômago de Azalea.

"E sua buceta?" outro falou. “Eu não vejo cabelo lá, muito legal, mas ela é apertada? Uma virgem, talvez?”

“Ela não é virgem, não. Um homem já teve seu caminho com ela, mas sua vagina é muito apertada. Você pode inspecioná-la quando for a sua vez, embora apenas seus dedos sejam permitidos.”

Dedos? Esses homens iriam ser autorizados a sondar e cutucá-la? Eles iam tocar e examinar? E no final, alguém iria comprá-la.

Sua mente se recuperou, ela deu um passo para não cair.

“Oh, ela é bem inocente. Eu acho que a ideia de todos nós ficarmos com o dedo naquela buceta a deixou tonta. Você pode amarrá-la para que ela não desmaie?”

"Claro."

Azalea congelou, olhando para as escadas. Ela poderia tentar fugir. Não tinha ideia do layout da casa ou de onde eles estavam, mas talvez pudesse sair?

Antes que pudesse se mexer, um grande anel foi baixado do teto, e a cabeleireira estava lá novamente, junto com um homem que ela não conhecia. Ela realmente conhecia alguém em sua vida? Eles puxaram seus braços acima de sua cabeça.

"Não lute, ou eles vão querer que você seja punida,” a cabeleireira advertiu em um sussurro. Azalea tinha uma boa ideia do que os homens gostariam de ver.

Ela engoliu o grito em sua garganta e afastou as lágrimas. Precisava pensar. Tinha que haver uma saída disso.

Seus pulsos estavam amarrados e presos ao anel. A nova posição elevou seus seios e esticou seu torso.

"É melhor também espalhar as coxas para nós também," gritou outro homem.

"Sim, amarre seus tornozelos, facilitará a inspeção de qualquer maneira," Bellatrix ordenou.

Mais algemas foram colocadas sobre ela e suas pernas estendidas além da largura dos ombros. Ela estava completamente em exibição.

Não havia mais luta contra eles; as lágrimas rolaram facilmente.

"Tão bonita," gritou um homem. "Mil para ir primeiro."

"Mil e quinhentos," outro gritou.

Eles estavam leiloando quem conseguiu manipulá-la antes que a licitação começasse?

“Vencedor de três mil. Você pode subir primeiro,” afirmou Bellatrix.”

Azalea apertou os olhos, tentando ver o homem indo em sua direção, mas a luz ainda estava muito brilhante.

Ela ouviu passos na plataforma e se virou para vê-lo. Uma cicatriz escura percorreu seu queixo. Seu cabelo era branco como a neve. Ela fechou os olhos, tentando se desvencilhar do toque dele.

"Se você a tocar, você morre,” uma voz sombria explodiu.

"O que é isso?" o homem muito perto para ela ignorar perguntou.

"Se você colocar seus velhos dedos enrugados nela, eu os cortarei e os alimentarei antes que te mate."

Azalea abriu os olhos e tentou ver. Precisava ver. A voz tinha que ser ele.

O holofote se apagou. A iluminação indireta continuou. Ainda assim, Azalea piscou, incapaz de ver claramente.

"O que diabos está acontecendo?" uma voz masculina gritou na sala.

Pelo menos uma dúzia de homens se levantou. Todos encarando azalea.

Na parte de trás, na entrada da sala, três homens estavam de pé, com as armas desembainhadas.

Peter estava na vanguarda, sua arma apontada para o homem ao lado de Azalea.

"O leilão acabou," declarou Peter naquela voz baixa e controlada. Azalea sabia o que significava, mas os homens na sala não pareciam entender. Ninguém se mexeu.

"Por sua inconveniência, as mulheres do Anexo estão esperando para atender às suas necessidades hoje à noite. De graça," disse o homem à direita de Peter. Ele era grande, não tão ameaçador como Peter, mas um pouco mais alto.

"Muitas regras no anexo," um homem reclamou.

"Então vá para outro lugar, mas este leilão está terminado, e não haverá mais aqui. Gothel está se aposentando," afirmou o homem.

A arma e os olhos de Peter ainda estavam focados no homem no palco. Azalea precisava que ele olhasse para ela. Precisava de segurança.

Bellatrix subiu no palco, deixando sua posição na platéia, empurrando o velho fora do caminho. Ele tropeçou e saiu correndo, indo para a saída.

"Não preciso de todo esse fodido drama." Ele acenou com a mão no ar.

Os homens saíram, não dando outro olhar a Bellatrix ou Azalea. Peter ainda não tinha olhado para ela, seu foco agora voltado para Bellatrix.

"Fique longe dela," Peter exigiu se aproximando.

"Não," berrou Bellatrix, de pé atrás de Azalea, usando-a como um escudo. "Ela é minha."

"Ela nunca foi sua." O terceiro homem, o de cabelos curtos, avançou, passando por Peter. Sua arma estava mirada no palco.

"Oh céus." Bellatrix riu. "É você, Damien?"

Quem diabos era Damien?

“Olhe para você, todo crescido. Se parece tanto com seu pai com essa expressão de raiva, mas ainda tem a coloração de cabelo da bruxa, não é?”

"Afaste-se da Azalea.” Damien chegou mais perto do palco.

“Eu tenho o meu justo. Eu venço,” Bellatrix gritou, colocando uma faca no pescoço de Azalea.

"Se você a libertar agora, vou deixar você viver,” Peter afirmou calmamente, parado perto de Damien.

Azalea choramingou, sentindo a ponta afiada da lâmina contra o pescoço dela. Distorcer-se era impossível com as amarras.

"Não vai me matar?" Bellatrix riu novamente, um som estridente que enviou um arrepio no corpo de Azalea. “Já tive o suficiente da sua interferência. Tive que competir com sua família por muito tempo. E agora você pensa em tomar Azalea de mim? Por quê? Então você pode vendê-la nesse anexo?”

"Eu não estou à venda." Azalea encontrou sua voz. Não era tão alta e tão mandona quanto a dos homens, mas foi capaz de forçar as palavras para fora.

“Oh? Por quê? Você acha que esse homem te ama? Sua idiota! Os homens não amam as mulheres, eles as usam.”

"Deixe-me ir, ou ele vai te matar." Azalea olhou para Peter, concentrando-se nele mesmo quando ele parecia tão distante dela. Por que ele não olhava para ela?

"Bellatrix, não há como sair daqui,” o terceiro homem falou, andando pelas cadeiras vazias. Sua arma não estava mais puxada e, na verdade, ele parecia completamente entediado. "Seus homens foram atendidos, e as mulheres que você trancou abaixo agora pertencem ao Sr. Jansen."

"Hunter? Por que seu tio tiraria meu estoque?”

"Porque ele está irritado por você, sua velha louca," Peter disparou para ela.

“Você pensa em levar Azalea para casa? Fazer dela sua esposa? E você vai viver feliz para sempre?” Belatriz empurrou a faca contra Azalea; a mordida da borda a fez estremecer. Os olhos de Peter se voltaram para os dela por um breve momento e depois a deixaram novamente. "Então você pode jogá-la de lado por uma das lindas putas em seu estoque?"

Damien moveu-se novamente, aproximando-se, mas parou quando Azalea choramingou. A faca cavou mais fundo, e um fio de sangue quente escorreu pelo seu pescoço.

“Apenas me liberte. É tudo o que você tem que fazer,” Azalea falou novamente. A faca se moveu, mais sangue correu e ela cerrou os dentes.

"Eu não quero ouvir sua voz,” Bellatrix disse em seu ouvido. Ela se moveu para o outro lado, ainda segurando a faca e produzindo uma arma.

"Não!" Azalea resistiu, tentando desequilibrar Bellatrix. A faca cortou sua garganta e Bellatrix tropeçou.

Ela apontou sua arma. Um tiro disparou depois outro. Azalea ouviu um grito. Foi dela? Quão profundo seu pescoço foi fatiado? Tanto sangue parecia estar escorrendo pelo seu peito. Seu peito nu. Tão frio. O quarto estava tão frio.

"Peter,” ela gritou, incapaz de ver através de suas lágrimas. Onde ele estava? "Peter!" ela gritou novamente.

“Shh, eu tenho você. Tudo bem, Azalea. Tudo vai ficar bem.” A voz de Damien, suas mãos em seus pulsos. "Merda! Isto é profundo!"

Ela foi abaixada das restrições, colocada na plataforma. Tecido pressionado contra o pescoço dela.

"Não faz mal." Ela virou a cabeça para o lado. "Peter," ela sussurrou.

Alguém apagou as luzes novamente. O holofote não retornou. Vozes desapareceu.

Tudo desapareceu.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

"Peter." Ashland Titon levou-o para fora de sua névoa de remédio para dor e sono.

Peter abriu os olhos. "O que você está fazendo aqui?" ele perguntou ao primo e sentou-se em sua cama.

“Primeiro de tudo, eu moro aqui, idiota. Segundo, Daniel me ligou.”

"Eu disse a ele para não fazer isso."

"Bem, ele trabalha para mim, não para você." Ash afundou na poltrona no canto do quarto de Peter. "Ele também me disse que você não sai deste quarto em três dias." Ash se inclinou para frente e pressionou as mãos nos joelhos. "Só vai deitar aqui e lamber suas feridas?"

"Cale-se." Peter jogou as cobertas para trás e se levantou, deixando a

cabeça parar de girar antes de ir ao banheiro para mijar. Ele bateu o dedo do pé no baú da baia e soltou uma maldição.

“Sim, você vai ter que assistir isso. Percepção de profundidade leva dois olhos,” Ash disse atrás dele.

Peter tocou o remendo sobre o olho esquerdo. Eles tentaram salvá-lo, mas não havia esperança. Teve sorte de ter sua vida; se ele tivesse virado na outra direção, teria um rosto cheio de balas.

"Foda-se você." Peter acenou com a mão para seu primo e chegou ao banheiro sem mais incidentes. A dor havia diminuído o suficiente para não o deixar no limite, mas ainda precisava se acostumar a sua visão sendo apenas unilateral.

Quando ele voltou, Ash sentava-se no mesmo lugar, a mesma posição.

"O que você quer?" Peter perguntou com um mau humor.

“Eu queria ter certeza de que você estava bem - e dada a sua atitude idiota, diria que você está bem. Fisicamente, pelo menos.” Ash recostou-se na cadeira, apoiando o tornozelo esquerdo sobre o joelho direito. Obviamente, se preparando para uma longa conversa.

Peter pegou um par de jeans da ponta da cama e enfiou as pernas neles. "Bem, desde que você pode ver que estou bem, por que você não está no seu caminho?" Peter acenou para a porta. Com Ash de volta, poderia se mudar para a cobertura imediatamente. Talvez hoje.

“Recebi uma ligação de Jansen. Ele gostaria de saber o que aconteceu com o carregamento de garotas que deveria receber em troca de colocar você no leilão.” Ash não era alguém para medir palavras.

Peter tirou uma camiseta da cômoda e enfiou-a por cima da cabeça, passando os braços pelas mangas. "Você terá que fazer a Hunter essa pergunta."

“Eu sugeri isso - visto que ele é seu sobrinho e tudo mais. Hunter está dizendo que não havia garotas. Disse que as celas sob a casa de Bellatrix estavam todas vazias.” Ash inclinou a cabeça.

Peter queria um cigarro. Estranho visto que ele não acendeu um desde o colegial.

"Você realmente quer saber?"

Ash sacudiu a cabeça. "Não. Eu não. Mas vou escolher assumir que as

meninas desaparecidas da casa de Bellatrix não têm nada a ver com o aumento da equipe do Anexo nos últimos dias.”

Peter olhou para o primo, cansado e dolorido. "Boa escolha."

“E tenho certeza que todas as garotas que acabamos de contratar tiveram uma escolha.”

“Cada uma delas. Algumas estarão trabalhando com Daniel para encontrar suas famílias. Mas elas não são funcionárias, são convidadas.” Peter sentou-se na beira da cama, querendo afundar na maciez do colchão e tentar esquecer as últimas semanas.

"Agora." Ash suspirou. "A garota.”

Peter fechou os olhos. Ele tinha feito tão bem em não pensar nela. Bem, pelo menos conseguiu controlar os pensamentos. Na maioria das vezes. Ele foi capaz de reconhecer que estava pensando nela. Isso foi a mesma coisa, certo?

“O nome dela é Azalea. Ou pelo menos esse é o nome que Bellatrix deu a ela. Eu não sei o nome real dela.”

"Cristal. Esse é o nome verdadeiro dela, mas pelo que entendi, ela não quer usar isso.”

"Ela está indo bem, então?" Peter passou a mão pelos cabelos. Precisava de um banho e tirar a barba.

“Ela foi liberada do hospital. Está com o irmão na propriedade de Hunter.”

"Bom." Peter assentiu. Seu tempo com ela não tinha sido longo o suficiente. Quase nada. Mas ele tinha que reconhecer que era hora de deixá-la ir. Ela não queria estar lá em primeiro lugar. Foi forçada e depois coagida. Melhor ela ficar com seu irmão e começar de novo.

"Não verificou o seu telefone, então?" Ash perguntou.

"Não. Eu disse a Daniel para me falar se surgisse algo que precisasse da minha atenção. Eu imaginei que alguns dias de silêncio não machucariam.” Peter coçou a nuca.

“Bem, idiota, se você tivesse checado o seu telefone, teria visto que Damien e Hunter estão tentando falar com você. Eles exigiram que você a visse. Aparentemente, quando você abandona uma mulher, elas têm essa

maneira tola de expressar sua dor.”

Os olhos de Peter estalaram para a expressão de Ash. O sarcasmo poderia ser um pouco menos dramático, mas Peter entendeu. "Ela está bem?" Ele perguntou.

"Fisicamente? Sim. Foi um corte bem profundo pelo que eles me disseram, e ela vai ter uma cicatriz desagradável, mas está curando como deveria. Nenhum dano na garganta ou nas cordas vocais.”

As mãos de Peter abriram caminho no bolso da frente da calça jeans. Ele precisava conseguir controle. Seu coração bateu muito rápido.

"Eu não deveria ter deixado essa mulher doida fodida tirá-la daqui." Peter disse as palavras que estavam repetindo em sua mente desde o segundo que Bellatrix se afastara da mansão com Azalea.

“Bem, aconteceu mesmo assim. Você não pode mudar o passado, e com certeza não pode fazê-la chafurdar, também.” Ash se levantou, sua mandíbula firme.

"Isto é diferente. Eu a decepcionei. Eu disse a ela que não se machucaria.”

“Porra, Peter. Você chegou até ela a tempo. O que você ia fazer com ela cercada por quatro caras e Bellatrix? Apenas começar a atirar neles e esperar que você não tevesse atirado nela também?”

"Não importa. Ela nunca quis estar aqui em primeiro lugar. Agora tem sua liberdade.”

Ash sacudiu a cabeça. “Você sabe, primo, às vezes sua estupidez me surpreende. Se você acha que Azalea é livre porque ela não está aqui - você é um idiota maior do que lhe dei crédito.”

“Você não estava aqui. Você não sabe.”

“Eu sei muito disso. Sei que você é bem versado em me dizer quando estou apaixonado por uma mulher, mas fodidamente sem noção de ver os sintomas em si mesmo.”

Peter cerrou o queixo. Apaixonado. Não, ele podia se importar muito com ela. Porque queria ter certeza de que cada segundo de cada dia fosse preenchido com alguma forma de prazer e ela estava sempre segura, não significava que ele a amava. Ele podia pensar nela com muita frequência. E seu peito podia apertar quando pensou em nunca mais vê-la, mas isso não

significava que estava apaixonado.

Porra.

Peter soltou um suspiro pesado. "Mesmo se isso fosse verdade, ela não retorna o sentimento."

“Se você acredita nisso, é um idiota. De qualquer maneira, leve sua bunda até Hunter e a veja. Deve a ela pelo menos isso, não acha?” Ash se dirigiu para a porta.

“Desde quando você ficou todo sensível? Acho que sua esposa arruinou você,” Peter disparou para ele.

Ash riu. “E eu sou muito grato por isso. Agora vá em frente.”

Peter observou a porta se fechar atrás de seu primo e ficou olhando para os painéis de madeira por um longo momento depois. Verificá-la estaria bem.

Apenas uma visita rápida.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Azalea sentou-se na varanda dos fundos da casa de seu irmão, puxando o casaco que havia colocado em volta dela. O suéter de gola rulê que usava irritava seu pescoço, mas era melhor do que todo mundo ver a ferida desagradável. Os pontos sairiam em poucos dias e deixariam uma cicatriz feia para trás.

Para sempre relembrando sua ingenuidade e estupidez.

"Ei, está ficando frio aqui fora." Damien, seu irmão - ela tinha um irmão mais velho, falou baixinho enquanto ele se juntava a ela na varanda. Ele se sentou ao lado dela, olhando para os jardins.

"Estou quente o suficiente," disse ela, ainda tentando se acostumar com a idéia de ter família. Damien esteve com ela a cada momento no hospital. Ele nunca havia deixado a cama dela, e quando chegou a hora de

sair, cuidou de tudo e a trouxe para casa.

Ela deveria ser mais grata. Se não fosse por Damien, estaria na rua. Peter nunca tinha vindo por ela.

Ela esperou. Uma vez que descobriu a extensão de seus ferimentos, ficou tão aliviada que chorou. Ele não estava morto. Ia ficar bem. E ela imaginou que uma vez que se sentisse melhor, ele apareceria.

Mas ele nunca veio.

Ela parou de perguntar sobre ele depois do segundo dia de estar em casa - na casa de Damien. Se ele não se incomodou em vê-la no hospital, não o faria agora.

Por que ele iria? A emoção foi embora. Ela não era mais seu pequeno mistério para resolver ou seu brinquedo para brincar.

“Eu sei que isso tem sido muito para você. Tem sido um pouco estranho para mim também. Eu me lembro de você como um bebê. Eu me lembro de mamãe te embalando no seu quarto e papai segurando você enquanto tentava brincar comigo no quintal ao mesmo tempo.”

Damien pintou uma foto que ela desejava poder lembrar. Nunca teve nada assim crescendo com Bellatrix. Ela a sufocou com proteção - mas, no fim das contas, era para mantê-la escondida de qualquer pessoa que pudesse reconhecê-la e devolvê-la à sua família.

"Eles soam perfeitos,",ela sussurrou.

"Eles eram," disse ele.

Ela aprendeu que ambos os pais já haviam morrido. Foi por isso que Bellatrix a deixou sair de casa de vez em quando. Mesmo que ela fosse reconhecida, não havia pais para devolvê-la. Sua vingança foi realizada.

"Eu não me lembro dela em casa," disse Damien com hesitação. Indo em direção a uma conversa que ele provavelmente tinha sido cauteloso sobre o tema.

Azalea inalou um longo suspiro. "Ela disse que amava o seu - quero dizer o nosso pai - mas ele recusou. Eu não sei como ela o conhecia, ou se morava com a gente."

Damien assentiu. "Eu vou levá-la para a casa amanhã para que você possa arrumar qualquer coisa que queira manter."

"Obrigado. O que acontece com todas as suas propriedades agora?" Azalea perguntou.

"É complicado. Você vê, Bellatrix Gothel não existe realmente - não no papel, de qualquer maneira, e na morte dela - bem, isso também não aconteceu."

"Desculpe por interromper." Jaelynn, a esposa de Hunter abriu a porta dos fundos. "Azalea, você tem uma visita."

"Quem é?" Damien perguntou em um tom com autoridade semelhante à de Peter, exceto que Damien veio de um sentimento fraternal.

"É para ela," respondeu Jaelynn, abrindo mais a porta para dar espaço a Azalea para entrar na casa.

"Jae, quem é?" Damien perguntou novamente. Os dois pareciam gostar de morder os nervos um do outro. Azalea achou cativante que eles fossem mais parecidos com irmão e irmã do que Azalea e Damien.

"É Peter?" Azalea perguntou.

Jaelynn sorriu. "Sim, e ele parece todo bizarro sobre alguma coisa."

"Por que isso faria você sorrir?" Azalea perguntou. Fora de sua nova família, ela encontrou uma amiga instantânea em Jaelynn.

"É o mesmo tipo de perspicácia que Hunter dar." Jaelynn se aproximou de Azalea quando ela passou. “É um bom sinal. Confie em mim." Ela deu uma tapinha no ombro dela. "Não. Você fica longe deles.” Jaelynn bloqueou Damien quando ele tentou seguir.

Azalea riu. Pela primeira vez em dias, e se senti bem. "Basta nos dar alguns minutos, tudo bem, Damien?"

O olhar irritado que ele lançou a Jae fez Azalea rir de novo.

"Bem. Mas apenas alguns minutos.” Ele voltou sua atenção para Jaelynn, que permaneceu um bloco sólido. "Jae, se você não sair do meu caminho, eu vou buscá-la e levá-la para o seu quarto."

“Pfft. Assim me assusta,” Jaelynn brincou.

"Então vou chamar Hunter e dizer a ele que você estava colocando seu nariz onde não pertence."

Isso pareceu chamar a atenção de Jaelynn. Azalea percebeu

semelhanças entre como Hunter falava com Jae e como Peter se dirigia a ela. Ela não tinha coragem de perguntar sobre isso ainda, mas decidiu que precisaria em breve.

"Valentão," Jae disse e se afastou. "Na sala da frente, Azalea. Certifique-se de fechar a porta," ela falou por cima do ombro e desapareceu no corredor.

"Cinco minutos," disse Damien a Azalea. "Então eu vou entrar."

"Damien." Azalea apertou uma mão chata no peito do irmão. "Deixe-me cuidar de Peter."

"Você não está sozinho agora, Azalea," disse ele com os olhos amolecendo.

"Ela não está sozinha há semanas." A voz de Peter definiu o corpo de Azalea no limite.

"É sobre a maldita vez que você apareceu," Damien estalou. Dando a azalea um olhar de apoio, ele apontou para Peter. "Você tem cinco minutos." Ele deu um tapinha na mão de Azalea e saiu da sala. Ela e Peter estavam sozinhos na cozinha.

Virando-se para encará-lo, ela não poderia estar preparada para vê-lo. Uma mancha preta cobria seu olho esquerdo, uma ferida costurada cobria vários centímetros da bochecha esquerda. Ele não se barbeou em dias; barba preta cobria o queixo e o pescoço. A camiseta preta se agarrava ao seu torso musculoso e mostrava as tatuagens escuras cobrindo seus braços.

E ele estava vestindo jeans.

"Você está vestindo jeans." O pensamento saiu de sua boca.

Peter bufou de leve. “Isso é o que você comenta? Não o remendo de pirata?”

“É só que você nunca usa jeans. Você sempre usa calças.”

"Parece que conhecer você me fez começar a fazer muitas coisas que normalmente não faço." Ele se aproximou dela, preenchendo o espaço com sua presença.

Havia prometido a si mesma se ele aparecesse de novo, ela se endureceria com ele. Ela iria acabar com ele tão facilmente quanto ele a jogou de lado. Infelizmente, o resto do corpo dela não recebeu o memorando. Seu coração já acelerou e sua pele ansiava por seu toque.

"Isso doi?" ela perguntou, olhando para o adesivo.

"Não mais." Ele tocou a borda do remendo. "Só esperando que tudo se cure para que eu consiga um olho de vidro."

"Eu não acho que eles são feitos de vidro mais." O que diabos eles estavam fazendo falando sobre o maldito olho dele? Ela não deveria estar gritando com ele por abandoná-la?

"Bem, vamos descobrir," disse ele, dando mais um passo e puxando o decote da gola para baixo para ver sua garganta. Ela não o impediu. O pouquinho de seu toque no pescoço dela era bom demais para se virar. Ela torceu a cabeça para lhe dar uma visão melhor.

"Não dói tanto agora," assegurou quando ele não disse nada.

"Eu nunca vou perdoar Damien por matar aquela bruxa," ele murmurou.

"Ele estava me protegendo."

Peter soltou sua gola e capturou seu rosto nas palmas das mãos. Seu olho escuro encontrou o dela e a trancou no lugar. "Eu queria matá-la.

Deveria ter atirado nela na casa. Eu nunca deveria ter deixado ela te levar.”

Azalea envolveu suas mãos ao redor de seus pulsos, mas não o moveu.

“Por que você esperou para me ver? Esperei por você. Fiquei esperando que você aparecesse e nunca o fez.” Sua voz vacilou, mas ela continuou. “Depois de tudo o que aconteceu, você simplesmente se afastou. Você está aqui para o que?"

"Você."

"Eu?" Ela afastou as mãos dele e caminhou ao redor da ilha da cozinha, sabendo que se ela não colocasse algo físico entre eles, se apaixonaria por seus toques novamente. "Como se você pudesse simplesmente me levar de novo?"

"Não." Ele balançou a cabeça e enfiou as mãos nos bolsos. “Eu prometi que você sempre teria uma escolha. E você tem. Eu deveria ter vindo até você no segundo em que acordei. Nunca deveria ter esperado. Fui um idiota.”

Ela sentiu o queixo cair e fechou a boca. "Acho que já mencionei isso para você antes."

Ele sorriu. “Sim, você fez. Mas desta vez, concordo. Fui um idiota completo por não correr para o seu lado. Pensei que você ficaria feliz em se livrar de mim. Não precisar mais ficar comigo. Com Gothel morta, e agora você tem um irmão - pensei que você preferiria tê-lo, começar de novo sem todas as memórias que eu traria comigo.”

Ela mordeu o lábio inferior e permaneceu em silêncio por um momento. Não podia simplesmente deixar escapar as coisas como no passado. Precisava conter seus pensamentos, colocá-los em ordem primeiro.

"Seu idiota. Eu te amo. Por que iria querer alguém além de você?” Ok, ela precisava de mais prática. “Você não traz nenhuma lembrança ruim com você. Quero dizer - ok, talvez nós tenhamos nos conhecido de uma maneira não convencional - mas...” Como dizê-lo, como você diz a um homem que ama ser dele - ser possuída, controlada e protegida por ele.

"Mas o que?" Ele colocou a mão na ilha e foi em direção a ela. "Vá em frente, termine sua exposição."

“Você não fez nada para mim que eu não queria ou não amava. Mesmo quando estava sendo um idiota. Mesmo quando não conseguia me

sentar confortavelmente. Tudo foi exatamente como deveria ser conosco.”

"Vá em frente,” ele ordenou.

"Mas você não pode simplesmente desaparecer sem nenhuma explicação." Sua voz se elevou. “Eu precisava de você, Peter. Quando estava deitada naquela cama de hospital tentando descobrir onde me encaixava no mundo agora, precisava de você. Porque tudo que eu sabia acabou sendo uma mentira. Tenho um novo irmão. Não tenho mãe. A única coisa que era real - ou pelo menos o que eu achava que era real - era você. E você acabou sendo uma farsa também.” Lágrimas que ela vinha lutando por dias finalmente caíram, sacudindo sua voz.

Ele estava nela em um instante, puxando-a contra ele e beijando o topo de sua cabeça. Ela se agarrou a ele, talvez com um pouco de medo de que desaparecesse de novo, ou porque ela só precisava senti-lo perto dela.

"Você está cert,” disse ele depois que ela se acalmou e seus soluços se acalmaram. “Eu deveria estar lá. Eu deveria ter deixado você fazer a escolha se você me queria em sua vida ou não. Me desculpe, estou mais triste do que você vai saber. E para compensar você, não vou espancar sua bunda deliciosa por me chamar de idiota.”

Ela se afastou do abraço dele para olhar para o rosto dele, sem ter certeza se ele estava brincando ou não.

"O que? É o mínimo que posso fazer pela mulher que amo."

"Você" Seu protesto foi cortado por seus lábios cobrindo os dela. Ele a beijou com uma febre que poderia queimá-la. Um aviso e uma promessa das coisas por vir. E ela queria tudo isso.

"Prometa-me," ela conseguiu dizer quando ele a soltou.

"Eu juro para você, Azalea, nunca vou te deixar de novo. E não precisa descobrir onde pertence neste mundo. Porque você já sabe."

Ela olhou para ele, aquele olhar escuro e exigente e assentiu. Ela sabia.

"Diga." *Homem mandão.*

"Contigo. Eu pertenço a você." Ela limpou uma mecha de cabelo da testa dele. "Sempre."

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Peter inclinou-se sobre a mulher amarrada de bruços na cama, a bunda dela de um vermelho quente, as costas marcadas lindamente de seu flogger[4], e sua excitação brilhando em sua boceta exposta.

Ele beijou o pescoço de Azalea, arrastando mais deles pelas costas até chegar à bunda dela. Isso, ele bateu com a palma da mão aberta, recebendo o mais doce som de dor dela.

"Você tem sido muito boa esta noite." Ele puxou seus quadris até que ela conseguiu ficar de joelhos. Seus braços estavam amarrados na cabeceira da cama, então ela não estaria indo muito longe. Ele alinhou seu pau em sua entrada quente.

"Sim, eu tenho," ela concordou. Engraçado como ela poderia ser agradável quando estava prestes a ser fodida sem sentido.

[4] Chicote com mais de uma tira, as vezes com várias tiras de tamanhos irregulares. Usado em BDSM.

“Nós vamos ter que fazer isso rápido. Somos esperados lá embaixo,”,ele disse, agarrando seus quadris.

"Maneira de arruinar o momento,” ela murmurou, e ganhou outra palmada para sua bunda já punida. Ela grunhiu, não o tipo de som que dizia que estava descontente.

“Quieta enquanto eu te fodo. Nem uma palavra, azalea. Quero dizer. Nem uma merda de palavra.” Ele beliscou o quadril para testá-la. Um pouco de grito, mas nada mais. “Boa menina. Tome sua porra.” Ele segurou seus quadris e mergulhou fundo. Sua vagina agarrou-o, cercando seu pau com calor e umidade que não lhe dava uma chance do inferno de ir devagar com ela.

Não que ela gostaria que ele fosse.

Ele recuou e avançou novamente. Outro grunhido.

"Você gosta disso, Azalea?" Perguntou e fez uma pausa para ver se ela responderia.

Ela assentiu.

Ele riu. "Boa menina.” Ele estendeu a mão, agarrando um punhado de seu cabelo curto e puxando a cabeça para trás. "Porra goza para mim, então." Ele a fodeu com força, seus corpos batendo um no outro. Seus gemidos se misturaram com seus grunhidos e não demorou para que ambos encontrassem sua satisfação.

Azalea gritou seu nome quando ela encontrou sua libertação. Ele soltou o cabelo dela e a montou até que explodiu dentro dela, enchendo-a com sua semente, marcando seu corpo novamente como dele.

E ela era. Completamente sua.

Peter desamarrou os pulsos, beijando as marcas deixadas pela corda. "Eu amo ver isso,” disse ele, passando a língua sobre um.

"Você gosta de qualquer coisa que mostre aos outros que pertenço a você,” Azalea brincou, rolando de costas e sorrindo para ele.

"Isso é verdade." Ele deixou cair um beijo na testa dela. "Vestir-se. Ash e Ellie estão nos esperando.”

Azalea se sentou, limpando o cabelo do rosto. "Por que você me deixaria exausta e me diria que tenho que passar a noite com as pessoas?"

ela perguntou.

Ela tinha razão. Ele provavelmente deveria ter esperado até depois de passar algum tempo no clube com sua prima, mas quando ela saiu do banho com o cabelo bagunçado e o corpo ainda molhado, ele não se negou.

"Porque eu posso. Agora apresse-se.” Deu-lhe uma palmada rápida para que ela se movesse.

Ela pegou a toalha que estava usando quando ele a pegou e jogou na cama mais cedo e desapareceu em seu armário.

Eles se mudaram totalmente para a cobertura por quase um mês. Tower estava transbordando de clientes, graças às habilidades de marketing de Azalea, e todas as suas feridas físicas tinham se curado. A cicatriz em seu pescoço estava desaparecendo lentamente, e com o tempo ele esperava que ela esquecesse que estava lá completamente.

"Como estou?" Ela saiu de um armário usando um longo vestido roxo, o decote V caindo até o estômago mostrando algum decote, mas deixando a maior parte dela um mistério.

“Eu te disse que não temos muito tempo. Vou te foder feito louco

quando chegarmos em casa hoje à noite. Pare de me tentar," ele brincou.

Ela colocou as mãos nos quadris. "Vendo como uma toalha de banho me fez há pouco, sinto que nada no meu armário é seguro."

"Verdadeiro o suficiente." Abotoou a camisa e terminou de enrolar antes de pegar o paletó. "Ok, vamos fazer isso." Ele pegou a mão dela e levou-a para o elevador que os levaria para o clube.

Ellie e Ash já estavam sentados em seu box privado.

"Finalmente," Ash resmungou enquanto as mulheres se abraçavam.

"Cale-se." Peter deu-lhe um empurrão.

"Eu pedi alguns aperitivos," disse Ellie.

"Oh bom. Estou esfomeada." Azalea sorriu e se inclinou para Ellie. "Vamos sair para almoçar amanhã. Vi um novo restaurante que está abrindo no lago e quero tentar."

"Claro. Nós vamos fazer um dia disso. Que eu não tenha aulas."

Peter assistiu Azalea fazendo planos para explorar a cidade. Ela não

conseguia o suficiente para ver novos lugares e experimentar tudo o que ela não tinha permissão ao crescer. Peter manteve um olhar atento, porém, certificando-se de que ela não exagerasse. Demasiado de uma só vez, muitas vezes a deixava solene e quieta.

"O clube está chutando o traseiro." Ash cumprimentou-o.

“Estou pensando em abrir outro andar. Há muitos deles neste edifício que não estão sendo usados .”

“Podemos ter cada andar como um tema diferente. Como um andar poderia ser uma cena doméstica. Sendo um restaurante completo.” Azalea concordou com suas idéias.

"Eu amo isso." Ellie sorriu. "O que você acha, Ash?"

"Soa como uma ideia sólida."

"Ei, isso me lembra." Ellie se virou para Peter. “Eu não consegui encontrar um dos meus vestidos pretos quando fui me preparar para esta noite. Eu sei que você levou algumas coisas para a Azalea - o que é ótimo - mas você se lembra daquele? Tem um decote baixo - como o vestido dela hoje à noite?

"Oh sim! Eu me lembro disso," disse Azalea. "Ele deu para mim. Eu vou encontrá-lo e levá-lo de volta para você. Desculpa."

"Não, não, tudo bem." Ellie tomou um gole de vinho.

"Você não pode devolvê-lo," interveio Peter.

"Por que não?" Azalea perguntou.

Peter olhou para ela, apreciando a inocência de sua expressão no momento. "Porque rasgou quando eu rasguei você."

O rubor foi rápido em aparecer e se enfureceu em suas bochechas. Ash começou a rir.

"Peter," Azalea repreendeu, parecendo mortificada. "Eu sinto muito, Ellie."

"Está bem. Mesmo." Ellie sorriu, olhando para Ash. "Isso acontece nesta família."

Peter pegou a mão de Azalea. "Você tem duas famílias. Você tem Damien e você nos tem." Ele deu um beijo nos nós dos dedos. "Você não poderia ser mais amada, Azalea." Ele deixou cair um beijo na testa dela.

Seu peito aqueceu. Tirando a pequena caixa do bolso, ele a abriu e tirou o anel que estava escondendo. “Você estava certa. Eu amo qualquer coisa que te marca como minha.” Ele segurou o anel para ela. "Seja minha esposa?"

"Você está perguntando?" Azalea procurou sua expressão. Ele prometeu que ela sempre teria uma escolha.

"É realmente mais simbólico, mas sim, estou perguntando." Ele sorriu.

"Claro que eu vou." Ela o beijou. Ele deslizou o anel, uma faixa de prata com uma pedra lilás cercada por diamantes, em seu dedo.

"Bem, outro Titon morde a poeira." Ash ergueu o copo em um brinde.

“Ok, nós socializamos o suficiente. Vamos lá." Peter se levantou e segurou a mão dela.

"Acabamos de chegar aqui,” Azalea apontou, rindo enquanto ele a puxava de seu assento.

“Ash e Ellie entendem,”,ele assegurou, dando a Ash um aceno de cabeça e piscando para Ellie - apreciando seu rubor quase tanto quanto o de

Azalea.

Peter a levou de volta ao elevador e apertou o código da cobertura.

Azalea segurou a mão dele com força. "Você me deu tudo, Peter."

Ele a empurrou contra a parede de vidro e a beijou. "Você é tudo, Azalea."

As portas do elevador se abriram e continuaram assim até Peter terminar de beijar sua noiva.

"Três segundos para sair deste vestido antes de eu arrancá-lo," ele ordenou e deu um tapa retumbante em sua bunda.

"Ainda bem que economizei tempo e não usei nenhuma calcinha."

Ele riu. "Você não tem que usar." Ele adorava controlar o uso de sua calcinha. Manteve-as na gaveta e distribuiu-as quando absolutamente necessário.

"Eu te amo, Peter Titon." Ela colocou os braços ao redor do pescoço dele.

"E eu amo-te." Ele a beijou. "Um, dois, três," ele sacudiu os números e agarrou seu decote.

E eles viveram felizes para sempre...